

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

ASPECTOS DA FONOLOGIA DZUBUKUÁ

Recife

2008

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

ASPECTOS DA FONOLOGIA DZUBUKUÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/Departamento de Letras/Centro de Artes e Comunicação (CAC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.

Co-Orientador: Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa.

Recife

2008

Queiroz, José Márcio Correia de
Aspectos da fonologia Dzubukuá / José Márcio
Correia de Queiroz. – Recife: O Autor, 2008.
122 folhas: il., quadros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2008.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. Lingüística. 2. Índios - Línguas. 3. Gramática
comparada e geral - Fonologia. 4. Índios Karirí.
I.Título.

801

CDU (2.ed.)

UFPE

410

CDD (20.ed.)

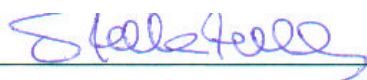
CAC2008-14

JOSÉ MÁRCIO CORREIA DE QUEIROZ

ASPECTOS DA FONOLOGIA DZUBUKUÁ

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco/UFPE como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovado em fevereiro de 2008.



Prof^ª. Dr^ª. Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Universidade Federal de Pernambuco – Recife



Prof^º. Dr^º. Marcos Galindo Lima

Universidade Federal de Pernambuco – Recife



Prof^º. Dr^º. Dermeval da Hora Oliveira

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa



Prof^ª. Dr^ª. Gilda Maria Lins de Araújo

Universidade Federal de Pernambuco – Recife

DEDICATÓRIA

A Deus,

A meus pais – Afonso e Nair,

A meus irmãos e família,

À Stella, à Claristella e à Gilda (grandes amigas),

À memória dos índios Dzubukuá,

À memória de Gilvani Santos de Holanda –

que deixou saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e perseverança que me tem dado, pelos caminhos que me tem aberto; como também pelas pessoas admiráveis que pôs em minha vida, principalmente durante esta minha caminhada acadêmica.

A meus pais, Nair e Afonso, pelo apoio e incentivo, os quais estiveram sempre ao meu lado animando-me nas situações mais difíceis, e compartilhando os momentos de vitória. Tornaram-se meus primeiros amigos e mestres, cuja integridade e dedicação me ajudaram a vencer muitos obstáculos.

À Prof^a. Stella Telles pelos anos de convívio em trabalhos ligados às línguas indígenas brasileiras; por ter, sobretudo, acreditado em mim e ter me ensinado que a fé, a liberdade, a perseverança e a amizade são frutos também de crescimento profissional. A ela devo minha eterna gratidão.

Ao Prof. Marcos Galindo pela sua orientação construtiva, positiva e amigável, tornando-se para mim um referencial de humildade e paciência; um pesquisador que não mede tempo nem esforços para contribuir, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento e crescimento humano e intelectual dos seus alunos e orientandos.

Ao Prof. Marlos Pessoa pela sua co-orientação que muito me ajudou no amadurecimento e burilamento da pesquisa e do trabalho final. O Prof. Marlos representa para mim um exemplo de trabalho e dedicação, um pesquisador que soube conciliar sabiamente sucesso profissional e simplicidade.

Ao Prof. Dermeval da Hora pelas suas importantes contribuições a esta pesquisa durante a pré-banca e a defesa. Seus esclarecimentos, sugestões e orientações amadureceram algumas reflexões acerca de aspectos do trabalho ainda obscuros e deram uma maior sobriedade ao andamento da pesquisa, contribuindo significativamente para versão final deste trabalho.

Ao Prof. Aryon Rodrigues pelo material disponibilizado e pelo apoio à realização e bom andamento da pesquisa. O prof. Aryon representa não só um referencial para aqueles que

trabalham com línguas indígenas, mas também um grande defensor da cultura e povos indígenas.

À Prof^a. Gilda Lins pela suas contribuições durante e após a defesa deste trabalho. A prof^a. Gilda, além de um exemplo de pesquisadora e cientista, é, para mim, um grande referencial de competência profissional, amizade e solidariedade. Sua admirável dedicação à ciência, à cultura, à arte e aos direitos humanos me ensina que a humanidade ainda representa um terreno fecundo de onde pode brotar os mais belos gestos e exemplos de solidariedade e fraternidade.

À Capes pela confiança em mim depositada, constituindo-se como órgão financiador da pesquisa que realizei e cujos frutos apresento neste trabalho.

Aos pesquisadores e bolsistas do Núcleo de Estudos Indigenistas/NEI-UFPE, pelo apoio e disponibilidade. Para mim, exemplos de dedicação, seriedade, amizade e profissionalismo. Devo ao Núcleo o meu amadurecimento como ser humano, pesquisador e professor. Foi lá onde aprendi que o respeito às diferenças é o primeiro passo dado rumo à liberdade e à construção de uma sociedade mais humana, justa e fraterna.

Aos professores, bolsistas e funcionários que compõem o quadro funcional do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, os quais sempre se mostraram dispostos a ajudar os alunos pós-graduandos no que fosse necessário para o bom andamento dos trabalhos e pesquisas realizados. São para mim exemplos de empenho, trabalho e competência.

Aos professores que constituem o quadro da graduação e o da pós-graduação do Departamento de Letras, aos quais devo minha formação intelectual e profissional; como também a meus colegas-amigos que ingressaram juntamente comigo no Mestrado em Lingüística 2006 da UFPE pela amizade, colaboração, pelo apoio e incentivo. O carinho, a atenção e o apoio de vocês me deram a força necessária para concluir este trabalho.

(...) cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa.”

(Rodrigues [1986, p. 27], em **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**)

RESUMO

O Dzubukuá, dialeto Karirí, se constitui como objeto de estudo deste trabalho, mais especificamente a sua fonologia. Até o presente momento, não havia trabalhos dessa natureza, mas, sim, estudos comparativos rudimentares voltados apenas para a grafia, morfologia e sintaxe; como também vocabulários comparativos e lista de palavras. Estas páginas, portanto, representam um primeiro trabalho acerca dos aspectos fonológicos do dialeto Dzubukuá, e, neste sentido, valem como uma contribuição aos estudos tipológicos da família lingüística Karirí e do Tronco Macro-Jê. Nesta perspectiva, o presente trabalho, apoiado nos postulados estruturalistas e pós-estruturalistas, tem como objetivo resgatar a fonologia do Dzubukuá a partir do catecismo impresso do Frei Bernardo de Nantes (1709). Para isso, foi feito um exaustivo levantamento de dados a partir do *corpus* presente no catecismo impresso mencionado; depois tais dados foram organizados em tabelas e, seguidamente, foram comparados aos seus correlatos no Kipeá encontrados na gramática (1877 [1699]) e no catecismo (1942 [1698]) do padre Vicencio Mamiani e nos estudos de Azevedo (1965); e, a partir daí, foram delineados os casos de alofonia e postulados os fonemas, os padrões silábicos e acentuais. Foi constituído um inventário de vinte e três fonemas para o Dzubukuá – quatorze consoantes, dois *glides* e sete vogais. Foi verificado, também, no Dzubukuá, a ocorrência de alguns processos fonológicos e morfofonológicos. Ao nível silábico, no entanto, foram encontrados seis padrões básicos, os tipos V, CV, CCV, VC, CVC e CCVC; e, ao nível acentual, foi observada a presença de palavras proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas.

Palavras-chave: Lingüística; Língua Indígena; Karirí; Dzubukuá, Fonologia.

ABSTRACT

The Dzubukuá, Karirí dialect, is constituted as object of study of this work, more specifically its phonology. Until the present moment there have not been works about it, but rudimentary comparative studies directed to the spelling, morphology and the syntax; as well as comparative vocabularies and list of words. The present paper, therefore, represent a first work about the phonological aspects of the Dzubukuá dialect, and, in this sense, they are worth as a contribution to the typological studies of the Karirí linguistic family and of the Macro-Jê. In this perspective, the present paper, supported by the structuralism and post-structuralism postulates, have as its main objective the rescue of the Dzubukuá's phonology starting from the priest Bernardo de Nantes' printed catechism (1709). For this reason, an exhaustive survey of data was made, starting from the *corpus* found in the above mentioned printed catechism; then such data were organized in tables and, soon after, they were compared to its cognates in the Kipeá, found in the grammar (1877 [1699]) and catechism (1942 [1698]) of priest Vicencio Mamiani's and in Azevedo's studies (1965); and, starting from there, the cases of allophone were delineated and the phonemes and the syllabic and accentuate patterns were postulated. An inventory of twenty-three phonemes was done for the Dzubukuá – fourteen consonants, two glides and seven vowels. It was also verified, in the Dzubukuá, the occurrence of some phonological and morphophonological processes. At the syllabic level, six basic patterns were found, the kinds V, CV, CCV, VC, CVC and CCVC; and at the stress level, the presence of proparoxytone, paroxytone and oxytone words was observed.

Key words: Linguistic; Indigenous Language; Karirí; Dzubukuá; Phonology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
3 METODOLOGIA.....	27
4 OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL COLONIAL.....	31
4.1 Os Karirí.....	36
4.1.1 Os Dzubukuá.....	38
4.1.2 Os Kipeá: remanescentes atuais dos povos Karirí.....	43
5 FONEMAS DZUBUKUÁ.....	45
6 AS CONSOANTES: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA.....	50
6.1 As consoantes oclusivas.....	50
6.2 As consoantes nasais.....	54
6.3 A consoante flepe.....	57
6.4 A consoante fricativa.....	58
6.5 As consoantes africadas.....	59
6.6 A consoante lateral.....	60
6.7 Síntese dos resultados das consoantes.....	61
7 OS GLIDES: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA.....	63
7.1 O glide /w/.....	63
7.2 O glide /j/.....	64
7.3 Síntese dos resultados dos glides.....	64
8 AS VOGAIS: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA.....	65
8.1 As vogais anteriores.....	66
8.2 As vogais centrais.....	70
8.3 As vogais posteriores.....	73
8.4 Síntese dos resultados das vogais.....	77
9 A SÍLABA EM DZUBUKUÁ.....	79
10 PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS.....	83
10.1 Processos de assimilação.....	83
10.1.1 Palatalização.....	83
10.1.2 Nasalização.....	84
10.2 Alçamento vocálico.....	84

10.3 Alongamento vocálico.....	85
10.4 Elisão.....	86
10.5 Processo que inibe a realização da forma espaiada da nasal palatal.....	87
10.6 Apagamento.....	87
11 O ACENTO LEXICAL EM DZUBUKUÁ.....	90
11.1 Proeminência acentual.....	91
11.2 Oscilações de tonicidade.....	93
11.3 Acento como demarcador de fronteiras morfológicas.....	95
12 ALOGRAFIAS.....	96
12.1 Ocorrências isoladas.....	96
12.1.1 Alografes consonantais.....	96
12.1.2 Alografes vocálicos.....	99
1.2 Variações tipográficas.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
BIBLIOGRAFIA.....	106
APÊNDICE.....	113

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de localização do Sertão de Rodelas no período colonial.....	39
Figura 02 – Retrato de uma antiga urna funerária brasileira contendo o corpo de um chefe índio.....	42
Figura 03 – Árvore silábico-hierárquica do Dz.....	79

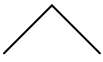
ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01 – Consoante e <i>glides</i> do Dz.....	45
Quadro 02 – Vogais do Dz.....	48
Quadro 03 – As consoantes do Dz e seus respectivos alofones.....	61
Quadro 04 – Os <i>glides</i> do Dz e seus respectivos alofones.....	64
Quadro 05 – As vogais do Dz e seus respectivos alofones.....	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

C	margem esquerda (ataque) e direita (coda) da sílaba
(C)	margem esquerda (ataque) ou direita (coda) não obrigatórias
Dz	Dzubukuá
Kp	Kipeá
Pt	Português
p/	para
'S	sílaba tônica
S	sílabas átonas (pretônicas ou postônicas)
(S)	sílabas átonas (pretônicas ou postônicas) não obrigatórias
s.p.	sem página
V	núcleo silábico

LISTA DE SÍMBOLOS

// (barras paralelas)	realização fonológica
[] (colchetes)	realização fonética
() (parênteses)	indica a representação gráfica dos exemplos apresentados
:	(dois pontos) alongamento fonético
.	(ponto) fronteira de sílaba
σ	(sigma) nível da sílaba
+	(sinal de mais) indica a presença de um traço fonético ou a junção ou combinação de elementos mórficos na composição de uma estrutura lexical
< > (barras angulares)	utilizadas no pequeno vocabulário (apêndice deste trabalho) para destacar os títulos literais que aparecem em ordem alfabética antes das entradas dos respectivos verbetes
-	(hífen) fronteira de morfemas
→ (seta à direita)	indica que o fonema se realiza foneticamente de determinada maneira no dialeto estudado
~ (til)	indica variação e a nasalidade das vogais
 (barras inclinadas p/ cima)	ramificação hierárquica da sílaba, em geral; do ataque, quando complexo, e da rima silábica

| (barra vertical) ramo hierárquico de posição de ataque e coda silábicos

1 INTRODUÇÃO

Persiste, ainda, entre os autores brasileiros a tendência em generalizar sob o termo “índio” culturas diferentes, que possuem manifestações próprias, sejam elas semelhantes ou não entre si. Tende-se a pensar numa única cultura, num único povo, numa única religião e num único modo de ver e perceber as coisas. As realidades simbólica, social, material, espiritual e lingüística desses povos contradizem essa concepção, ainda alicerçada, direta ou indiretamente, em postulados etnocêntricos. Como bem esclarece Aryon Rodrigues, no primeiro capítulo de seu livro **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**:

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas (RODRIGUES, 1986, p. 17).

Provavelmente essa concepção generalizante que ainda vigora, em maior ou menor grau, entre a sociedade brasileira é uma herança do período colonial, em que as diversas etnias indígenas foram tratadas de modo uniforme sob um mesmo designativo. Como também foi a partir da implantação do processo colonial português que várias culturas e línguas ameríndias foram gradativamente silenciadas.

Ao aportar no Brasil (século XVI), o colonizador português se deparou com uma grande diversidade de povos com hábitos, costumes e modos de vida peculiares que os diferenciavam entre si em menor ou maior grau. A coroa lusitana via nessa diversidade de culturas e línguas um empecilho para a concretização de sua empresa colonizadora. Essa tamanha heterogeneidade não só dificultava a franca comunicação entre colonizador e colonizados, mas também entravava o processo colonizatório. Cada comunidade nativa possuía sua própria organização cultural e sócio-política.

Nessa perspectiva, para assegurar o controle e a autoridade da Metrópole sobre a colônia, era necessário integrar as várias sociedades nativas aos parâmetros culturais e geopolíticos europeus. Para isso, seria preciso haver agentes entre os colonizadores que se dispusessem a concretizar esses propósitos junto aos índios, convertendo-os aos padrões de vida lusitana. Ficou, pois, a cargo dos missionários essa tarefa que através de gramáticas, dicionários e catecismos foram, gradualmente, adequando as populações nativas sob sua tutela à nova realidade sócio-cultural que se instalava na colônia. No entanto, os compêndios produzidos no período colonial atendiam a finalidades diferentes. Enquanto as gramáticas e os

dicionários foram produzidos para o aprendizado dos religiosos, os catecismos se destinavam especialmente à conversão dos nativos à fé cristã. Através dessas produções, a Coroa Portuguesa ganhava novos súditos, e a Igreja, um novo rebanho.

No entanto, a violência explícita e simbólica contra as culturas indígenas não se limitou apenas às cercas dos aldeamentos e reduções no período colonial, mas ultrapassou as fronteiras do Brasil-Colônia, sobrevivendo nos discursos da intelectualidade e da política do início do século XIX (BORGES, 2004). Mesmo com a promulgação da Constituição Cidadã, em 1988 – a primeira a contemplar os direitos dos povos indígenas – e com a Constituição Federal em vigor, “ainda são grandes as hostilidades” contra esses povos, “alimentadas não só por ambições de natureza econômica, mas também pela desinformação sobre a diversidade cultural do país, sobre a importância dessa diversidade para a nação e para a humanidade” e também a falta de informação e esclarecimentos a respeito dos “direitos fundamentais das minorias” à voz e à vez (RODRIGUES, 2005, p. 36).

A partir da expulsão dos holandeses do Brasil, expandem-se e intensificam-se as ocupações coloniais no interior da colônia. O sertão nordestino acaba sendo palco do nascimento das primeiras fazendas de gado e testemunha dos inúmeros pactos e lutas entre índios e colonos. Entre os nativos sertanejos, na época, encontravam-se os Karirí, habitantes do semi-árido nordestino que ocupavam uma extensa faixa territorial, desde o Ceará até o norte do sertão baiano. Os Dzubukuá, no entanto – um dos ramos Karirí e cuja língua se constitui objeto de estudo do presente trabalho –, ocupavam a região denominada, na época, de Sertão de Rodelas. Essa porção sertaneja do território nordestino se situava na área do médio rio São Francisco, mas propriamente na parte compreendida entre “a barra do rio Grande e a cachoeira de Paulo Afonso” (GALINDO, 2004, p.17). Os Dzubukuá, tal como várias outras populações indígenas, foram extintos. Existem apenas nos registros históricos e em alguns costumes dos habitantes do sertão nordestino. Sua língua e cultura se encontram documentados nos registros escritos por Bernardo de Nantes e Martinho de Nantes, missionários que conviveram diretamente com esses índios.

A perda de inúmeras sociedades indígenas não traz consequências apenas para os estudos lingüísticos (especialmente para a Etnolingüística), mas também para os demais campos científicos e culturais. Diante dessa realidade, as fontes escritas se tornam imprescindíveis, constituindo-se em mais uma contribuição tanto para a lingüística como para as demais ciências que buscam nas sociedades nativas do Brasil pré-colombiano compreender o rico universo cultural e simbólico da humanidade e os seus significados; e entender os sentidos que, por meio deste universo, o homem atribui à natureza, à sua relação com ela e

com outros de sua espécie. Nesta perspectiva, os estudos lingüísticos têm nos registros escritos fortes aliados para o resgate da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e, assim, entender possíveis fenômenos que se davam nessas instâncias; como também se tornam a base para levar o lingüista a compreender a maneira como esses falantes expressavam e refletiam “em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais” o seu mundo físico e simbólico (RODRIGUES, 1986, p. 23).

Até o presente momento não se tem notícia de estudos a respeito da fonologia do Dzubukuá. Os estudos existentes se limitam apenas a listas de palavras, a pequenos vocabulários comparativos e a uma abordagem comparativa rudimentar da morfologia e sintaxe realizados por autores do século XIX e da primeira e início da segunda metade do século XX (ver ADAM, 1897, VON MARTIUS, 1867, MENEZES SOBRINHO, 1928, 1947 e 1950, GOEJE, 1932, MÉTRAUX, 1958, referidos na bibliografia ao final deste trabalho). Dentre eles, Lucien Adam (1897) é o único que apresenta uma comparação gráfico-tipológica preliminar entre os dialetos constitutivos da língua Karirí – além do dialeto em estudo, o Kipeá, o Sabuyá e o Kamurú ou Pedra Branca. No entanto, por serem rudimentares, esses estudos oferecem apenas um panorama geral acerca do Dzubukuá, carecendo da profundidade necessária para uma consistente descrição lingüística e, mais propriamente, fonológica.

A abordagem fonológica do dialeto em questão foi uma lacuna deixada nos estudos lingüísticos indigenistas por esses autores. Até o presente momento, a única Fonologia consistentemente postulada para a Língua Karirí foi a do dialeto Kipeá sistematizada por Azevedo (1965).

Desta forma, o presente trabalho de investigação procura contribuir com os estudos lingüísticos da família Karirí, delineando, para isso, uma fonologia para a variedade Dzubukuá. Deste modo, este trabalho poderá servir como um material significativo para estudos futuros dispostos a traçar um perfil, acompanhar e compreender a dinâmica do comportamento fonológico dessa família lingüística; e, assim, recuperarem parte do patrimônio nacional, pertencente, de forma mais específica, ao Nordeste brasileiro.

Como instrumento acadêmico-científico, a presente investigação, vista de uma forma mais ampla, representa mais uma contribuição teórica para o conhecimento e classificação lingüística do Tronco Macro-Jê, no campo das línguas indígenas brasileiras; já que, como expressão humana, cada “língua indígena brasileira não só refletem, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa” (RODRIGUES, 1986, p. 27). Com isso, compreende-se que o registro e o entendimento de

fatos lingüísticos – até então desconhecidos – é condição *sine qua non* para que a Ciência Lingüística obtenha maiores recursos para o avanço de estudos tipológicos e dos universais lingüísticos, contribuindo, deste modo, para o processo de conhecimento da extraordinária faculdade da linguagem humana.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa objetiva resgatar a fonologia do dialeto Dzubukuá, Língua Karirí, de modo a descrever seu sistema fonológico e o funcionamento desse sistema. Para isso, teve-se como fonte primária o catecismo impresso escrito pelo missionário capuchinho Frei Bernardo de Nantes (1709); e como fontes secundárias ou auxiliares, o manuscrito deste último autor, os estudos comparativos de Adam (1897), e os registros do Kipeá (outro dialeto Karirí aparentado) presentes em Mamiani (1877 [1699], 1942 [1698]) e nos estudos de Azevedo (1965). Para este resgate, visou-se a atingir os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as consoantes, *glides* e vogais e seus respectivos alofones e distribuição;
- Descrever os padrões silábicos que constituem o dialeto em estudo;
- Apresentar os casos de alofonia motivadas fonologicamente e/ou morfofonologicamente;
- E, por fim, traçar um esboço do padrão acentual para o Dzubukuá, a partir dos indícios gráfico-acentuais encontrados no texto impresso do catecismo analisado.

Estruturalmente, o presente trabalho se encontra organizado em 11 capítulos. O primeiro capítulo apresenta as bases teóricas utilizadas para a consecução das análises e compreensão dos fenômenos fonético-fonológicos observados.

O segundo capítulo versa sobre os procedimentos adotados para a constituição do material e levantamento de dados e sobre o percurso tomado para a descrição e análise desses dados e concretização da pesquisa aqui proposta.

O terceiro capítulo traz um panorama geral acerca do cenário histórico no qual se deu a colonização e as primeiras descrições e registros das línguas indígenas no Brasil. Como também apresenta algumas considerações feitas a respeito dos povos Karirí, e, dentre estes, os Dzubukuá – cuja fonologia se constitui objeto desta pesquisa – e os Kipeá, atuais remanescentes Karirí.

No quarto capítulo se encontra a nomenclatura dos fonemas verificados para o Dzubukuá e os pares mínimos que validam suas ocorrências no dialeto estudado. Já no quinto, sexto e sétimo capítulos, por sua vez, encontram-se a descrição, distribuição e os casos de alofonia dos fonemas verificados para o dialeto em estudo.

No oitavo capítulo traz os padrões silábicos encontrados no Dzubukuá e suas respectivas restrições quanto às posições ocupadas dentro da sílaba. Já no capítulo seguinte serão apresentados os casos de alofonia decorrentes de motivações fonológicas e/ou morfofonológicas.

No décimo capítulo foi feito um breve esboço acerca do comportamento do acento lexical no dialeto estudado, a partir das evidências gráficas de determinados diacríticos encontrados no catecismo. Preferiu-se chamar aqui de “esboço” devido às poucas informações gráficas fornecidas e à pouca sistematicidade do uso de determinados mecanismos gráficos pelo autor do catecismo em estudo.

E, por fim, no décimo primeiro capítulo serão apresentados os grupos de alografias constituídos por casos isolados – que podem ou não estarem sinalizando realizações fonéticas particulares – e por ocorrências provenientes de possíveis lapsos tipográficos cometidos na época durante a impressão do catecismo.

O presente trabalho também disponibiliza um apêndice onde é apresentado um pequeno vocabulário constituído pelas palavras utilizadas nos exemplos que aparecem ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O interesse pelo estudo das línguas indígenas brasileiras teve seu início com a colonização portuguesa. Na época, os que as estudavam eram, em sua maioria, missionários que, por motivos práticos, ligados a fins religiosos e educacionais, deram andamento à descrição das línguas; enquanto os colonos portugueses as aprendiam apenas para fins comunicativos e exploratórios (RODRIGUES, 1998, p. 59-78). Rodrigues (1998, p. 69-77) chama a atenção para o Tupinambá, adotado como língua geral pelos colonos para se comunicarem com os índios da costa brasileira. Conforme o autor, havia dois pontos de vista sobre a língua. Um deles, negativo, responsável por depreciar a língua e, através dela, desqualificar o povo que a falava, voltado para a “justificação da exploração colonial dos indígenas, inclusive daqueles que viviam nas missões dos jesuítas” (p. 69); e a outra, positiva, impressionada com a “plasticidade composicional” da língua e sua “complexa, mas muito regular, morfofonologia” (p. 76). No entanto, muitas das línguas indígenas existentes no período colonial, foram extintas, restando apenas documentos escritos. Foi o caso do Dzubukuá e do Kipeá – dialetos pertencentes à família lingüística Macro-Jê (RODRIGUES, 1986, p. 49).

O Tronco Lingüístico Macro-Jê, como bem lembra Guedes (1993, p. 231-232), encontra-se constituído pela Família Jê (Timbira, Krenjé, Parakáteye ou Gavião do Pará, Krahô, Kayapó – que compreende a língua dos Gorotire e Xikrin, dos Txukahamãe, dos Suyá, dos Kren-Akarore e dos Tapayuna – e o Akwén); pelos grupos lingüísticos, um a leste da Família Jê – formado pelas línguas Purí (Coroadó), Botocudo, Maxakali, Kamakã, Karirí, Masakarã e Yatê (Fulniô), e outro a oeste, constituído pela família Boróro e pelas línguas Ofayé, Guató e Rikbaktsá; e, por fim, pela família Karajá, situada entre o Kayapó a oeste e o Akwén, a leste. À língua Karirí, por sua vez, pertencem quatro dialetos: o Sabuyá, Kamurú (ou Pedra Branca), o Kipeá e o Dzubukuá (AZEVEDO, 1965, p. II). No entanto, Mason diferencia os dialetos Karirí Pedra Branca e Kamurú e trata o Sabuyá como um sistema lingüístico à parte. Para Riveta e Loukotka, a família Karirí é considerada uma família independente. Já Geenbergh integra a língua à sub-família Equatorial, pertencente à família Andino-Equatorial. Gillin, porém, propõe a inclusão da língua à família Caribe, semelhante ao Swadesh que a enquadra no grupo Macro-Caribe. Entretanto, nenhum desses autores citados “oferece evidências para sua classificação” (AZEVEDO, 1965, p. I-II).

Além da regularidade entre sons e da similaridade histórica de certo número de palavras, Guedes (1993) ainda menciona a existência de duas terceiras pessoas diferentes que

indicam posse (classificadas como reflexiva e não-reflexiva), além da primeira (“meu”) e da segunda (“teu”), na maioria dessas línguas; atestando, com isso, o parentesco que as incorpora no Tronco Macro-Jê (COSTA, 1999).

Tendo em vista estas particularidades que marcam as línguas Macro-Jê, a base epistemológica que norteia a presente investigação lingüística se apoiou nos postulados estruturalistas e pós-estruturalistas. Tais teorias forneceram o arcabouço teórico apropriado para o bom andamento da pesquisa e consistência das análises; e ofereceram suporte necessário ao esclarecimento e interpretação de fatos lingüísticos peculiares e à superação de desafios e dificuldades enfrentados durante o processo investigativo. Os estudos que compõem o quadro do estruturalismo funcional – como Mounin (1968), Martinet (1971) e Jakobson (1977), por exemplo – permitiram contemplar o sistema das línguas não somente pelo viés da estrutura em si, mas, sobretudo, pela “relação sistemática entre as formas e as funções em uma língua” (HOFFMAN *apud* NEVES, 1997, p. 40).

Vale salientar também que, quando possível, recorreu-se aos pressupostos de Fonologia Moderna, baseados nos postulados gerativistas, de forma que alguns termos foram utilizados para melhor explicar os fenômenos. A apropriação de terminologias e construtos teóricos esboçados por Chomsky & Halle (1968) e retomados por alguns autores contemporâneos, como Bisol (2005), foram relevantes para a explicação de determinados fenômenos e, em algumas ocasiões, para a elucidação da dinâmica fonético-fonológica observada nos resultados encontrados.

Deste modo, a descrição dos fonemas, dos processos morfofonológicos, da sílaba e do acento se pautou basicamente nos postulados estruturalistas da Lingüística Distribucional; concomitantemente complementados, quando necessário, pelos estudos pós-estruturalistas e gerativistas. Estudos esses mais apropriados e necessários a uma abordagem inicial acerca do sistema lingüístico do Dzubukuá, voltada para uma descrição fonológica do referido dialeto.

De acordo com Pike (1943), os estudos fonológicos devem se pautar em bases distribucionais e funcionais e que tais unidades lingüísticas devem ser observadas a partir de duas perspectivas: a ética e a êmica. Respectivamente, uma voltada para particularidades externas e a outra para o sistema propriamente dito (KINDELL, 1981). Por isso, ambas as orientações teóricas serão tratadas conjuntamente, pois trazem uma valiosa contribuição ao trabalho de investigação aqui proposto.

Para Mounin (1968), a linguagem humana se volta exclusivamente para fins comunicacionais, que constituem sua propriedade básica e central. Por esta razão, toda descrição lingüística deve se pautar nos fatos e traços lingüísticos “que contribuem para

garantir uma função de comunicação” (p. 91). Isso implica dizer que, de acordo com o mesmo autor, as unidades estruturais de uma língua, “antes de serem definidas pela forma ou pela substância, ou mesmo pela distribuição” e “pelas posições que ocupam”, devem ser delineadas a partir da própria finalidade comunicativa da linguagem (p. 85).

Apesar de sua diversidade, as línguas humanas apresentam o mesmo princípio básico: todas são formadas por unidades sonoras que constituem e individualizam suas sílabas e palavras; diferentemente da escrita e da linguagem gestual que não são os mesmos para todos os grupos humanos:

Uma das óbvias características das línguas humanas é o fato de podermos afirmar que são produções sonoras vocais do ser humano. Ainda que possa haver correlatos, como a escrita ou a língua gestual, essas produções, perfeitamente exequíveis, não são comuns a todos os povos do mundo. Portanto, é possível postular que as línguas apresentam-se *in natura* por sons resultantes de movimentos vocais (FERREIRA NETTO, 2001, p. 11).

Nessa perspectiva, Callou & Leite (2005, p. 13) concebem as línguas como contínuos sonoros que se diferem dos demais sistemas simbólicos por segmentar-se em unidades ainda menores de número finito, “cuja presença ou ausência, assim como sua ordem, tem uma função distintiva, isto é, ocasiona mudança de significado de uma palavra”. Tais segmentos sonoros são denominados fonemas. Há, pois, durante o processo de produção vocal, sons subjacentes à consciência lingüística do falante – cuja existência depende da sua função dentro do sistema da língua (TRUBETZKOY, 1981) – e que variam na pronúncia dos vários indivíduos que compartilham do mesmo código, seja ao nível de grupos ou ao nível puramente individual (SILVA, 2001). De uma forma mais simples, os fones estão associados “o que de fato se pronuncia ao falar uma língua”, já o fonema corresponde ao “que se crê pronunciar” (TRUBETZKOY, 1981, p. 19). Isso implica dizer que, no “mundo físico, falantes e ouvintes leigos emitem e são sensíveis a sons, mas o que eles sentem que estão pronunciando e ouvindo são ‘fonemas’ ” (SAPIR, 1981, p. 38).

Cada língua possui um determinado número fixo de sons distintivos que, quando produzidos, se realizam de diferentes formas. Essa mudança nas propriedades fonéticas pode ser fonologicamente motivada pelo ambiente em que esses sons se encontram (variação ambiental), pela posição que ocupam em determinadas sílabas e palavras (variação posicional) ou sem a interferência de nenhum desses dois aspectos – denominada variação livre (KINDELL, 1981); como também pode ser motivada morfológicamente (LASS, 1984). Desta forma, os segmentos sonoros de uma língua, de acordo com Gleason (1978), são mais do que elementos simples. Sua presença implica em correlações dinâmicas e complexas, próprias ao sistema lingüístico, do qual tal inventário de sons faz parte. Essas correlações

podem ser expressas “em permutações morfofonêmicas, em seqüências de fonemas possíveis dentro de morfemas, ou, ainda, nas funções das unidades dentro de segmentos do discurso” (GLEASON, 1978, p. 284). Segundo o mesmo autor, embora seja de fácil ou de difícil delineamento, cada sistema lingüístico apresentará evidências, em menor ou maior grau, dessa dinâmica, que espera pela devida interpretação do pesquisador.

Para Martinet (1971), os fonemas de um língua, como unidades distintivas, podem ser concebidos a partir de duas perspectivas, uma sintagmática e outra denominada de paradigmática. A primeira diz respeito à definição do fonema de acordo com sua distribuição ou posição dentro da sílaba. A segunda, por sua vez, está associada aos traços ou qualidades que individualizam e distinguem cada segmento sonoro da língua e realça “o que opõe as unidades que podem figurar nos mesmos contextos” (p. 99).

Conforme Jakobson (1977, p. 44), deve-se a Baudouin de Courtenay e à sua escola o primeiro conceito de fonema como unidade funcional distintiva e o de sistema fonológico – formado pelas “relações entre os fonemas”. Conceitos esses que integraram mais tarde os estudos fonológicos modernos, vindo a ser divulgados e compartilhados por diversos lingüistas. Em decorrência dessa concepção, o fonema foi definido como unidade mínima da cadeia sonora da língua; indecomponível em elementos ou traços ainda menores. Essa concepção vigorou por muito tempo na Lingüística chegando até Saussure (1997 [1916], p. 66): “Pela primeira vez, saímos da abstração; pela primeira vez, aparecem elementos concretos, indecomponíveis, ocupando um lugar e representando um tempo na cadeia falada”.

Para Jakobson (1977, p. 25) o mérito de Saussure, em relação à Fonologia, foi ter atestado que o ato fonatório é um ato inconsciente e por ter compreendido que os fenômenos sonoros da língua, durante o processo de fonação, não devem ser tomados isoladamente, por si mesmos, mas por seu valor dentro do sistema; ou seja, “não é o dado acústico em si que nos permite subdividir a cadeia da palavra em unidades distintas, mas apenas o valor lingüístico deste dado”. Entretanto, não compartilha com o autor do **Curso de Lingüística Geral** no tocante à indecomponibilidade dos fonemas. Segundo Jakobson, as oposições só são realmente válidas e lógicas quando tais segmentos sonoros são tratados em termos de qualidades ou traços distintivos. Para o autor, o que verdadeiramente se opõe não são os fonemas em si, mas essas qualidades que “figuram na língua unidos em feixes”. Desta forma, não é mais o fonema e “sim cada uma de suas propriedades distintivas que é uma entidade irreduzível e puramente opositiva” (p. 85). Aqui os traços fonéticos ganham relevância, constituindo-se como a base fonética universal da linguagem humana (HALLE, 1970).

Ao reinterpretar o postulado saussureano, Jakobson afirma que a relação entre os fonemas e o sentido é necessária (relações externas), mas a natureza dessa relação é facultativa ou arbitrária (relação interna), se dando diferentemente de língua para língua. Ou seja, as propriedades distintivas dos fonemas ou os próprios fonemas tomados em si próprios são vazios de qualquer significação, mas constituem associações significativas em uma relação de contigüidade (JAKOBSON, 1977, p. 87).

No entanto, é revendo o segundo princípio saussureano – o da linearidade – que Jakobson traz mais uma importante contribuição para os estudos fonológicos. Para Saussure o caráter linear corresponde à impossibilidade de produzir ou pronunciar dois sons ao mesmo tempo. Para Jakobson, isso só é válido para a contigüidade dos segmentos tomados em si mesmos, mas não se aplica às propriedades distintivas de cada fonema, que podem ser emitidas simultaneamente; “uma vez que por som da linguagem se compreende justamente todo o conjunto dos movimentos articulatórios que se produzem, ou antes, que se crêem produzir, simultaneamente”. Em outras palavras, não “se podem emitir fonemas ao mesmo tempo. Mas pode perfeitamente emitir-se várias qualidades distintivas ao mesmo tempo”. Nesse sentido, uma vez que “os fonemas são unidades complexas”, isso não só acontece, “como é isso que se faz normalmente” (JAKOBSON, 1977, p. 79).

Adeptos da concepção psicológica de fonema de Sapir e da teoria dos traços distintivos de Jakobson, Chomsky & Halle (1968) afirmam que todos os falantes de uma determinada língua possuem uma representação fonológica e uma representação fonética. A primeira contém a informação distintiva que associa o som ao significado, enquanto que a segunda está relacionada à realização da palavra – isolando, para isso, os seus elementos acústico-articulatórios que permitem a produção e a decodificação do sinal da fala.

Nessa primeira fase do gerativismo, liderada por Chomsky & Halle (1968), a sílaba não teve papel relevante. Tinha-se apenas o traço [silábico] para definir e diferenciar segmentos consonantais e vocálicos. Com isso, a palavra foi vista somente como “uma seqüência de consoantes e vogais” (MORI, 2001, p. 173). Foi a partir de trabalhos posteriores, como os de Hooper e Kahn, que a sílaba foi aos poucos recuperando sua importância dentro dos estudos fonológicos e, mais especificamente, no quadro da fonologia gerativa. Isso levou ao aumento do “número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas” (BISOL, 2005, p. 101). Todavia, não há unanimidade no que se refere à estrutura interna das sílabas. A teoria autosegmental delineada por Kahn concebe a sílaba como estrutura formada apenas por camadas independentes associada diretamente às unidades sonoras que ocupam as margens e o núcleo

da sílaba e encontram-se igualmente relacionadas entre si. A teoria métrica, ao contrário, defende uma estrutura hierarquizada para a sílaba, na qual o segmento que ocupa o núcleo mantém com a coda uma relação de igualdade; e com relação ao ataque, esta relação se encontra nivelada. Ou seja, na estrutura silábica, de acordo com Selkirk (1982), a relação entre núcleo e coda é muito mais estreita do que entre núcleo e ataque. Este último só se liga aos demais elementos seguintes por meio da rima, que pode ser simples – constituída apenas do núcleo silábico – ou ramificada – formada por núcleo e coda.

Vale salientar aqui que a verificação da proeminência acentual em Dzubukuá se restringiu à posição do acento lexical e à descrição da sílaba mais proeminente; abstraindo, para isso, os aspectos supra-segmentais, uma vez que não existe mais uma fonte oral sobre a qual se apoiar as análises e testar hipóteses, mas apenas registros escritos. Desta maneira, recorreu-se aos postulados tradicionais do estruturalismo que se mostraram mais pertinentes para se abordar preferencialmente este tema, e válidos também como um esforço preliminar na construção do esboço de uma descrição geral acerca do comportamento do acento no dialeto em questão.

3 METODOLOGIA

O *corpus* para as análises foi constituído a partir do levantamento de dados lingüísticos diretamente coletados do texto em Português-Dzubukuá do catecismo de Frei Bernardo de Nantes. A amostra congrega aproximadamente 42.054 itens formados por nomes, verbos, pronomes, afixos, preposições, conectivos, clíticos, advérbios, interjeições e morfemas presos que compõem o sistema lingüístico do Dzubukuá, e que foram preservados pela estrutura textual do catecismo.

Para assegurar o bom andamento da coleta e organização dos dados, foi necessário observar o funcionamento do Kipeá, dialeto irmão do Dzubukuá, através da sua descrição encontrada no material deixado por Mamiani – catecismo (1942 [1698]) e arte gramática (1877 [1699]) – e nos estudos de Azevedo (1965). Estas fontes foram confrontadas com os estudos de Lucien Adam (1897), unindo-os aos textos em Português-Dzubukuá do próprio catecismo de Nantes (1709). Nesses estudos, a morfologia e a sintaxe receberam mais atenção, pelo fato de possibilitarem uma clareza maior acerca da fronteira entre palavras, morfemas e sintagmas, bem como para fins de localização do significado das palavras já que, em sua maioria, elas aparecem, no texto impresso de Nantes, flexionadas e em formas derivadas, e em ordem distinta da do português. Deste modo, verificou-se que não bastava apenas saber a forma primitiva das palavras, morfemas e demais elementos gramaticais, mas também a sua posição e função dentro das frases, orações ou períodos para se evitar equívocos quanto à tradução precisa da palavra para o português. Assim sendo, o significado das palavras foi depreendido diretamente do texto em Dzubukuá e comparado depois ao das suas cognatas no Kipeá. Havendo coincidência entre ambas as palavras, repetiu-se tão somente o significado atestado. No entanto, quando houve apenas certa proximidade ou mesmo nenhuma coincidência, preferiu-se adotar a tradução de Bernardo de Nantes encontrada diretamente no texto doutrinário do catecismo.

Houve casos em que o significado de algumas palavras não se encontrava explicitado no texto. Nestes casos, foi adotado outro procedimento. Primeiramente, procurou-se outras ocorrências da palavra nas demais páginas e destes casos foi depreendido o significado. Não havendo uma ou duas ou nenhuma ocorrência, em função da pouca ou da rara presença da palavra, o significado foi postulado pelo contexto textual em que ela se encontrava.

A partir das notações e indicações de Mamiani, nas primeiras páginas de seu catecismo e arte gramática, soube-se acerca dos grafemas e diacríticos utilizados por este autor na marcação do Kipeá e da presença de alguns sons particulares presentes neste dialeto.

Confrontou-se este procedimento com aquele utilizado por Bernardo de Nantes para registrar o Dzubukuá. Isso possibilitou listar todos os grafemas usados pelo capuchinho francês na marcação deste último dialeto e já deduzir, de antemão, a presença ou ausência de determinados fonemas e acentos gráficos no Dzubukuá; como também levantar algumas hipóteses acerca da relação entre fonemas e grafemas.

Tendo em vista, pois, os grafemas e diacríticos utilizados no catecismo para marcar graficamente o Dzubukuá, efetuou-se a procura e digitação das estruturas lexicais existentes no texto impresso que possuísem, em sua constituição, cada grafema e diacrítico correspondente. Depois cada item lexical com seus respectivos grafemas foram listados e reunidos em tabelas de controle devidamente numeradas. Essas tabelas tiveram, para isso, uma disposição própria. A configuração de suas grades (linhas e colunas) foi disposta previamente de modo a possibilitar a digitação dos dados e, simultaneamente, o isolamento da letra e diacrítico que os constituíam.

Em média, chegou-se a um total aproximado de 42.054 itens lexicais levantados em 27 tabelas. Estão somados também a este total, itens repetidos e empréstimos do português, presentes no texto em Dzubukuá. Os itens repetidos e os empréstimos do português foram considerados importantes para verificar o comportamento e a função dos morfemas regulares ocorrentes no dialeto estudado; e igualmente úteis para definir as fronteiras das palavras, simples e compostas, e dos morfemas recorrentes.

A partir das tabelas, verificou-se a frequência sistemática de determinados grafemas. Depois, esses elementos gráficos foram comparados aos grafemas utilizados por Mamiani para o Kipeá em sua gramática (1877 [1699]) e catecismo (1942 [1698]), e aos fonemas postulados por Azevedo (1965) para este último dialeto. Após esse confronto, chegou-se à postulação dos fonemas consonantais, vocálicos e dos *glides* para o Dzubukuá. Logo em seguida, foram levantados pares mínimos a partir de palavras do próprio catecismo de Nantes para testar as oposições entre os fonemas postulados e validar à sua presença no texto do missionário. Depois, com base nas respectivas variações gráficas ou alografes desses grafemas que apresentavam um padrão regular para determinados ambientes, foram hipotetizados os alofones correspondentes. E a partir do conhecimento obtido acerca da morfologia de ambos os dialetos, foram averiguados os casos de alofonias que poderiam estar sendo motivados fonologicamente e aqueles desencadeados morfofonologicamente. Para os casos suspeitos ou duvidosos, recorreu-se novamente à comparação das correspondências levantadas entre cognatas do Dzubukuá e Kipeá e, a partir daí, foi definido o *status* de determinado elemento gráfico como fonema ou alofone. Já os casos isolados e os que não

obedeciam a uma regularidade foram separados e colocados no quadro das alografias que podem ou não estarem sinalizando alguma implicação fonética.

Foi utilizada para as transcrições fonético-fonológicas presentes neste trabalho a fonte *Sil Doulos IPA 93*, específica para línguas indígenas, pertencente ao Instituto Lingüístico de Verão (*Summer Institute of Linguistics*)¹, e baseado no Alfabeto Internacional de Fonética (IPA).

Mais outros dois quadros foram elaborados a partir das 27 tabelas mencionadas anteriormente. Em um deles foram reunidos grupos de palavras conforme o número de sílabas, e, no outro, foram organizados itens lexicais diferentes conforme a posição da sílaba acentuada. Com base nesses grupos lexicais, foram traçados os padrões silábicos e realizada a descrição da posição do acento para o Dzubukuá.

Vale ressaltar, aqui, que a presente pesquisa não se constitui como um estudo comparativo, embora tenha utilizado os dados do Kipeá para seus procedimentos de análise e descoberta. A utilização deste último dialeto serviu apenas como um meio auxiliar para descrever a fonologia do Dzubukuá, devido ao parentesco genético de ambos os sistemas lingüísticos. A semelhança estrutural entre os dois dialetos mencionados, em maior ou menor grau em determinadas instâncias, permitiu o esclarecimento e a verificação de determinados fenômenos no dialeto aqui estudado. Sem o auxílio do Kipeá não seria possível esclarecer alguns casos suspeitos, compreender alguns fenômenos e, conseqüentemente, obter alguns resultados importantes à pesquisa.

Ressalta-se também que das 363 páginas, que compõem o catecismo estudado, estavam disponíveis para as análises apenas 359, devido à ausência não explicada dos textos das laudas 351 a 354. Porém, o número de páginas disponíveis foi aqui considerado suficiente para a constituição do *corpus* e consecução do presente trabalho de investigação lingüística, cujo foco de atenção está voltado para a descrição da fonologia do Dzubukuá. Já o manuscrito do autor mencionado, os estudos de Adam, as obras de Mamiani e a dissertação de Azevedo se constituíram ao todo como cinco fontes auxiliares que contribuíram significativamente para o conhecimento da cultura Karirí ou ajudaram numa melhor compreensão do funcionamento lingüístico do dialeto em estudo.

Antes do conteúdo doutrinário propriamente dito, o catecismo traz, em suas primeiras páginas, uma dedicatória e oferecimento ao patrocinador da impressão – neste caso ao Rei português D. João V –, depois segue uma nota ao leitor, as autorizações em latim de

¹ A fonte *SIL Doulos IPA 93* (*SILIPA 93 Font Files*), juntamente com outros tipos, encontra-se disponível através do endereço eletrônico <<http://www.sil.org.br>> do próprio instituto mencionado acima.

teólogos e clérigos e as licenças em português concedidas pelo próprio bispo local e autoridades do Tribunal do Santo Ofício. Logo em seguida aparece o conteúdo da obra em Português-Dzubukuá que traz temas como Deus, a Trindade, a criação do mundo e do homem, Cristo, as obrigações do cristão e a prática e conduta do fiel, o pecado e os sacramentos; orações, exortações, mandamentos (bíblicos e os da Igreja), lista de festas religiosas que o fiel deve guardar e cânticos religiosos. Termina, em seguida, com discursos e sermões.

Vale salientar também que o registro do Dzubukuá se encontra tanto no catecismo impresso de Frei Bernardo de Nantes como em seu manuscrito. No entanto, todas as análises lingüísticas apresentadas no presente trabalho foram realizadas somente com base na primeira fonte (o catecismo impresso). Não foi possível a utilização do manuscrito devido a dificuldades enfrentadas de compreensão e tradução do texto em Francês antigo. Deste modo, resolveu-se concentrar todos os esforços em analisar o catecismo, já que o texto antigo se encontrava em Português paralelo ao Dzubukuá. A tradução portuguesa, embora antiga, assegurou o andamento da pesquisa e possibilitou sua conclusão no tempo devido, conforme estipulado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. No entanto, houve aproveitamento da versão portuguesa existente da parte introdutória do manuscrito traduzida por Gustavo Vergetti. As informações acerca da cultura, mitos e hábitos dos Dzubukuá relatadas por essa primeira parte do manuscrito foram incluídas na seção que trata sobre esse grupo de índios no terceiro capítulo deste trabalho.

Apesar de não se ter incluído o manuscrito para a coleta e análise de dados lingüísticos, acredita-se que não houve grandes prejuízos à descrição da fonologia do dialeto estudado, já que o catecismo impresso oferece um considerável número de textos distribuídos em suas 359 páginas disponíveis.

4 OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL COLONIAL

Ao dar início à sua empresa colonizadora em terras ultramarinas, os portugueses se depararam com uma grande variedade de povos, étnica e linguisticamente diferentes. Conseqüentemente, fazia-se necessário, na época, para o êxito do projeto colonial, integrar essas diferentes culturas e realidades a um processo civilizatório, cujo objetivo visava à inclusão das novas possessões “à geopolítica européia” (BORGES, 2004, p. 75).

Em meio a essa nova realidade, uma necessidade fazia-se urgente: a expansão da fé católica, cujo propósito se alicerçava tanto em interesses religiosos quanto políticos. Ou seja, com a disseminação da religião se visava a assegurar “não só o espaço para a Igreja, mas também uma unidade religiosa que fortaleceria Portugal” (BATISTA, 2005, p. 122). Mas, para isso, seria necessária a conversão dos nativos aos padrões civilizatórios e culturais luso-europeus. Essa função ficou a cargo dos missionários que aqui aportaram a serviço da Fé e da Coroa. A eles se devem as primeiras descrições e os primeiros estudos a respeito das línguas indígenas brasileiras, que chegaram até a contemporaneidade através de documentos impressos e/ou manuscritos (RODRIGUES, 1998). A postura adotada, na época, por esses missionários, visava ao aprendizado dessas línguas e à sua transmissão a outros religiosos que aqui chegavam imbuídos do mesmo espírito. Conhecer a língua local era imprescindível para a realização de missas “que pudessem ser compreendidas pelos nativos e também para efetivar a confissão” (BATISTA, 2005, p. 124). Os desafios advindos dessa prática levaram à produção de artes gramáticas e catecismos, entre outras produções. Os religiosos, portanto, não estavam interessados em defender e preservar os costumes e línguas ameríndias, mas em combater costumes e crenças considerados por eles, como “trevas”, “para onde os nativos haviam sido arrastados por obra do demônio”, conforme acentua Galindo (2004, p. 33).

A investida lingüística empreendida pelos religiosos contribuiu para o paulatino processo de deculturação e silenciamento das nações indígenas, abrindo caminho para o aportuguesamento das regiões sob a tutela dos missionários. Nessa perspectiva, a política da catequese pela língua do outro atendia aos interesses lusitanos de “domesticação” do índio, cujo propósito era introduzir o nativo na sociedade colonial emergente, tornando-o um “cidadão útil e produtivo” (BORGES, 2004, p. 81).

As gramáticas que circulavam no Brasil-colônia, como nas demais possessões do padroado português, se pautavam nos modelos clássicos greco-latinos. Seu conteúdo estava distribuído nas oito partes do discurso (nome, pronome, verbo, advérbio, partícula, conjunção,

preposição e interjeição). O método de estudo utilizado era o do tipo comparativo que buscava equivalências entre as línguas ultramarinas e línguas até então conhecidas, como o português, o latim, o espanhol e outras. A brevidade e a objetividade do seu discurso apontam para uma preocupação pedagógica exclusivamente pragmática de finalidade instrumental e prática, com vistas à aceleração do processo catequético e eficientização da comunicação entre religiosos, colonizadores e nativos (BATISTA, 2005, p. 126). Nessa perspectiva, as gramáticas eram um instrumental que servia mais para os padres e colonos do que para os próprios “falantes nativos” (NUNES, 1996, p. 141).

Embora descrevessem sistemas lingüísticos diferentes como o Kiriri (MAMIANI, 1877 [1699]) e o Tupi (ANCHIETA, 1990 [1595] e FIGUEIRA, 1878 [1687]), as gramáticas missionárias eram estruturadas de forma semelhante. Uma primeira parte estava reservada aos estudos fonético-fonológicos, à ortografia e ao acento dessas línguas; a seção seguinte era dedicada ao estudo das oito partes do discurso e da estrutura das palavras; e uma última, bastante reduzida, era destinada à sintaxe. Na descrição dos sons, os religiosos se baseavam no critério auditivo, articulatório e comparativo; e na escrita fonética se pautavam nos alfabetos latino e português.

Nesse período pouca atenção foi dada aos estudos fonético-fonológicos. Isso se verifica nas reduzidas páginas destinadas a este assunto (BATISTA, 2002). A morfologia, porém, recebeu maior atenção, pautando-se apenas em torno da palavra como unidade básica de análise e cuja abordagem estava baseada em torno das partes da oração. Ou seja, os estudos coloniais se voltaram exclusivamente para nomenclaturas e categorias e não em processos que envolvessem constituintes menores, como os morfemas (SWIGGERS, *apud* BATISTA, 2005, p. 136). A morfologia nessas gramáticas estava restrita apenas a uma definição de palavra para a nova língua conhecida, às suas possíveis marcas gramaticais, à organização das palavras “em paradigmas” e no seu “ajuntamento em orações” (BATISTA, 2004, p. 26). A sintaxe, por sua vez, também girava em torno da palavra e de sua organização dentro do discurso, sendo este concebido morfologicamente. Os estudos sintáticos nas gramáticas do Brasil colonial, na verdade, se ocupavam de regras associadas às classes de palavras, com base em funções gramaticais desses grupos dentro da oração. Ou seja, a sintaxe, nas descrições missionárias, correspondia mais a uma extensão da morfologia do que propriamente a um campo particular de estudos.

A partir do século XVI, observa-se a impressão e a circulação de um grande número de catecismos na Europa e nas possessões portuguesas como reação à reforma protestante, que até então se difundia na época. O catecismo foi um dos principais instrumentos de

catequização e difusão da fé e valores católicos; transposto mais adiante para “as colônias como principal texto de evangelização” (BARROS, 2003b, p. 130). Tanto os catecismos europeus como os coloniais possuíam basicamente uma estrutura comum quanto ao elenco de temas, quanto à forma discursiva em que eles apareciam, e quanto aos reguladores da sua impressão.

Tematicamente, os manuais doutrinários traziam orações como a Ave-Maria, o Credo, o Pai-Nosso, os artigos de fé, os mandamentos, os sacramentos, exortações, sermões, regras de conduta e modos de comportamento tidos como exemplares. Discursivamente, transmitiam seu conteúdo em forma de pergunta e resposta, constituídas por um diálogo fechado cujos turnos não abrem qualquer espaço para discussão de idéias, nem para reflexões responsivas ou questionamentos (BARROS, 2003a, p. 49). Em geral, o mestre pergunta e o discípulo responde (BARROS, 2003b). Ou seja, o conteúdo catequético estava textualmente configurado de modo a ser memorizado e repetido oralmente. Isso definia bem a finalidade discursiva dos catecismos que circulavam na época como gêneros escritos destinados exclusivamente à oralidade (BARROS, 2003a). A atenção dada à dimensão oral do discurso está diretamente associada à sua tamanha importância dentro do seio da própria igreja cristã, cuja fé deveria ser pronunciada não somente “de coração, mas estar aparelhado a confessar com a boca” (JORGE & MARTINS *apud* BARROS, 2003a, p. 48).

A estratégia de pergunta e resposta era a mais difundida, porém não era a única existente, podendo ser encontrada outras formas discursivas que circulavam entre a população da época. Nessa perspectiva, o conteúdo doutrinário do catecismo poderia ser transmitido em forma de listas (com relação de sacramentos, mandamentos e pecados), em forma de prosa, verso ou em forma de sermões. Um catecismo poderia apresentar todas estas modalidades juntas combinadas em sua organização discursiva, como se observa no catecismo de Frei Bernardo de Nantes (1709), aqui estudado.

A uniformização da doutrina foi uma preocupação da Igreja e que também acompanhou os autores dos catecismos, no período colonial, contra a diversidade de textos e manuais doutrinários que circulavam livremente junto à população (BERLAMINO *apud* BARROS, 2003a, p. 31). Deste modo, para o ato de impressão, começou-se a criar mecanismos de controle que assegurassem a credibilidade e a legitimidade do conteúdo catequético a ser transmitido. A partir do Concílio de Trento (século XVI), passou-se a exigir que esses manuais trouxessem licenças impressas em suas primeiras páginas indicando a oficialização dos textos como legítimos “para a Igreja Romana” (BARROS, 2003a, p. 31). O Concílio também reafirmou a manutenção do latim nas missas, mas abriu espaço para a

utilização das línguas vernáculas na explicação dos dogmas católicos. Com essa abertura, houve a difusão significativa de produções vernáculas na Europa e nas colônias. Nestas últimas, houve a manutenção das línguas indígenas com a impressão de vários catecismos bilíngües (BARROS, 2003a, p. 35).

Entretanto, ao contrário de seu congênere europeu, os catecismos em língua vernácula das colônias não tiveram os mesmos atrativos econômicos para o impressor. Sua publicação acabou dependendo do patrocínio de algum benfeitor (ou mecenas) que financiasse a impressão. Em razão disso, o nome do financiador aparecia nas primeiras páginas da obra impressa – seja na folha de rosto ou na dedicatória. Outros manuais, porém, por falta de patrocínio, traziam nas primeiras páginas alguma indicação de que “a edição havia sido paga pelos próprios padres” (BARROS, 2003a, p. 34).

Nas colônias, o manuseio do catecismo era obrigatório tanto para os índios como para os missionários. O devido aprendizado das orações, mandamentos, sacramentos e demais fórmulas doutrinárias dos catecismos era uma exigência para que o índio doutrinado fosse reconhecido como índio forro (alforriado). Para os padres, o catecismo deveria ser usado sem alteração cuja fórmula de pergunta e resposta deveria ser sempre retomada antes de o “índio se casar, confessar ou ser batizado” (BARROS 2003b, p. 133).

Deste modo, as gramáticas e os catecismos que circulavam no Brasil colonial do século XVI a XVIII, juntamente com outros gêneros – tais como sermões, dicionários, manuscritos – se constituíram como fortes aliados ao projeto civilizatório colonial, contribuindo para a aculturação dos índios e o silenciamento das nações indígenas que estavam sob a tutela dos missionários. Esse silenciamento decorria de um paulatino processo de deculturação que chegou a alcançar “o período do Segundo Império, quando, de fato, observa-se um esforço na busca da institucionalização de um estado e de uma nação brasileira” (BORGES, 2004, p. 76).

A partir da restauração lusitana e do reinado de D. João IV, as colônias portuguesas no Brasil, que antes estavam concentradas na costa, experimentaram uma extraordinária expansão. Levados pela descoberta de minerais preciosos, os colonos se deslocaram do litoral para o interior da colônia; ultrapassando, com isso, as áreas limítrofes estabelecidas pelo Tratado de Tordesilhas. As fronteiras da colônia se alargam, a atividade missionária se intensifica, “ocupando-se da redução dos nativos habitantes dos sertões conquistados” (GALINDO, 2004, p. 31).

Na segunda metade do século XVII, as regiões sertanejas próximas ao Rio São Francisco – área até então conhecida como Sertão de Rodelas – se tornaram alvo de uma

crescente expansão missionária, conduzidas por duas frentes religiosas: os capuchinhos e os jesuítas. Os primeiros, partindo de Pernambuco rumo à foz do rio São Francisco e, os segundos (jesuítas), se expandindo a partir do Recôncavo Baiano em direção “às serras das Jacobinas e suas periferias, por entre as nascentes do rio Itapicuru e do rio do Salitre, onde foram instalar suas bases sertanejas” (GALINDO, 2004, p. 150). A coroa portuguesa via nas missões religiosas uma forma de preservar e manter estáveis seus territórios conquistados no sertão, contra possíveis invasões estrangeiras e ataques aguerridos dos chamados “inimigos internos” – grupo constituído por quilombolas, mestiços e índios não aliados (PUNTONI *apud* GALINDO, 2004, p. 159). Nessa perspectiva, as atividades missionárias sertanejas se constituíram como uma “opção para defesa das células do povoamento do sertão”, que contribuíram também, de uma forma ou de outra, para “o combate à ameaçadora violência e à independência civil em que viviam os colonos e índios nestas conquistas, que deveriam se subordinar às regras comportamentais católicas” (GALINDO, 2004, p. 159). Tais missões se instalaram, primeiramente, em terras dos Karirí e Rodeleiros, durante a segunda metade do século XVII, constituindo, na época, os “postos mais ocidentais do Nordeste” (GALINDO, 2004, p. 51). Com relação aos demais índios que habitavam o Sertão de Rodelas, os Karirí eram considerados o grupo mais receptivo, manso e dócil, oferecendo, com isso, condições favoráveis para uma maior aproximação e contato ocidentais, e para a concretização do projeto missionário. Desse contato, resultou uma expressiva produção de registros históricos, etnográficos e lingüísticos.

Tal como Tupi da Costa, a língua dos Karirí foi adotada como língua franca servindo como instrumento de comunicação entre os religiosos e uma significativa parcela dos povos nativos que habitavam, na época, as proximidades do rio São Francisco. Esse contato lingüístico proporcionou o surgimento das produções: **Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri** (1877 [1699]) e o **Catecismo da doutrina christãa da lingua brasilica da nação Kiriri** (1942 [1698]) – compostos pelo padre Vicencio Mamiani della Rovere; o manuscrito **Relation de la mission des indiens Kariris du Brezil situés sur le grand fleuve de S. François du costé du sud a 7 degrés de la ligne equinotiale** (1702) e o **Catecismo indico da lingva Kariris** (1709) de Frei Bernardo de Nantes; e também um manuscrito e dicionário da língua produzido pelo padre João de Barros – que até hoje não foram encontrados (Rodrigues, 2005, p. 35). O mesmo ocorreu com a produção do Frei Capuchinho Martinho de Nantes, antecessor de Frei Bernardo de Nantes, que atuou junto aos Dzubukuá e que alega ter produzido “um dicionário da língua Karirí, uma arte ou rudimento da doutrina cristã e um modelo de exame para a confissão”, como também traduziu “a vida de

alguns santos” e elaborou “cânticos espirituais sobre os mistérios da fé” (NANTES, 1979 [1706], p. 18). Infelizmente também não se tem notícia desses últimos materiais, “os quais certamente não foram publicados; não se sabe se os mesmos se perderam ou se poderão ainda ser encontrados” (AZEVEDO, 1965, p. III).

As missões religiosas aldeavam até quarenta etnias diferentes em um só local. Com isso, houve a decorrente “destribalização das populações nativas com a criação das aldeias artificiais”; e, conseqüentemente, nos “descimentos” e na “uniformização cultural, com a anulação dos diferentes idiomas, que foram, gradativamente, sendo substituídos pela língua geral” (SILVA, 2003, p. 9). Deste modo, pelas mãos dos missionários, foram sedentarizadas e catequizadas em um único espaço, delimitado apenas pelas cercas dos aldeamentos, várias “famílias de nativos de diferentes línguas e culturas” (OLIVEIRA, 1998, p. 57). Tratados homogeneamente, esses diferentes povos se tornaram os principais alvos do projeto colonialista português, o qual relegava como secundária qualquer divisão política de ordem étnica (BARROS, 1986).

4.1 Os Karirí

Sob o designativo “Tapuyas”, como eram chamadas pelos colonos as culturas indígenas não-tupí, os Karirí eram um grupo heterogêneo que habitava uma grande extensão do território nordestino – faixa considerável que se estendia de norte a sul no interior do Nordeste brasileiro. Documentos históricos dos séculos XVII, XVIII e XIX relatam vários pontos de ocupação em áreas ao norte e a oeste do rio São Francisco, chegando talvez até ao Piauí (AZEVEDO, 1965, p. I). Na verdade, não se sabe bem precisar suas fronteiras, o que se pode definir até então “sem dificuldade” é a presença predominante dos povos Karirí “desde o Ceará e a Paraíba até a porção setentrional do sertão baiano” (DANTAS *et al apud* GALINDO, 2004, p. 80).

Conforme Rodolfo Garcia, o termo “Karirí” é de origem Tupí e significa “calado, silencioso”; caracterizando os índios sob esse designativo em contraposição a outros que se mostravam “palradores incoercíveis” (MAMIANI, 1942 [1698], p. XXII). Os Karirí eram povos seminômades que conheciam rudimentarmente algumas práticas agrícolas. Cultivavam mandioca e outros produtos “em regime de subsistência” (GALINDO, 2004, p. 80). Dominavam de maneira rudimentar a tecnologia da cerâmica e conheciam também o artesanato, cuja fabricação de redes de algodão era uma prática corrente. Essas práticas

diferenciavam os Karirí de outras culturas vizinhas que também habitavam, na época, o Nordeste brasileiro (MAMIANI, 1942 [1698], p. XXVI).

Os Karirí, até o presente momento, são os povos do sertão nordestino que mais possuem registros. Seu idioma foi uma das poucas línguas utilizadas para franquear a comunicação entre índios e não-índios durante o período colonial. Juntamente com o Tupí, foi também uma das poucas línguas que atraiu a atenção dos missionários, cujos registros chegaram à atualidade.

A língua Karirí se encontrava constituída por dois complexos lingüísticos, o Karirí, ao norte, e o Kirirí nas margens do rio São Francisco e na Bahia (RIBEIRO, 2005, p. 39); que podem, por sua vez, ser distribuídos em quatro dialetos: o Sabuyá, Kamurú (ou Pedra Branca), o Kipeá e o Dzubukuá (AZEVEDO, 1965, p. II). O primeiro e o segundo foram registrados por von Martius em 1867: o Sabuyá documentado ao sul da Bahia, e o Kamurú, na aldeia de Pedra Branca. O Dzubukuá, no entanto, foi documentado por Bernardo de Nantes (1709) no rio São Francisco, ao norte da Bahia. Já do Kipeá se tem os registros do padre Vicencio Mamiani (1877 [1699] e 1942 [1698]), provenientes das proximidades do rio Itapicuru, no nordeste da Bahia (AZEVEDO, 1965, p. II).

As aldeias do rio São Francisco, eram conhecidas, genericamente, sob o qualificativo “Karirí”. Constituíram-se, em face da expansão colonialista no interior do nordeste, em importantes reservas militares dos colonizadores. Sua relevância como base de apoio à guarnição lusitana estava em sua localização estratégica no sertão nordestino para a “estabilização dos territórios ocupados”; servindo, com isso, à redução dos demais povos tapuyas “ao domínio colonial” português (GALINDO, 2004, p. 80).

A primeira notícia que se tem dos Karirí se deve a Fernão Cardim, o qual se refere, em um registro de 1584, a esse grupo como um povo “de língua diferente”. Porém, Cardim não informa sobre a localização desses índios (AZEVEDO, 1965, p. I).

O contato entre os Karirí e os portugueses se deu mais efetivamente no século XVII. Durante os primeiros contatos, os Karirí eram bastante numerosos, tendo se reduzido, consideravelmente, a partir do período das lutas na segunda invasão neerlandesa no Brasil. Integraram, na época, ambas as milícias: alguns lutaram ao lado dos portugueses e outros se aliaram às tropas holandesas (GARCIA *in* MAMIANI, 1942 [1698], p. XXII).

Neste período, conforme Leite (2000 [1945]), havia os seguintes aldeamentos Karirí: Nossa Senhora da Conceição de Natuba (p. 286), Santa Teresa dos Quiriris em Canabrava (p. 289), Saco dos Morcegos (p. 290), Geru, no Estado de Sergipe (p. 324). Em 1818, ainda havia remanescentes Karirí, cuja lista de palavras da língua nativa foi recolhida por von Martius

(1867). Já, em 1891, foram considerados extintos por Ennenreich; sendo, porém, encontrado ainda um grupo de Karirí, em 1938, por Nimuendaju.

A maioria dos povos e culturas que formavam a grande nação Karirí está atualmente extinta e seus sobreviventes contemporâneos se encontram inteiramente integrados às populações sertanejas. Isso também foi constatado por Trujillo Ferrari (1957, p. 16) ao encontrar um grupo Karirí nas proximidades do Colégio Porto Real que já não falava sua língua nativa, apenas o português; grupo esse que ele denominou de “abrasileirado”.

As mais antigas fontes que registram as variedades da língua Karirí de que se dispõe até o presente momento datam dos séculos XVII, XVIII e XIX. Os registros dos dialetos Sabuyá e Pedra Branca podem ser encontrados em Lucien Adam (1897) e em Carl Friedrich von Martius (1867) – o qual elaborou uma lista com aproximadamente 100 a 150 palavras. Do dialeto Dzubukuá, tem-se o catecismo impresso Português-Dzubukuá (fonte basilar do presente trabalho de pesquisa e a partir da qual foi constituído o *corpus*), publicado em 1709, e o Manuscrito em Francês-Dzubukuá, escrito em 1702 (material até então inédito) – ambas as obras pertencentes a Bernardo de Nantes.

Dentre as variedades citadas da língua Karirí, o dialeto Kipeá é o que possui melhor documentação lingüística. Ele pode ser encontrado no catecismo e na arte gramática do missionário jesuíta Padre Luis Vincencio Mamiani della Rovere. Desta última, conforme Azevedo (1965, p. III), é também encontrada uma versão alemã, traduzida por C. von Gabelenz, e intitulada **Grammatik der Kiriri-Sprache** – impressa em 1852 pela Leipzig.

Pode ser encontrado, em Lucien Adam (1897), um estudo prévio do Kipeá e do Dzubukuá e um pequeno vocabulário comparativo entre ambos e entre os dialetos Kipeá, Sabuyá e Pedra Branca. No entanto, alguns outros trabalhos não chegaram até a atualidade. Há indicações documentais como a existência, por exemplo, de obras em língua Karirí produzidas por Martinho de Nantes (1979 [1706], p. 18) e pelo padre jesuíta João de Barros. Com relação às obras deste último autor, há menção no **Catálogo da Província do Brasil, 1679** (LEITE, 2000 [1945], p. 296) que até hoje não se sabe o paradeiro. Essas fontes poderiam contribuir, significativamente, para o desvendamento do rico universo cultural e lingüístico Karirí.

4.1.1 Os Dzubukuá

Conforme Galindo (2004, p. 80), os Dzubukuá ou Karirí (RIBEIRO, 2005, p. 39) eram índios que habitavam “preferencialmente as áreas baixas próximas aos terraços aluviais

celebrado nos rituais de passagem da infância para a vida adulta. Ao atingir a idade da puberdade, o jovem índio recebia uma pequena pedra, “geralmente de cor branca”, que era presa dentro de uma perfuração feita com “um osso afiado” em seu lábio inferior. O uso desse objeto nos lábios era recomendado por um “ministro desse deus formoso”. Os jovens não tiravam mais esta “pedra do lábio, nem mesmo após a morte”. Quando acabava o ritual, seguia-se um banquete em honra “ao deus Politay, estimado por eles por ter o poder de tornar o jovem, homem”, que agora se encontra apto para a caça. Eles chamavam esse ritual de “thonne do duaplu”. Já ao deus Wanaguidze eram oferecidas determinadas vestimentas ou ornamentos curtos denominados “waka”, feitos de plumagem de pássaro, com as quais “eles se vestem quando celebram as festas” destinadas a esta divindade (NANTES, 1702, s.p.).

Havia entre os índios um ritual particular para a caça e para a pesca que durava dez dias. Durante essas celebrações havia dança e música. Eles queimavam “ossos de animais” ou “espinhas de peixe”. Os jovens bebiam uma substância feita com “ervas amargas” e a pele de algumas partes de seus corpos era penetrada por um objeto feito com dentes de animais “incrustados em cera”. A caça e a pesca obtidas por esses jovens eram presenteadas aos mais velhos. Os jovens, no entanto, durante o tempo em que transcorria o cerimonial, alimentavam-se apenas de uma sopa feita com farinha de mandioca ou de milho. Era hábito também atribuir um significado especial à aparição de determinados pássaros, cuja presença e canto estavam associados a algum mau presságio (NANTES, 1979 [1706], p. 6-7).

Nas famílias, as refeições eram servidas pelas mulheres em “pequenos pratos ou cumbicas de madeira” e os índios comiam “separadamente uns dos outros”. Por sua vez, o cozimento dos alimentos – à base de “peixe ou caça” – se dava sem “sal nem outra coisa a não ser água”. Esses alimentos achavam-se prontos e próprios para o consumo quando estavam meio cozidos ou ligeiramente assados. Essas refeições ocorriam em “grande silêncio”, não se ouvia “nunca murmúrio nenhum entre eles” e ninguém se queixava “de ter menos que os outros”. Nesses momentos, os enfermos eram tratados igualitariamente. A comida era repartida “sem distinção com o doente” e se o doente não comia, eles guardavam “a porção para ele algumas vezes”. Todavia, em tempo de festa, eles convocavam “uns aos outros” e se reuniam “em várias casas” e comiam todos juntos “num grande terreiro, cada qual trazendo sua própria colher”. Nessas ocasiões, homens e mulheres se separavam e a terra lhes servia “de mesa, fazendo com que os seus cães, que estão sempre esfomeados”, se mesclassem “freqüentemente entre eles à mesa”. Os banquetes eram normalmente acompanhados por dança e música (NANTES, 1702, s.p.).

Fisicamente os índios eram de cor vermelho-amarelada, de estatura baixa, “na maior parte das vezes”. Tinham o costume de cortar “o pêlo do corpo, até mesmo os das sobrancelhas e o das pálpebras, tanto os homens como as mulheres”. Porém, havia uma diferença social entre os sexos no tocante ao costume do corte de cabelo: somente os homens cortavam “o cabelo do alto da cabeça, deixando apenas um círculo de cabelo que não vai além das orelhas”. Este círculo era pintado com urucu e várias outras pinturas, especialmente quando iam à guerra. Essas pinturas participavam de todo um ritual simbólico que servia para afugentar os inimigos. Outros enfeites e ornamentos eram feitos, provavelmente, para atender a este mesmo propósito:

Eles pintam o círculo de urucu e de diversas outras pinturas, principalmente quando vão à guerra, e os mais disformes passam por mais valentes e mais terríveis, e vendo essas deformidades bárbaras colocam mais terror nos seus inimigos, alguns se servem de um torno de penas de aves em forma de chapéu, outros fazem uma frisa à maneira de calção curto; há uns que se lambuzam com mel grosso e cobrem o corpo então com pequenas penas de pássaros de várias cores, o que os faz parecer com cópias de madeira (NANTES, 1702, s.p.).

Era hábito entre os índios andar nu, extraindo diretamente da natureza os recursos necessários à sua subsistência. Definidos, pois, como “amigos da vida em liberdade”, os Dzubukuá revelam um perfil sócio-psicológico avesso às relações autoritárias. Eles não apreciavam “coisas forçadas”. Por conta disso, se as autoridades governamentais quisessem “conservar alguma autoridade permanente sobre eles”, elas deveriam “partir para a doçura, pois os índios driblam facilmente o jugo daqueles que são severos” (NANTES, 1702, s.p.).

Havia também uma liberdade maior na prática da sexualidade que começava bem cedo, desde “idades tão tenras”, não havendo qualquer restrição ou sanção etária à iniciação sexual (NANTES, 1979 [1706], p. 6).

As relações familiares entre pais e filhos nessa sociedade pareciam ser mais cordiais que aquelas praticadas pelos colonos. A liberdade e a igualdade que perpassavam essas relações foram mal-interpretadas na época, sendo entendidas, pelo colonizador, como desgoverno decorrente da ausência de autoridade: “As mulheres costumavam dominar seus maridos, os filhos não respeitavam pai e mãe e nunca eram castigados. Conquanto tivessem em cada aldeia um capitão ou governador, só existia autoridade em tempo de guerra” (NANTES, 1979 [1706], p. 4).

Em caso de doenças, os feiticeiros ou “bidzamu” eram consultados. Cabia a esses curandeiros o exercício da medicina e da religião. Os índios acreditavam que os “bidzamu” tinham o poder de predizer o futuro, curar doenças ou as causar. Todavia, caso a enfermidade persistisse, não respondendo positivamente aos rituais de cura realizados pelos curandeiros,

sua causa era atribuída a um feitiço colocado por alguém. O suspeito, então, era apontado e morto pelos familiares do enfermo. Os Dzubukuá acreditam que, com a morte do suposto “enfeitiçador”, se restabelecia a saúde do doente. Nessa perspectiva, a morte, para os índios, que não decorresse de “extrema velhice”, principalmente a morte de pessoas muito estimadas, eram consideradas suspeitas e sua causa era atribuída a algum desafeto (NANTES, 1979 [1706]).

Os sepultamentos eram realizados em urnas funerárias feitas de cerâmica cosida ou potes de barro, nas quais enterravam seus mortos:

Antigamente, eles enterravam seus mortos sem outras cerimônias, como fariam com uma carniça qualquer, apenas os colocavam em grandes potes de barro, que eu mesmo encontrei em quantidade, há pouco tempo, na beira deste rio, quando uma enchente derrubara os barrancos e desenterrara os cadáveres que estavam nos potes. Frequentemente os enterravam antes mesmo da morte, sobretudo quando muito velhos e com pouca esperança de vida, o que me faz pensar que eles sentiam pouco a morte das pessoas idosas, apesar de chorar muito a morte de seus parentes (NANTES, 1702, s.p.).

A figura abaixo, do pintor francês Jean-Baptiste Debret [1834-1839] e que retrata o sepultamento de um chefe indígena (GALINDO, 2004), ilustra bem essa prática:



Figura 02 – Retrato de uma antiga urna funerária brasileira contendo o corpo de um chefe índio (GALINDO, 2004, p. 100)

Foram encontrados também registros de práticas de canibalismo em culturas que, na época, habitavam a proximidades do rio São Francisco. No entanto, tais registros não

forneem indícios concretos para que se possa afirmar se essa era também uma prática comum entre os Dzubukuá.

As lacunas deixadas pelas fontes históricas acerca do povo Karirí ainda são muito grandes. Os pormenores de sua cultura infelizmente foram silenciados pelos rumos tomados pela história da Costa brasileira e, mais especificamente, pela do sertão nordestino. As fontes disponíveis até o presente momento acerca desses índios, apesar de escritas pela pena do colonizador, ainda representam uma valiosa contribuição para o conhecimento dos costumes, das crenças e dos demais elementos que constituem o universo até então silencioso dos Dzubukuá.

4.1.2 Os Kipeá: remanescentes atuais dos povos Karirí

Os índios pertencentes ao ramo Kipeá ou Kirirí (RODRIGUES, 1986) correspondem, até o presente momento, aos únicos representantes vivos do que resta ainda hoje como legado da grande Família Karirí.

Os Kipeá estão situados geograficamente no Nordeste dos Estados da Bahia e do Sergipe (RODRIGUES, 1986, p. 49), às margens do Rio São Francisco. Estima-se que atualmente perfazem um total aproximado de dois mil índios (MARIANO, 2001), distribuídos em uma área de transição entre o agreste e o sertão nordestino (NASCIMENTO, 2001); convivendo, deste modo, com oscilações bruscas de temperatura, típicas do clima semi-árido (Mariano, 2001), e com uma vegetação rasteira, constituída por graminóides e xerófilas – plantas típicas da caatinga (BANDEIRA, 1972, p. 24).

Com a chegada dos religiosos capuchinhos e jesuítas, a partir da segunda metade do século XVII, iniciou-se a catequização dos Karirí – aldeados, para este fim, no sertão nordestino da Bahia e do Sergipe (MATA, 1999). Entretanto o aldeamento não foi pacífico, dando-se, desde o princípio, em um contexto de conflito entre religiosos e latifundiários. Estes últimos usavam, na época, a região para a criação de gado, já que a área oferecia uma pastagem natural para o criatório extensivo. Entretanto, com a expulsão dos missionários durante o governo pombalino, o conflito se transfere diretamente para os índios, que, sem proteção, se deslocam para áreas menos férteis, depois de verem fazendeiros e posseiros se apossarem gradativamente de suas terras (NASCIMENTO, 2001). Deste modo, os índios passam a vender sua força de trabalho ao próprio latifundiário, mantendo com ele uma relação de compadrio e clientelismo (MATA, 1999); e a viver em um ambiente onde o preconceito e a

discriminação entre “portugueses” ou “civilizados” e “caboclos” ainda hoje é indisfarçável (BANDEIRA, 1972, p. 11-13).

A busca por melhores tempos apregoados pelas promessas de redenção e libertação de Antônio Conselheiro levou os Kipeá a participarem ativamente da Guerra de Canudos (1897), trazendo, com isso, conseqüências negativas para a sua cultura. A guerra dizimou uma parte significativa da população, levando embora a língua – que morreu com os últimos falantes nativos –, e seus pajés – que levaram consigo grande parte das tradições culturais já bastante modificadas pela ação catequética e pelo intenso contato com a população não-índia, “mas que ainda asseguravam aos Kirirí, com relativa eficácia, sua adscrição simbólica face à sociedade envolvente” (NASCIMENTO, 2001).

Hoje o que restou da língua foram apenas palavras isoladas, tais como “bo’ze” (fumo), “mi’cu” (mandioca), “zo’zo” (estar brilhando) e “sã’bo” (cágado), convivendo com outras de origem duvidosa, já que podem ser provenientes de outras línguas indígenas, como “ui’sa” (dentes), “ku’re” (porco), “buziru□da’da” (batata) e “kaki’ka” (cotia) (BANDEIRA, 1972, p. 113-118).

Mesmo reconhecida, oficialmente, a etnia Kipeá a partir de 1949, através da instalação de um posto do antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), os conflitos ainda continuaram entre índios e não-índios – estes representados pelas classes dominantes e aqueles relegados à condição de “caboclos”, designativo que renega a sua identidade étnica (NASCIMENTO, 2001).

Conforme Bandeira (1972, p. 60-61), os Kipeá vivem da agricultura, com o cultivo do feijão, milho, mandioca e frutas diversas – produtos destinados ao consumo próprio e ao abastecimento de mercados locais e municipais –; e do artesanato, com a produção de cerâmica e trançados, na feitura de potes, vasos, aribés, panelas, abanadores, urupembas, caçuás, cestas, entre outros. Situação essa que permanece praticamente inalterada até hoje.

A partir dos anos 60, com o apoio de entidades não-governamentais como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a ANAI (Associação Nacional de Ação Indigenista) e do próprio movimento indigenista nacional, os índios Karirí estão, gradativamente, revertendo a sua história junto à sociedade civil e às instâncias políticas, reorganizando-se etnicamente através do reaprendizado de suas antigas tradições culturais; e, com isso, conquistando direitos que antes lhes tinham sido negados (NASCIMENTO, 2001).

5 FONEMAS DZUBUKUÁ

A partir dos indícios gráficos encontrados no catecismo impresso de Nantes, foi constatada a ocorrência de 23 fonemas no Dzubukuá (doravante Dz). 16 deles constituídos por segmentos assilábicos – 14 consoantes e 2 *glides* – e 7 vogais.

Quanto ao modo de articulação, os fonemas assilábicos aparecem distribuídos em 7 grupos; e quanto ao ponto de articulação são classificados em 5 tipos como a seguir:

	Labiais		Alveolares		Palatais		Velares		Glotal	
	surd	son	surd	son	surd	son	surd	son	surd	son
Oclusivas	p	b	t	d			k	g		
Nasais		m		n		ɲ				
Flepe ²				ɾ						
Fricativa									h	
Africadas			ts	dz						
Lateral				l						
<i>Glides</i>		w				j				

Quadro 01 – Consoantes e *glides* do Dz

Os fonemas acima podem ser validados pelos seguintes pares mínimos:

1) /b/ e /p/

2) /d/ e /t/

/bete/ (i-bette)³: para

/dato/ (dato): pôr-se (de joelhos)

/pete/ (pette): partir

/tato/ (tattho): ser devedor

3) /k/ e /g/

4) /n/ e /m/

² A consoante flepe foi considerada aqui fonema do Dz, devido a seu caráter menos marcado e, conseqüentemente, mais natural. Sua ocorrência comum e bastante freqüente nas línguas indígenas brasileiras e, especificamente, nas línguas do Tronco Macro-Jê, como o Akwẽ-Xerente (Sousa Filho, 2007), reforçou ainda mais esta opção. Mesmo cogitando a possibilidade da realização de uma vibrante múltipla, não foram encontrados indícios gráficos concludentes e seguros que levassem a confirmar a manutenção deste segmento pelo sistema fonológico do Dz. A própria Azevedo (1965, p. 4), apesar de cogitar para o Kipeá (doravante Kp), a partir do grafema *r*, tanto as realizações vibrante múltipla como a flepe, mostra-se, na página seguinte de sua dissertação (p. 5), mais adepta a esta última realização (flepe). Isto ainda mais confirma a adoção deste rótico para o Dz.

³ Entre parênteses segue a representação gráfica da qual o exemplo foi retirado, e também a indicação das fronteiras entre os morfemas. Não se achou necessário glossar os morfemas que aparecem entre parênteses, já que se trata apenas de uma indicação ao leitor de onde os exemplos foram retirados. Este mesmo procedimento foi mantido também para o capítulo que trata dos processos fonológicos e morfofonológicos, pois os morfemas responsáveis pela mudança na qualidade fonética dos segmentos já virão devidamente mencionados nos comentários e análises relacionados aos respectivos casos em que aparecerem.

/kepe/ (**quen**hie): antigamente

/gepe/ (**guen**hie): feijão

5) /ɲ/ e /n/

/api/ (**an**hy): alma

/ani/ (h-**an**y): a, ao

7) /d/ e /l/

/daNlaN/(d-u-**dan**lan-quie-li): querer

/laNlaN/ (d-u-**lan**lan-li): desejar

9) /ts/ e /dz/

/tso/ (di-**tso**-li): derramar

/dzo/ (**dzo**): chuva

11) /d/ e /ts/

/do/ (**do**-cli): comer

/tso/ (di-**tso**-li): derramar

13) /b/, /h/ e /r/

/bo/ (**bo**): para

/ho/ (**ho**): contra

/ro/ (**ro**): roupa, vestido

15) /l/ e /t/

/wekole/ (wecolè): avareza

/wekote/ (wecote): vedado, proibido

17) /m/ e /b/

/me/ (**me**-cli): dizer

/ne/ (**ne**): olhar

/me/ (**me**): jenipapo

6) /l/ e /r/

/klo/ (**clo**): entrar

/kro/ (**cro**): pedra

8) /r/ e /d/

/ro/ (**ro**): roupa, vestido

/do/ (**do**): de, para

10) /d/ e /dz/

/di/ (**di**): dar

/dzi/ (**dzi**-cli): cair

12) /t/ e /ts/

/neto/ (**netto**): lembrar-se

/netso/ (**netso**): conhecer

14) /t/ e /n/

/utu/ (**utthu**): fruta

/unu/ (**unnu**): sofrer

16) /m/ e /p/

/mah/ (c-u-**mah**): queimar

/pah/ (**pah**-cli): matar

18) /w/ e /m/

/wo/ (**wo**): caminho

/be/ (bé-ba): colher

/mo/ (mo): em

19) /d/ e /n/

20) /r/ e /n/

/de/ (i-dè): mãe

/ro/ (ro): roupa, vestido

/ne/ (di-nne-li): obedecer

/no/ (no): de, por

/moro/ (i-mmoro-ho): ser assim

/mono/ (mono): como

21) /r/ e /dz/

22) /r/ e /ts/

/ro/ (ro): roupa, vestido

/ro/ (ro): roupa, vestido

/dzo/ (dzo): chuva

/tso/ (di-tso-li): derramar

23) /n/ e /l/

24) /n/ e /j/

/le/ (i-lè): agastar-se

/nabalu/ (nabálu): costa

/ne/ (ne): olhar

/jabalu/ (yabálu): raivoso

25) /p/ e /w/

26) /w/ e /b/

/pi/ (pi-de): estar em algum lugar

/wo/ (wo): modo

/wi/ (wi-cli): ir

/bo/ (bo): para

27) /t/ e /r/

28) /dz/ e /t/

/moto/ (motto): encher

/dzo/ (dzo): chuva

/moro/ (i-mmoro-ho): assim

/to/ (to): poder

No Dz, os fonemas vocálicos se diferenciam pelos 3 níveis de acordo com a altura da língua, pelas 3 posições do corpo lingual – com relação a seu recuo ou avanço – e pela configuração dos lábios, integrando algumas o quadro das não-arredondadas e outras o das arredondadas. Essas propriedades podem ser melhor visualizadas no quadro fonológico a seguir:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	não-arred.	arred.	não-arred.	arred.	não-arred.	arred.
Altas	i		i			u
Médias	e	œ				o
Baixas			a			

Quadro 02 – Vogais do Dz

O *status* fonológico das vogais apresentadas pode ser validado pelos seguintes pares contrastivos:

29) /e/ e /i/

/dzeku/ (dzecu): saliva

/dziku/ (dzicu): bugio (espécie de macaco)

31) /o/ e /u/

/no/ (no): se, quando

/nu/ (i-nnu): entrada

33) /i/ e /u/

/idi/ (k-u-idhi): coração

/udu/ (dz-udhu): inferno

35) /e/ e /o/⁵

30) /a/ e /i/⁴

/ba/ (ba-a): morar, viver

/bi/ (i-bwj): pé

32) /i/ e /i/

/ami/ (h-ammi): comer, manjar

/ami/ (h-ammwi): com

34) /i/ e /u/

/bi/ (i-bwj): pé

/bu/ (bu-cu): branco

36) /a/ e /e/

⁴ As evidências gráficas que indicam a existência da vogal alta central /i/ no Dz são encontradas com mais regularidade nas correspondências entre este último dialeto e o Kp. Em quase todas as correspondências, a seqüências **ui/wi/uy/wj** – quando antecedidas pelos grafemas consonantais **p, b, k, m, kl** e **dh**, exceto **g (gui)** – equivale em cognatas do Kp a **ŷ** – indicando, com isso, ser um único som. O grafema **ŷ** aparece no texto de Mamiani e foi considerado por Azevedo (1965, p. 6) como representação gráfica da central /i/, postulada pela autora para o Kp. Isso reforça mais ainda a adoção das seqüências **ui/wi/uy/wj** como indícios gráficos no texto de Nantes da presença da vogal central alta /i/ também para o Dz. Os próprios grafemas que constituem as seqüências gráficas mencionadas apontam para um som alto – representado por **u/w** e **i/j/y** – situado entre uma vogal posterior e outra anterior; sinalizando, com isso, para um som central, o qual termina numa vogal não-arredondada **i/j/y**. A realização que, no quadro fonético internacional, mais se aproxima desse som é a vogal central alta não-arredondada /i/.

/pete/ (pette): partir (partição)

/pote/ (i-pote-te): tocar, soar

/mane/ (manne): trincheira

/mene/ (i-menne-tte): ira

/hikia/ (hiquia): moça

/hikie/ (hiquie): coisa alheia

/habe/ (habbe): pena, castigo

/hebe/ (di-hebbe): limite, fronteira

37) /œ/⁶, /o/ e /a/

/bœ/ (i-boè): subir

/bo/ (bo): para

/ba/ (ba-a): morar

38) /e/ e /œ/

/be/ (bé-ba): colher

/bœ/ (i-boè): subir

⁵ Outros fonemas que merecem atenção são as vogais médias /e/ e /o/ postuladas para o Dz. As vogais **e** e **o** são grafemas encontrados nos documentos do Dz e Kp. Os autores desses documentos (Nantes e Mamiani, respectivamente) não sinalizam traços fonéticos ou fonológicos que pudessem orientar para uma definição quanto ao grau de abertura das vogais mencionadas. Por essa razão, considerou-se aqui o argumento dos universais lingüísticos (Crystal, 2000, e Hyman, 1975) para a escolha teórica das vogais médias fechadas como segmentos fonológicos existentes no inventário de fonemas do Dz. Por serem menos marcadas, as vogais médias fechadas possuem propriedades mais gerais e, desta forma, tendem a aparecer com maior frequência nas línguas do mundo. Azevedo (1965, p. 6), ao optar pelos símbolos fonológicos /e/ e /o/, em sua dissertação, como interpretação dos grafemas **e** e **o** do texto de Mamiani, demonstra sua adesão à postulação de vogais médias fechadas para o Kp. Isso reforça mais ainda a preferência por essas vogais para o Dz.

⁶ A sequência **oe** do Dz foi considerada um fonema e não dois, devido à sua correspondência regular com apenas um grafema em cognatas do Kp que sinaliza vogais anteriores. Como também, no próprio texto do catecismo de Nantes, as letras **o** e **e** da sequência aparecem sempre juntas em todas as posições da palavra (inicial, medial e final) e apresentam nessa situação variação livre com vogais simples. As próprias vogais mencionadas que compõem a estrutura **oe** já apontam juntas para uma realização vocálica média.

6 AS CONSOANTES: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA

Esta seção está constituída de sete subseções. Em seis delas aparecem devidamente descritos os fonemas consonantais verificados no Dz. As consoantes aqui descritas obedecem à mesma ordem em que aparecem no quadro fonológico (Quadro 01), apresentado no capítulo anterior. Ou seja, a descrição parte do grupo das consoantes oclusivas e termina com a única consoante lateral encontrada no texto Dz do catecismo. Ao final, na sétima subseção, foi disponibilizado um quadro-síntese contendo os resultados apresentados em todas as seis subseções mencionadas.

6.1 As consoantes Oclusivas

A consoante oclusiva bilabial surda /p/ é representada pelos grafemas **p** e **pp** – que indicam sua realização fonética como [p].

O alofone oclusivo bilabial surdo [p] ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, i/ (itens de 1 a 6) e das líquidas /r, l/ (7, 8); e aparece em posição de início (1, 2, 3, 4, 6) e meio de palavra (4, 5, 7, 8):

- 1) /pah/ [pah] (pah-cli): matar
- 2) /pemi/ [pemi] (pemwi-ba): abrir
- 3) /pita/ [pita] (pitta): rede
- 4) /popo/ [popo] (di-poppo): irmão mais velho
- 5) /upuh/ [upuh] (puh, upu-te): sopro, soprar
- 6) /pih/ [pih] (i-puih): alagar
- 7) /bidapri/ [bidapri] (buidapri-ba): dar pancadas
- 8) /bepli/ [bepli] (bepli-ba): ser espantado

A consoante oclusiva bilabial sonora /b/ é representada pelos grafemas **b** e **bb**, marcando sua realização como oclusiva bilabial [b]. Este alofone ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, æ, i/ (9 a 15) e da consoante /r/ (16), e aparece em posição inicial (9, 13, 14, 15, 16) e medial de palavra (9, 10, 11, 12):

- 9) /bababœ/ [bababœ] (bababoè-te): lanceta
- 10) /hebe/ [hebe] (di-hebbe): limites dos mares, margens
- 11) /kabi/ [kabi] (kabbi): arrependimento
- 12) /maiboh/ [maiboh] (maiboh): tomar
- 13) /buko/ [buko] (bucco): lama
- 14) /bœkla/ [bœkla] (boecla): tísica
- 15) /bipi/ [bipi] (buipei-ba): restituir
- 16) /bruka/ [bruka] (bruca): vir depressa

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ é representada pelos grafemas **t**, **tt** – para sua realização [t], pelos alografes **th**, **tth**⁷ – para sua realização aspirada [t^h], **r** – para sua realização como flepe [r], e **l** – para a realização lateral [l].

A realização oclusiva alveolar surda [t], de larga distribuição, ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u/ em início (17, 19, 20, 24) e meio (18, 21, 23) de palavra. Como oclusiva alveolar surda aspirada [t^h] pode flutuar ou não com [t] diante das vogais /e, i, o, u/ e apenas como [t^h] diante dos alofones vocálicos [a,æ] ocorrendo em início (17, 19, 20, 22) e meio (18, 21) de palavra. Seu alofone flepe [r], no entanto, é bem mais restrito encontrado apenas em ambientes intervocálicos quando antecedido ou seguido das vogais /e, i/. Esses ambientes

⁷ No catecismo Dz, há a ocorrência freqüente das seqüências **th**, **tth** e **dh**, **ddh**. Sua presença ocorre em todas as posições silábicas tal como os seus correspondentes simples **t** e **d**, respectivamente. Isso torna as seqüências anteriores suspeitas, sinalizadoras de realizações particulares. Recorrendo ao catecismo (1942[1698]) e à gramática (1877[1699]) de Mamiani para o Kp, observa-se que a presença gráfica de consoante com **h** indica aspiração, exceto **nh** e **ch** que indicam as realizações [ɲ] e [ʃ], como em português, conforme escrito pelo mesmo autor. Logo, a consoante **t**, quando seguida de **h**, pede “mais ordinariamente a aspiração do que as outras” (MAMIANI, 1877[1699], p. 2). Isso explica, então, a recorrência expressiva das seqüências acima no texto Dz e leva a considerar tais seqüências como indícios gráficos de alofones aspirados, [t^h] e [d^h], para os fonemas /t/ e /d/, respectivamente. Vale ressaltar, aqui, que não é habitual, no catecismo Português-Dzubkuá de Nantes (1709), a utilização da seqüência gráfica **ch**. Ela foi encontrada somente em empréstimos da ortografia do Pt do século XVIII, como “Archanjo” (p. 207), “Christo” (p. 33) e “christãos” (p. 43), e adaptações destes à morfologia do Dz, em ocorrências do tipo “christão-cli” – “ser cristão” (p. 50) e “di-christão-quie-li” – “pagãos” (p. 91). Um caso isolado aparece em “quicho” (p. 92), variação gráfica de “quieho” (p. 3) – “primeiro”. E, por último, no vocábulo “Chuminis” (p. 265) ou “Chumíniz” (p. 263), designativo de índios aparentados aos Dz (p. 262). Estes casos sinalizam a atipicidade da presença de **ch** no texto Dz do padre capuchinho, não sendo considerado aqui como seqüência gráfica válida para o dialeto estudado.

podem fazer parte (23) ou não (24) da estrutura da própria palavra. E, por fim, ocorre variação livre entre as realizações alveolares oclusiva [t] e lateral alveolar [l] quando diante da vogal /e/ em início (24) e meio (25) de palavra:

- 17) /te/ [te] ~ [t^he] (te-ba ~ **the**-ba): vir
- 18) /bati/ [bati] ~ [bat^hi] (batti ~ bat**thi**): estrela
- 19) /to/ [to] ~ [t^ho] (to ~ **tho**): poder
- 20) /tu/ [tʉ] ~ [t^hu] (tû-cli-a ~ **thú**-cli): resolver-se, tomar uma resolução
- 21) /morota/ [morot^ha] (morot**th**a): caber
- 22) /tœ/ [t^hæ] (**th**ae-cli): fazer força
- 23) /witanedike/ [witanedike] ~ [wiranedike] (witanedique ~ wiranedíque): três
- 24) /-te/ [-te] ~ [-re] ~ [-le] (tetsi-te-a ~ têtsi-re-a ~ alidze-te ~ alidze-le): prefixo nominalizador e pluralizador
- 25) /hitsote/ [hitsote] ~ [hitsole] (i-hitsote ~ i-hitsole): este

A consoante oclusiva alveolar sonora /d/ é representada graficamente por **d** e **dd** – para sua realização sonora não-aspirada [d] – e pelos alografes **dh**, **ddh** – que marcam sua realização aspirada [d^h].

Como oclusiva alveolar sonora não-aspirada [d] ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, œ/ em início (29) e meio (26, 27, 28, 30, 31) de palavra. Já variante oclusiva alveolar sonora aspirada [d^h] pode ocorrer ou não em flutuação livre com a forma não-aspirada anterior diante das vogais /a, e, i, u/, e unicamente como aspirada diante das vogais /o, i/, ocorrendo em posição inicial (29) e medial (28, 30, 31, 32, 33) de palavra:

- 26) /ekodo/ [ekodo] (h-ecod**do**): viático
- 27) /toidœ/ [toidœ] (i-toi**d**oé): não obedecer
- 28) /amœda/ [amœda] ~ [amœd^ha] (d-amoe**d**a ~ d-amoe**dha**): mão
- 29) /de/ [de] ~ [d^he] (i-dè ~ i-d**h**è): mãe

30) /nudi/ [nudi] ~ [nud^hi] (nudi-cli-a ~ nud^hhi-cli-a): resolução, resolver-se

31) /kudu/ [kudu] ~ [kud^hu] (kuddu ~ kuddhu): joelho

32) /ido/ [id^ho] (idho): “estar da parte” (NANTES, 1709, p. 308)

33) /meidi/ [meid^hi] (immeidhuy): costa, costela

O fonema oclusivo velar surdo /k/ é representado graficamente por **c**, **cc**, **k**, **qu** – que marcam sua realização como velar surda simples [k] –; em alguns casos, por **qui** – representando sua realização palatal [k^j] –; e pela sequência **gu** – alografe de sua realização como velar sonora [g].

Como consoante oclusiva velar surda [k], de larga distribuição em Dz, ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, i/ e das líquidas /r, l/, sendo encontrada em início (35, 39, 40) e meio (34, 35, 36, 37, 38, 41) de palavra. Já a realização oclusiva velar surda palatal [k^j] ocorre apenas diante da vogal /e/ em flutuação livre com a realização [k] no meio de palavra (41). A realização oclusiva velar sonora [g], por sua vez, ocorre diante das vogais /a, i/ em início de palavra (39, 40) e em ocorrência paralela com a variante desvozeada [k]:

34) /buko/ [buko] (bucco): lama

35) /kuku/ [kuku] (i-cucu-te): tio

36) /aNki/ [ãkⁱ] (ankui): chorar

37) /bidzekrada/ [bidzekrada] (bidzecradda): aborrecer

38) /ukleN/ [ukle] (velèm): sabre

39) /kaNgri/ [kaNgri] ~ [gãkri] (k-u-cangri-te ~ c-u-gancri-te): ações boas, bom, virtuoso

40) /-kie/ [-kie] ~ [-gie] (di-cangri-**qu**ie-li ~ di-cangri-**gu**ie-li): sufixo de negação

41) /buke/ [buke] ~ [buk^je] (bu**que** ~ bu**qui**è): ser formoso

A consoante oclusiva velar sonora /g/ aparece no catecismo de Nantes representada pela sequência grafêmica **gu** – para sua realização sonora [g] – e pelos alografes **c**, **qu** – para a sua realização surda [k].

A realização oclusiva velar sonora [g], mais freqüente em Dz, ocorre apenas diante das vogais /a, e, i/ e do rótico /r/, sendo encontrada em posição inicial (42) e medial (43, 44, 45) de palavra; e ocorre em flutuação livre com a realização oclusiva velar surda [k] diante dos alofones [e, r] no meio (44, 45) de palavra:

42) /ge^{je}ne/ [ge^{je}nⁱe] (**guen**hie): feijão

43) /wanagidze/ [wanagidze] (**wanagu**idze): uma das divindades principais dos Dz

44) /buaNga/[buãge] ~ [buãke] (buanga ~ i-buangue-a ~ i-buanque-a): pecado

45) /kaN^gri/ [kãgri] ~ [gãkri] (k-u-cangri-te ~ c-u-ganc^gri-te ~ cangri): ser bom, ação boa

6.2 As consoantes nasais

A consoante nasal bilabial /m/ aparece, no texto impresso de Nantes, representada pelos grafemas **m**, **mm** – sinalizando sua realização bilabial [m]. Esta realização ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, œ, i/, aparecendo em posição inicial (46, 47, 49, 51) e medial (48, 50, 52) de palavra:

46) /malidza/ [**m**alidza] (**m**alidza): guerra

47) /me/ [**m**e] (**m**e-cli): dizer

48) /ami/ [**a**mi] (h-am**m**i): manjar, comer

49) /mono/ [**m**ono] (**m**ono): como

50) /emumu/ [**e**mumu] (h-em**m**um**m**u-te): superstição

51) /mido/ [**m**ido] (**m**uiddo): ser levado

52) /amœda/ [**a**mœd^ha] (d-am**m**oedha): mão

A consoante nasal alveolar /n/ é representada graficamente pelos grafemas **n**, **nn** – referentes à sua realização como alveolar [n] – e pela sequência alográfica **nh** – correspondente à sua realização como nasal palatal [ɲ].

O alofone nasal alveolar [n], bastante freqüente em Dz, ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u/, aparecendo em posição inicial (53, 54, 55, 57) e medial (56, 57) de palavra; e ocorre em variação livre com a realização nasal palatal [ɲ] diante da vogal anterior alta não-arredondada /i/ em início de palavra (57):

53) /**n**abidze/ [**n**abidze] (**n**abidze): nariz

54) /**n**eto/ [**n**eto] (a-**n**etto): lembrar

55) /**n**oli/ [**n**oli] (**n**oli): porque

56) /**banunuru**/ [**banunuru**] (**banunnuru**): estar misturado

57) /**nienuo**/ [**nienuo**] ~ [**ɲienuo**] (**nienwo** ~ **nhienwo**): diabo

No texto do catecismo, foi observada a variação gráfica paralela, em algumas ocorrências, entre **n** e **m** na margem direita da sílaba, em posição inicial (58), medial (59) e final (60) de palavra. Essa ocorrência parece sinalizar a neutralização dos fonemas nasais /m/ e /n/ em posição de coda, resultando numa consoante nasal não-especificada, /N/⁸:

58) /wa**N**ga**N**le/ [wãgãle] (**wam**ganle-te ~ **wan**ganle-te): ser pobre

59) /da**h**a**N**tsi/ [dahãdsi] (**daham**dcj ~ **dahan**dcj): lá, alli

60) /bi**r**a**N**/ [birã] (**buiram** ~ **buiran**): irmão mais novo

Desta forma, os grafemas **n**, **m**, **mm**, quando ocupam a coda silábica, sinalizam a consoante nasal de traço não-especificado /N/, a qual aparece em sílabas cujo núcleo é ocupado pelas vogais /a, e, o/. A nasal /N/, nesses ambientes, pode preceder ataque silábico

⁸ Optou-se pelo símbolo maiúsculo /N/ para evitar uma possível confusão com o fonema nasal /n/, e também porque conserva a articulação de uma nasal alveolar – que pelo viés dos universais lingüísticos, corresponde a um som menos marcado nas línguas humanas e, portanto, tende a ser mais natural. Esta forma de representar a consoante nasal de coda foi adotada seguindo também o exemplo de autores brasileiros, voltados para o Português (doravante Pt), como Câmara Jr. (1977), Bisol (2005) e Silva (2001).

ocupado pelas consoantes /k, ts, dz, d, r, l, b/, ocorrendo em meio (61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69) e final (65, 66, 67, 68) de palavra. E quando antecedita pelas vogais /a, e/, sofre processo de assimilação indicado graficamente pelo til (~) (65, 66). Esse diacrítico também foi adotado aqui, levando em conta este processo, para também indicar a transcrição fonética deste segmento:

- 61) /aNki/ [ãki] (ankui): chorar
- 62) /dahaNtsi/ [dahãdsi] (dahandcj): lá
- 63) /iheNdzi/ [ihẽdzi] (ihemdzi): árvore
- 64) /niaNdi/ [niãdi] (nianddi): óleo
- 65) /aNraN/ [ãrã] (anran ~ anrã): homem
- 66) /deheN/ [dehẽ] (dehèm ~ dehẽ): também
- 67) /toNraNraN/ [tõrãrã] (d-u-tonranran): livro
- 68) /laNlaN/ [lãlã] (d-u-lanlan-quie-li): querer
- 69) /aNbule/ [ãbule] (h-ambule-a): pressa

A consoante nasal palatal /ɲ/ aparece no texto de Nantes representada pelos grafemas **nh**, **nnh** – relativos à sua realização palatal [ɲ] –; pelo alografe **n** – que marca a sua realização como alveolar [n] –; pela sequência **nh** – que expressa graficamente sua variante espreada [ɲʲ] –; pelo alografe **h** – referente à sua variante fricativa glotal simples [h] –; e pela sequência alográfica **hi** – correspondente à sua realização fricativa glotal palatal [hʲ].

A realização nasal palatal [ɲ] ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u/, encontrado no início (71, 73, 75, 78) e meio (70, 72, 74, 79) das palavras. A realização nasal alveolar [n] aparece diante das vogais /a, o, u/ em flutuação com a nasal palatal simples [ɲ], ocorrendo em início (73, 75) e meio (74) de palavra. A variante nasal palatal espreada [ɲʲ], no entanto, ocorre diante das vogais /e, u/ em posição medial (76, 77) de palavra. A variante fricativa glotal surda simples [h] ocorre diante das vogais /e, u/, aparecendo no início (78) e meio (79)

de palavra. Já o alofone fricativo glotal palatal surdo [h^j] varia com a forma espreada [ɲ^j] diante da vogal /e/ em posição medial de palavra (80):

70) /ɲaro/ [ɲaro] (**in**haró): portanto

71) /ɲeneti/ [ɲeneti] (**n**henetti): recomendar

72) /wiɲu/ [wiɲu] (win**h**u): menino

73) /ɲate/ [ɲate] ~ [nate] (a-**n**hatte-te ~ a-**n**atte-te): trabalho, trabalhar

74) /niɲo/ [niɲo] ~ [nino] (i-nin**h**o-a ~ i-nhino): criar

75) /ɲu/ [ɲu] ~ [nu] (i-n**h**u ~ i-**n**nu): filho

76) /ruɲu/ [ruɲ^ju] (Run**h**iu): caldeira

77) /nuɲe/ [nuɲ^je] (nun**h**ie): guardar

78) /ɲu/ [ɲu] ~ [hu] (i-nhu-**n**hu ~ i-nhũ-**h**u): filho

79) /aɲi/ [aɲi] ~ [ãhi] (k-an**h**i-a ~ k-ã**h**i-a): alma

80) /keɲe/ [keɲ^je] ~ [kẽh^je] (quen**h**ie ~ quẽ**h**ie): antigamente, antes

Respectivamente, as variantes fricativas glotais simples [h] (78, 79) e a palatal [h^j] (80) ocorrem, provavelmente, devido à assimilação da nasalidade da consoante palatal /ɲ/ pelas vogais da sílaba precedente.

6.3 A consoante flepe⁹

A consoante /r/ é grafada, no catecismo, pelos tipos minúsculos **r** e **rr** e pelo maiúsculo **R** para representar sua realização como flepe [ɾ]. Esta última ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u/, podendo aparecer ou não precedido pelas consoantes /p, b, k, g/; ocorrendo regularmente em posição inicial (82, 84, 86, 88) e medial (81, 83, 85, 87) das palavras:

81) /banaNre/ [banã**r**e] (bannan**r**é): temer

⁹ Adaptação para o português (Silva, 2001) do inglês *flap*.

- 82) /rihu/ [rihu] (dz-û-rihu): lagoa
- 83) /bororu/ [bororu] (bororu): bexiga
- 84) /propi/ [propi] (propwj): melão
- 85) /bidzebro/ [bidzebro] (bidzebro): rosto
- 86) /krabu/ [krabu] (di-crabu): peito
- 87) /kaNgri/ [kãgri] (kangri): bom
- 88) /rada/ [rada] ~ [rada] (rada ~ rrada ~ Rada): terra, mundo

6.4 A consoante fricativa

A consoante fricativa glotal surda /h/ foi o único fonema fricativo encontrado para o Dz. É representado graficamente pelo grafema **h** – que marca sua realização como glotal surda [h] – e pelo alografe **b** – que representa sua variante oclusiva bilabial sonora [b].

A realização fricativa glotal surda [h] ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u/ e aparece no início (92, 93, 94), meio (89, 90, 95) e final (91) de palavra. Porém, flutua com a variante oclusiva bilabial sonora [b] diante das vogais /a, e, i, o/ em início (92, 93, 94) e meio (95) de palavra:

- 89) /aboho/ [aboho] (aboho): depois
- 90) /rihu/ [rihu] (dz-û-rihu): lagoa
- 91) /pih/ [pih] (i-puih): alagar
- 92) /hamodi/ [hamodi] ~ [bamodi] (hammo-di ~ bammo-di): amém, assim
- 93) /hemi/ [hemi] ~ [bemi] (hemwi ~ bemwi): céu
- 94) /-hi/ [-hi] ~ [-bi] (v-plè-nu-quie-ba-hi ~ a-plè-nu-quie-ba-bi):
- 95) /boho/ [boho] ~ [bobo] (boho ~ bobo): ou

6.5 As consoantes africadas

A consoante africana alveolar surda /ts/ aparece no catecismo de Nantes representada pela sequência **ts** e alografes **tc** e **tç** – referentes à sua variante alveolar surda [ts] –; pelas sequências **ds**, **dc** – relativos à sua variante africana alveolar parcialmente sonora [ds] –; e por **ls** – relativa a um som mais complexo, correspondente a uma realização africana lateral alveolar parcialmente sonora, [ls].

A variante africana alveolar surda [ts] ocorre diante das vogais /e, i, o, u/, aparecendo no início (100, 102) e meio (96, 97, 98) de palavra. Já o alofone africano alveolar parcialmente sonoro [ds] pode ou não flutuar com a realização [ts] diante de /e, o/ e ocorrer apenas como [ds] diante das vogais /a, i, u/, aparecendo em início (99, 100, 102) e meio (101, 103) de palavra. A variante africana lateral alveolar parcialmente sonora [ls] ocorre diante das vogais anteriores /e, i/ apenas em meio (96, 104) de palavra:

96) /tetsi/ [tetsi] ~ [telsi] (tetsi ~ telsi): mulher

97) /kotso/ [kotso] (kotso): negro

98) /popubutsu/ [pop^hubutsu] (i-ponhiubutçu-te): rude

99) /tsate/ [dsate] (dsátte-ba): aparelhar

100) /tsebu/ [tsebu] ~ [dsebu] (i-tsebú-tte ~ i-dcebu-tte): cabeça, princípio, primeiro

101) /dahaNtsi/ [dahãdsi] (dahandej): lá

102) /tsoho/ [tsoho] ~ [dsoho] (hi-tsoho-te ~ hi-dsoho-te): haver

103) /kutsu/ [kudsu] (i-cudsu-te): ter vergonha

104) /atse/ [atse] ~ [alse] (k-atse-a ~ k-alse-a): ser

A consoante africana alveolar sonora /dz/ é representada graficamente no texto impresso de Nantes pela sequência **dz** – correspondente à sua realização como alveolar sonora [dz], de maior distribuição – e pelos alografes **ds**, **dc** – referentes à sua articulação parcialmente sonora [ds].

O alofone africado alveolar sonoro [dz] aparece regularmente diante das vogais /a, e, i, o, u/, sendo encontrada em posição inicial (106, 107, 108, 110) e medial (105, 109) de palavra. Já a variante africada alveolar parcialmente sonora [ds] ocorre em flutuação livre com a anterior, [dz], diante das vogais /a, e, i/ e no prefixo de 1ª pessoa /dz-/ (110). A realização [ds] foi encontrada em início (107, 108, 110) e meio (109) de palavra:

105) /bidzoho/ [bidzoho] (di-bidzoho): ninguém

106) /dzu/ [dzu] (dzu): água

107) /dzaka/ [dzaka] ~ [dsaka] (a-dzacca-te ~ a-dsacca-te): sogro, sogra

108) /dzeka/ [dzeka] ~ [dseka] (i-dzécca-te ~ i-dsecca-te): cume

109) /behedzi/ [behedzi] ~ [behedsi] (behedzi ~ behedcj): melancia

110) /dz-/ [dz-] ~ [ds-] (dz-umuiquedde ~ ds-umiquede-clj): prefixo de primeira pessoa

6.6 A consoante lateral

A consoante lateral alveolar /l/ é representada graficamente pelo grafema **l** – que corresponde à sua realização como lateral [l]. Esta última, de larga distribuição, ocorre diante das vogais /a, e, i, o, u, i/ e é antecedida apenas pelas consoantes /k, p/, aparecendo em início (111, 114, 117, 118) e meio (112, 113, 115, 116) de palavra:

111) /laNbi/ [lābi] (i-lambwi-ba): acabar

112) /haNbule/ [hābule] (hambule-a): pressa

113) /tili / [tili] (tili-pah): sentenciar, sentença

114) /-lobœ/ [-lobœ] (dziclo-loboé-a): todos juntos

115) /jabalu/ [jabalu] (yabálu): raivoso

116) /eli/ [eli] (hi-elui-te): arraial

117) /klodi/ [klodi] (i-cloddi-a): ser forte

118) /pli/ [pli] (pli-cli-a): deixar

6.7 Síntese dos resultados das consoantes

Os resultados das realizações fonético-fonológicas das consoantes até aqui apresentadas podem ser reunidos no quadro abaixo:

Oclusivas			Nasais ¹⁰		
Fonema	Alofones	Grafemas	Fonema	Alofones	Grafemas
/p/	[p]	p, pp	/m/	[m]	m, mm
/b/	[b]	b, bb	/n/	[n]	n, nn
/t/	[t]	t, tt		[ɲ]	nh
	[t ^h]	th, tth	/ɲ/	[ɲ]	nh, nnh
	[ɾ]	r		[ɲ]	n
	[l]	l		[ɲʲ]	nhi
/d/	[d]	d, dd		[h]	h
	[d ^h]	dh, ddh		[hʲ]	hi
/k/	[k]	c, cc, k, qu	Flepe		
	[kʲ]	qui	Fonema	Alofones	Grafemas
	[g]	gu	/r/	[ɾ]	r, rr, R
/g/	[g]	gu	Fricativa		
	[k]	c, qu	Fonema	Alofones	Grafemas
Africadas			/h/	[h]	h
Fonema	Alofones	Grafemas		[b]	b
/ts/	[ts]	ts, tc, tç	Lateral		
	[ds]	ds, dc	Fonema	Alofones	Grafemas
	[ls]	ls	/l/	[l]	l
/dz/	[dz]	dz			

¹⁰ Nesta seção ficou excluída do bloco das nasais do quadro-síntese acima apenas a consoante não-especificada /N/, já que não corresponde a um fonema e, sim, somente a uma indicação da neutralização fonológica das consoantes /m/ e /n/ em posição de coda silábica.

	[ds]	ds, dc			
--	------	---------------	--	--	--

Quadro 03 – As consoantes do Dz e seus respectivos alofones

7 OS *GLIDES*: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA

A presente seção se encontra dividida em três subseções. Nas duas primeiras aparecem devidamente descritos os *glides* ocorrentes no texto Dz do catecismo. Primeiramente é apresentada a descrição do *glide* labial /w/ e, em segundo, a do *glide* palatal /j/ que compõem, juntamente com as consoantes apresentadas anteriormente, o quadro dos segmentos assilábicos do dialeto estudado. Ao final, na terceira subseção, aparecerá um quadro-síntese com todos os resultados apresentados nas duas primeiras subseções.

7.1 O *glide* /w/

O *glide* labial /w/ é representado, no catecismo, através das letras **u**, **w**, **v** – representantes gráficas da realização labial não-alongada /w/ –; por **ww**, **wu**, **vw** – correspondentes à realização labial alongada [w:] –; e novamente por um simples **w** – que marca graficamente a presença da variante vocálica posterior alta [u].

O *glide* labial não-alongado [w] ocorre diante das vogais /a, e, i, o/ em início (1, 2, 3, 5, 6, 7) e meio (4) de palavras; e pode flutuar com o *glide* labial alongado [w:] apenas diante de /a, i, o/, em posição inicial (2, 3) e medial (4) de palavra. Também aparece, em algumas ocorrências, em variação livre com a vogal posterior alta arredondada [u] diante das vogais anteriormente mencionadas, /a, i, o/, apenas em início de palavra (5, 6, 7) quando ocorre o apagamento destas mesmas vogais:

- 1) /weko/ [weko] (dz-weco-te): vedar, proibir
- 2) /waji/ [waji] ~ [w:]aji (wanhi-cli-hi ~ wwanihi-cli-hi): procurar
- 3) /wi/ [wi] ~ [w:]i (j-wi ~ j-wwj): fazer-se
- 4) /ukewo/ [ukewo] ~ [ukew:]o (vquewo ~ vquèwwo): peçonha
- 5) /waNraNdzi/¹¹ [wanadzi] ~ [unadzi] (wanadzi ~ wnadzi): remédio
- 6) /witanedike/ [witanedike] ~ [utanedike] (witanedique ~ wtanedique): três

¹¹ Optou-se pela forma hipotética “wanrandzi” como estrutura subjacente ser a mais próxima às formas paralelas “wanadzi” e “anrandzi” (mezinha, remédio) do Dz e da cognata “wanrandzi” do Kp.

7) /wohoje/ [wohoje] ~ [uhoje] (wohoye ~ whoye): tudo, todos

7.2 O glide /j/

O *glide* palatal /j/ é representado, no catecismo, pelas letras **i**, **j** e **y** – referentes à sua realização como palatal [j] –; e, dentre estes, pelos alografes **i** e **y** que marcam a sua variante vocálica, a vogal anterior alta [i].

A realização como *glide* palatal [j] ocorre apenas diante das vogais /a, e, u/ no início (8) e meio (9, 10, 11, 12) das palavras. E, em alguns casos, flutua com a vogal anterior alta não-arredondada [i] em posição medial de palavra (10, 11) diante das vogais /a, e/, provavelmente devido ao apagamento destes dois fonemas:

8) /jara/ [jara] (jará): estar inchado

9) /badoje/ [badoje] (hy-baddoye): descendente

10) /dzeja/[dzeja] ~ [dzei] (an-dzeya-ônhe-que-a ~ i-dzey-onhe-quie-a): dor, pesar, estar/ficar triste

11) /wohoje/ [wohoje] ~ [wohoi] (wohoye ~ wohoy): todos

12) /taju/ [taju] (tayu): dinheiro

7.3 Síntese dos resultados dos *glides*

As realizações fonético-fonológicas de ambos os *glides* do Dz, apresentados acima, podem ser melhor visualizados no quadro abaixo:

<i>Glides</i>					
/w/	[w]	u, w, v	/j/	[j]	i, j, y
	[w:]	ww, wu, vw		[i]	i, y
	[u]	w			

Quadro 04 – Os *glides* do Dz e seus respectivos alofones

8 AS VOGAIS: DESCRIÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E ALOFONIA

Serão considerados aqui os sete fonemas vocálicos quanto à sua descrição, distribuição e alofonia. Contudo, antes de se prosseguir com os devidos comentários, são necessárias algumas considerações a respeito do circunflexo (^) que acompanha algumas vogais e aparece com bastante frequência no texto de Nantes. Como este último autor não deixou nenhuma notação por escrito que explicasse o uso deste diacrítico, teve-se que recorrer às anotações de Mamiani (1877 [1699]) presente em sua arte gramática, devido à contemporaneidade desta obra com o catecismo de Nantes (1709); respectivamente, impressas, uma no final do século XVII e, a outra, no início do século XVIII.

Mamiani, na introdução da sua gramática, traz algumas observações acerca da peculiaridade no comportamento de alguns sons do Kipeá e da utilização de determinados grafemas e diacríticos para representá-los. A respeito do circunflexo ele afirma utilizá-lo sobre as vogais para indicar que “hão de se pronunciar com som guttural na garganta, ou com som grosso com os beiços fechados” ([1877] 1699, p. 4). Som “guttural na garganta” ou “som grosso” aproxima-se mais, na nomenclatura moderna apresentada pelo Alfabeto Internacional de Fonética (Silva, 2001, p. 41), da realização laringal ou som proferido com “voz tremulante”; e a indicação “beiços fechados” assemelha-se mais a um som fechado. Apenas com relação à vogal **a**, Mamiani, além dessas características mencionadas anteriormente, acrescenta mais uma particularidade sonora quando o circunflexo recai sobre essa vogal: “sobre o A, denota que se ha de pronunciar com hum som que participa do A, & 0, & se faz pronunciando o A com os dentes fechados”. Essa realização sugere, para a sua representação fonética, o símbolo [ɐ̞] – um fonema central médio baixo laringal que oscila entre um arredondamento e um não-arredondamento dos lábios.

Em Nantes, o circunflexo recai graficamente sobre as vogais **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, resultando nos grafemas **â**, **ê**, **î**, **ô**, **û** e nas seqüências **oê** e **aê**¹². Então pelas conclusões tiradas a partir da utilização do circunflexo por Mamiani, e pelo conhecimento fonético-fonológico que se chegou acerca destes grafemas, obtém-se as seguintes notações fonéticas possíveis [ɐ̞, ɛ̞, ɪ̞, ɔ̞, ʊ̞, œ̞]. Estas realizações vocálicas foram consideradas alofones, em Dz, devido à sua oscilação gráfica, em um pequeno número de palavras, com vogais que aparecem, na maioria das vezes, sem o circunflexo.

¹² A seqüência acentuada **aê** ocorre apenas uma vez e na palavra “baêcla” (tísica). Desta maneira, por constituir-se como um caso isolado, será tratado mais adiante, no capítulo das alografias, já que pode ou não está sinalizando uma realização fonética particular, o alofone [æ̞].

Esta seção, portanto, se encontra constituída por quatro subseções. Nas três primeiras será apresentada a descrição dos fonemas vocálicos do Dz. As vogais aqui descritas, tal como as consoantes e *glides* comentados nas seções anteriores, seguirá a ordem do quadro fonético das vogais (quadro 02), apresentado no quarto capítulo. Ou seja, primeiramente será descrito o grupo das vogais anteriores; em seguida, o das centrais; e, por fim, o grupo das vogais posteriores. Ao final seguirá um quadro-síntese (quarta subseção) contendo todos os resultados apresentados nas três subseções anteriores.

8.1 Vogais anteriores

A vogal anterior alta não-arredondada /i/ é representada pelo grafema **i** e alografes **j** e **y** – correspondentes à sua realização como alta não-arredondada [i] – e por **î** – que indica um alofone anterior alto não-arredondado laringal [i̠].

A realização anterior alta não-arredondada [i] apresenta larga distribuição e ocorre sozinha formando sílaba (15) ou precedida pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, h, l, ts, dz, w/ em início (1, 2, 3, 4, 6, 9, 13, 14, 16, 18), meio (3, 4, 5, 8, 10, 17) e final (6, 7, 11, 12) de palavra; e oscila com o alofone anterior alto não-arredondado laringal [i̠] quando sozinho (15) ou precedido das consoantes /k, ɲ/ (16, 17) e do alofone [ɲ] em início (18) e meio (17) de palavra:

- 1) /pita/ [pita] (pitta): rede
- 2) /bidzoho/ [bidzoho] (biddzoho): ninguém
- 3) /tibudina/ [tibudina] (tibudinna): donzela
- 4) /hikie/ [hikie] (hiquie): coisa, bens
- 5) /wanagidze/ [wanagidze] (wanaguidze): uma das divindades dos Dz
- 6) /klimi/ [klimi] (climi): lontra
- 7) /dani/ [dani] (dannj): matéria
- 8) /apirokla/ [apirokla] (anhirocla): ser excomungado
- 9) /rihu/ [rihu] (dz-û-rihu): lagoa

- 10) /pelibo/ [pelibo] (pelibo): apagar
- 11) /ani/ [ani] (anhy): alma
- 12) /tetsi/ [tetsi] (tetsi): mulher
- 13) /wiju/ [wiju] (winhu): menino
- 14) /dziku/ [dziku] (dzicu): bugio (espécie de macaco)
- 15) /i-/ [i-] ~ [ĩ-] (i-tte ~ ĩ-tte): prefixo pessoal de 3ª pessoa
- 16) /-kie/ [-kie] ~ [-kje] (i-lambui-quie ~ i-lâbui-quie): sufixo de negação
- 17) /nanike/ [nanike] ~ [nanjke] (a-nhanhique ~ nanhique): suspirar
- 18) /nijo/ [nijo] ~ [njno] (nhinho-cli ~ i-nhinho-cli-te): criar

A vogal média anterior não-arredondada /e/ é representada graficamente por **e** – para a sua realização como anterior não-arredondada [e] –; por **ê** – para o alofone [e̞] –; por **em** e **en** ou **ẽ** – para a realização nasal ou nasalizada [ẽ] –; pelas formas **êm** e **ên** – para a variante laringal nasalizada [ẽ̠] –; por **i** – para a uma realização anterior alta [i] –; por **o** – para o alofone [o] –; por **ee** ou **eee** – para uma realização alongada [e:] –; por **a** – relativa à sua realização como central baixa [a] –; e, finalmente, por **ei** – para uma sua realização como palatal [eʲ].

A realização anterior média não-arredondada [e] ocorre sozinha formando sílaba ou precedida pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, ʀ, h, l, ts, dz, w, j/, aparecendo em início (19, 20, 22, 23, 27, 29, 30, 32, 33, 34, 39, 40, 41, 47), meio (26, 29, 42, 46) e final (19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 36, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 48, 49, 50) de palavra; e flutua com a variante anterior média não-arredondada laringal [e̠] quando sozinha ou precedida pelas consoantes /t, d, k, ʀ, h, l, dz/ e [ds], ocorrendo em início (23, 24, 27, 30), meio (26) e final (25, 28, 29) de palavra. O alofone anterior médio nasalizado [ẽ] ocorre quando seguido da nasal não-especificada /N/ ou de sílaba iniciada pelas nasais /m, n, ɲ/. Em sua forma nasalizada flutua com a correspondente oral [e] quando precedida pelas consoantes /b, d, h, dz, ts/; como também ocorre oscilação entre suas formas nasal e oral quando ambas são precedidas pelas consoantes / d, l, ʀ, ts/. A realização [ẽ] aparece em início (32, 33), meio

(31, 46) e final (45) de palavra. Ocorre também variação livre entre os alofones médios [ẽ] e [ẽ̃] quando seguidos pela nasal não-especificada /N/ e precedidos pelas consoantes /h, ɲ/ em final (34, 35) de palavra. Ocorre flutuação livre entre os alofones anteriores alto [i] e médio [e] quando precedidos pelas consoantes /t, m, ɲ, l/, ocorrendo em final (36, 37, 38, 39) de palavra. Já a variação entre os alofones médios posterior [o] e anterior [e] ocorre quando o fonema /o/ se encontra precedido por /p, n, j/ em início (40, 41) e meio (42) de palavra. Também entre as variantes anteriores médias simples [e] e alongada [e:] quando as antecede as consoantes /m, l/ em final (43, 44) de palavra. A variante central baixa [a] flutua com a anterior média [e] quando precedida pelas consoantes alveolares /t, n/ em início (49, 50) de palavra. E, por fim, ocorre flutuação livre entre as anteriores médias simples [e] e palatal [eʲ] quando precedidas das consoantes /p, d/ em início (47) e final (48) de palavra:

- 19) /kede/ [kede] (i-quedde): dizer
- 20) /geɲe/ [geɲ^he] (guenhie): feijão
- 21) /banaNre/ [banãre] (i-bannanré): temer
- 22) /wekote/ [wekote] (wecote): vedar, proibir
- 23) /era/ [era] ~ [ɛra] (anhi-era ~ anhi-êra): casa
- 24) /keɲe/ [keɲ^he] ~ [kɛɲ^he] (quenhié ~ quênhie): antes, antigamente
- 25) /te/ [te] ~ [tɛ] (te-cli ~ tê-cli): descer
- 26) /tudeɲe/ [tudeɲ^he] ~ [tɛɲ^he] (tudenhie ~ tudênhie): antigamente, ao princípio
- 27) /dzeja/ [dzeja] ~ [dɛjeja] (i-dzeya-ba ~ i-dzêya-ba): ficar triste, ficar sentido
- 28) /padzuare/ [padzuare] ~ [padzuarɛ] (padzwaré ~ padzuarê): padre, sacerdote
- 29) /tepele/ [tepele] ~ [tɛpele] (tepélè ~ tepèlê): parecer, ser parecido
- 30) /tseho/ [dseho] ~ [dsɛho] (dseho ~ dsêho): homem
- 31) /iheNdzi/ [ihẽdɛzi] (ihemdzi): árvore
- 32) /dzene/ [dzene] ~ [dzẽne] (i-dzenne ~ idzẽne): medo
- 33) /beɲe/ [beɲ^he] ~ [bɛɲ^he] (i-benhie-te ~ i-bêhie-te): sinal

- 34) /deheN/ [dehẽ] ~ [dehẽ] (dehém ~ dehêm): e, também, nem
- 35) /maɲeN/ [maɲẽ] ~ [maɲẽ] (manhem ~ manhêm): mais
- 36) /-te/ [-te] ~ [-ti] (i-buanga-te ~ i-buanga-ti): sufixo nominalizador e pluralizador
- 37) /mole/ [mole] ~ [moli] (molè ~ moli): daqui a algum tempo
- 38) /me/ [me] ~ [mi] (me-cli ~ mi-cli-a): dizer
- 39) /dzenupe/ [dzenup^he] ~ [dzenupi] (an-dzenunhie ~ dzenunhi): guardar-se
- 40) /pele/ [pele] ~ [pole] (pele-tto ~ pole-tto): dizer
- 41) /neto/ [neto] ~ [noto] (netto-manhẽ-quie-ba ~ notto-mahem-quie-ba): lembrar
- 42) /bujehoho/ [bujehoho] ~ [bujohoho] (i-buyehoho ~ i-buyohoho): corpo
- 43) /me/ [me] ~ [me:] (i-mme ~ i-mmeee)¹³: rogar, oração
- 44) /bule/ [bule] ~ [bule:] (i-bulè-a ~ i-bulèè ~ i-buleè): mal, gula
- 45) /atse/ [atse] ~ [atsẽ] (k-atse-a ~ k-atsẽ-a): ser
- 46) /budewo/ [budewo] ~ [budẽwo] (i-budewo ~ i-budẽwo): supulcro, cova
- 47) /pehaN/ [pehã] ~ [pe^hhã] (i-péhan-cli-te ~ i-peihan-cli-te): estar fechado, estar preso
- 48) /-de/ [-de] ~ [-de^j] (pi-de ~ pi-dei): sufixo interrogativo
- 49) /ɲe/ [ɲe] ~ [ɲa] (i-nnhe ~ nnha): garganta
- 50) /te/ [t^he] ~ [t^ha] (the-ba ~ tha-ba): vir

A vogal anterior média /œ/ é representada, em Nantes, pelo grafema **oe** – para sua variante arredondada [œ] –, pelos alografes **e** – para o seu alfone [e] –, **oê** – para o seu alofone laringal [œ̥] –, **oi** – para sua realização como posterior palatal [o^j], e pela sequência **ae** – para sua realização como média baixa /æ/.

A variante anterior média arredondada [œ] ocorre apenas diante das consoantes /d, b, m/ em início (53, 55), meio (52) e final (54, 56, 57) de palavra; podendo ocorrer

¹³ Devido à própria limitação da escrita em representar com fidelidade certas propriedades acústico-articulatórias na realização dos sons da fala, preferiu-se padronizar as formas alongadas, graficamente “**ee**” e “**eee**”, como [e:]; já que não se tem com precisão o tipo de alongamento aqui implicado, ou se correspondem a tempos diferentes de alongamento. Em todos os casos verificados do texto doutrinário de Nantes, aparece graficamente apenas a forma duplicada “**ee**”, ocorrendo o mesmo com as vogais “**i**”, “**o**” e “**u**”. A forma triplicada “**eee**” foi o único caso encontrado.

também em variação livre com a variante anterior média [e] quando antecedita pelas consoantes /b, d/ em início (53) e final (54) de palavra. A variação paralela entre os alofones anteriores médios arredondados simples [œ] e laringal [œ̥] ocorre quando anteceditos pela consoante oclusiva bilabial /b/ em início (55) e final (56) de palavra. Já a flutuação livre entre as realizações médias arredondadas anterior [œ] e posterior palatal [œʲ] ocorre quando anteceditas pela oclusiva /b/ em final (57) de palavra. E, por fim, a realização anterior baixa não-arredondada [æ] ocorre apenas quando precedida do alofone [t^h] em final de palavra (51).

51) /tœ/ [t^hæ] (thæ-clj): fazer força

52) /amœda/ [amœd^ha] (d-amœdha): mão

53) /bœkla/ [bœkla] ~ [bekla] (boecla ~ becla): tísica

54) /toidœ/ [toidœ] ~ [toide] (i-toidœ ~ i-toiddè): opor-se, não guardar um preceito

55) /bœtodi/ [bœtodi] ~ [bœ̥todi] (i-boetoddi ~ boêtoddi): ressuscitar

56) /bœ/ [bœ] ~ [bœ̥] (di-boè-li ~ di-boê-li): subir

57) /bababœ/ [bababœ] ~ [bababoʲ] (bababoè-te ~ bababoï-te): lanceta

8.2 As vogais centrais

A vogal central alta não-arredondada /i/ é representada, no catecismo de Nantes, pelas seqüências gráficas **wi**, **wj**, **ui** e **uj** – correspondentes à sua realização como central [i].

O alofone central alto não-arredondado [i] segue, em Dz, somente as consoantes /p, b, k, m/, o ataque complexo /kl/ e o alofone [d^h], ocorrendo em início (58), meio (59) e final (58, 60, 61, 62, 63) de palavra:

58) /bipi/ [bipi] (i-buipui, buipui-ba): restituir

59) /ubiŕo/ [ubiŕo] (vbwiŕo): ventre

60) /aNki/ [ãki] (ankui): chorar

61) /mi/ [mi] (mwi): receber

62) /dahekli/ [dahekli] (daheclu**j**): o fim, depois

63) /meidi/ [meid^hi] (i-mmeidhu**y**): costa, costela

A vogal central baixa /a/ é graficamente representada pelos grafemas **a** – para o alofone [a] –, e pelos alografes **e** – para a realização anterior [e] –, **u** – para a variante posterior [u] –, **an**, **ã** – para a realização nasalizada ou nasal [ã] –, **â** – para a variante central laringal [ɐ] –, **ân**, **âm** – para o alofone laringal nasalizado [ɐ̃] –, e pelo **o** – para sua realização posterior [o].

O alofone central baixo [a], de larga distribuição, ocorre sozinho formando sílaba ou seguindo as consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, h, l, ts, dz, j, w/, em início (64, 66, 67, 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 88, 89, 92, 93, 96, 97, 98, 101, 103, 104), meio (65, 66, 67, 68, 71, 74, 75, 76, 87, 88, 90, 92, 93) e fim (67, 73, 85, 88, 91, 92, 94, 95, 97, 104) de palavra; e flutua com a variante anterior média não-arredondada [e] quando precedida pelas consoantes /b, h, j/ (66, 67, 68). A flutuação livre entre os alofones [a] e a vogal posterior arredondada [u] ocorre quando o fonema /a/ aparece sozinho constituindo sílaba (69) ou seguindo as consoantes /p, t, d, k, n, r, h/ (68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76). O alofone central baixo nasalizado [ã] ocorre quando imediatamente seguido pelas nasal /m, n, ɲ, N/ e, em alguns casos, flutua como nasal com a correspondente oral [a] quando seguido das africadas /ts, dz/, aparecendo em início (77, 78, 80, 81, 82, 83, 84), meio (79) e final (81, 82) de palavra. O alofone central médio laringal [ɐ] flutua com a variante não-laringal [a] quando sozinha formando sílaba ou seguindo os fonemas /p, t, k, g, m, n, ɲ, r, h, j, w/, no início (86, 96, 97, 98), meio (87, 90, 92, 93, 99) e fim (91, 94, 95) das palavras; e pode haver ou não flutuação livre entre as realizações [a] e [ɐ] quando seguem /b/ em meio de palavra (88, 89). A realização central média laringal nasalizada [ɐ̃] ocorre quando imediatamente seguida de coda ocupada pela nasal não-especificada /N/ em início (100), meio (101) e final (102) de palavra. E, por fim, ocorre variação livre, em alguns casos, entre os alofones central baixo [a] e o posterior médio arredondado [o] quando sozinho formando sílaba ou seguindo a consoante /d/, aparecendo em início (103) e final (104) de palavra:

- 64) /tsate/ [dsate] (dsátte-ba): aparelhar
- 65) /bidzamu/ [bidzamu] (bydzamu): feiticeiro, bruxa
- 66) /jabalu/ [jabalu] ~ [jabelu] (yabálu ~ yabèlu): raivoso
- 67) /banahoja/ [banahoja] ~ [banahoje] (bannahôya ~ bannahôye): outro, outra, alheio
- 68) /uhamaple/ [uhamaple] ~ [hamɛple] ~ [hemaple] ~ [humaple] (uhamaple-ddi ~ hamâplè ~ hemáplè ~ humaple): por (de causa, motivo)
- 69) /-a/ [-a] ~ [-u] (e-nna-a-di ~ e-nna-u-di): sufixo pluralizador
- 70) /padzu/ [padzu] ~ [pudzu] (k-u-padzu-a ~ k-u-pudzu-a): pai, senhor
- 71) /witanedike/ [witanedike] ~ [witunedike] (witanedique ~ witunedique): três
- 72) /dato kudu/ [dato kudu] ~ [duto kudu] (dato kuddu ~ duto cuddu-a-di): estar de joelhos
- 73) /uka/ [uka] ~ [uku] (uca ~ a-ca-cli ~ ucu-cli): amar
- 74) /kajaku/ [kajaku] ~ [kujaku] (kayacu ~ kujacu): lua, mês
- 75) /wanagidze/ [wanagidze] ~ [wanugidze] (wanaguide ~ wanuguide): umas das divindades dos Dz
- 76) /karai/ [karai] ~ [karui] (karai ~ karui): homem branco
- 77) /ami/ [ami] ~ [ãmi] (h-ammi ~ h-ãmi): comer, manjar
- 78) /ani/ [ani] ~ [ãni] (h-any ~ h-ãny): a, ao (prep.)
- 79) /araNke/ [arãke] (aranquè ~ arãquè): céu
- 80) /maɲeN/ [maɲẽ] ~ [mãhẽ] (manhem ~ mãhem): mais
- 81) /aNraN/ [ãrã] (anran ~ anrã): homem
- 82) /laNlaN/ [lãlã] (d-u-lanlan-li): desejar
- 83) /padzuare/ [padzuɤre] ~ [pãdzuɤre] (padzwârè ~ pãdzwârè): padre, sacerdote
- 84) /atse/ [adce] ~ [ãdse] (i-adce-ho ~ andce-ho): ser
- 85) /ɲia/ [ɲia] ~ [ɲiɤ] (a-nhia-cli-te ~ a-nhiâ-cli-te): morrer
- 86) /ware/ [ware] ~ [wɤre] (warè ~ wârè): sacerdote
- 87) /wipabæ/ [wipabœ] ~ [wipɤbœ] (wipaboè ~ wipâboè): confessar-se

- 88) /kabara/ [kabara] ~ [kabɣra] (cabara ~ kabâra): cabra, cabrito
- 89) /nabalu/ [nabɣlu] (nabâlu): costas
- 90) /bowitane/ [bowitane] ~ [bowitɣne] (bowitane ~ bowitâne): sacerdote, vigário
- 91) /bruka/ [bruka] ~ [brukɣ] (bruca ~ brucâ): vir depressa
- 92) /amara/ [amara] ~ [amɣra] (k-amara ~ k-amâra): cântico
- 93) /hanakle/ [hanakle] ~ [hanɣkle] (hanacèle-a ~ hanâcle-a): ter respeito, ter vergonha
- 94) /dzeja/ [dzeja] ~ [dzejɣ] (k-u-dzeyâ ~ k-u-dzeyâ-cla-a): ficar triste
- 95) /buaNga/ [buaNga] ~ [buaNɣɣ] (k-u-buanga-te-a ~ k-u-buangâ-te-a): pecado
- 96) /nate/ [nate] ~ [nɣte] (i-nhatte ~ i-nhâtte): trabalhar, fazer
- 97) /raka/ [raka] ~ [rɣka] (raca ~ Râca): peixe que morde a isca
- 98) /habe/ [habe] ~ [hɣbe] (habbe ~ hâbbe): pagamento, pagar, justiça
- 99) /midaju/ [midɣnu] (muidânjú-cla-a): cobrir
- 100) /baNraN/ [bãrã] ~ [bɣrã] (banran ~ bânran): começar, origem
- 101) /dahaNtsi/ [dahãdsi] ~ [dahɣdsi] (dahandcj ~ dahândcj): ali
- 102) /tupaN/ [tupã] ~ [tupɣ] (tupam ~ tupâm): deus
- 103) /dami/ [dami] ~ [domi] (damwj ~ domwj): levar consigo
- 104) /madia/ [mad^hia] ~ [madio] (maddhia ~ maddio-hi): pesado

8.3 As vogais posteriores

A vogal posterior alta arredondada /u/ é graficamente representada, no catecismo Português-Dzubukuá de Nantes, pelas letras **u**, **v**, **w** – para sua realização posterior [u] –, pelo **û** – para o alofone posterior laringal [ɯ] –, pelas seqüências **uu**, **uw**, **ww**, **vw** – relativos à variante alongada [u:] –, e **ũ** – referente à variante nasalizada [ũ].

O alofone posterior alto arredondado [u], em Dz, ocorre sozinho constituindo sílaba ou segue as consoantes /p, b, t, d, k, m, n, ɲ, r, h, l, ts, dz/, aparecendo no início (105, 106, 107, 112, 113, 115, 119, 122, 124), meio (108, 110, 116, 117, 121, 123) e final (105, 106, 107, 109, 110, 111, 114, 118, 119, 122, 123, 124) das palavras. A variante posterior alta

arredondada laringal [u̠], por sua vez, ocorre formando sílaba sozinha ou seguindo as consoantes /b, t, k, n, ɲ, l/, aparecendo em início (112, 113, 115), meio (116, 117) e final (114, 118) de palavra. O alofone posterior alto arredondado alongado [u:] ocorre apenas em sua forma alongada quando segue a fricativa /h/ e flutua com o seu correspondente não-alongado [u] quando sozinho constituindo sílaba ou seguindo a nasal alveolar /n/; aparecendo em início (119), meio (121) e final (120) de palavra. A variante posterior alta nasalizada [ũ], porém, ocorre apenas quando é seguida imediatamente pelas nasais /m, n, ɲ/, ocorrendo em início (122, 124) e meio (123) de palavra:

- 105) /upuh/ [upuh] (upu-te, puh): assopro, assoprar
- 106) /kudu/ [kudu] (dato-kuddu): joelho
- 107) /kludimu/ [kludimu] (kludimu): covo para peixe
- 108) /tarurukie/ [tarurukie] (i-taruruquie): negligência
- 109) /rihu/ [rihu] (dz-û-rihu): lagoa
- 110) /wanikutsu/ [wanikutsu] (wanycutsu): batizar
- 111) /dzu/ [dzu] (dzu): água
- 112) /uka/ [uka] ~ [u̠ka] (d-uca ~ d-ûca): amor, amar
- 113) /bupi/ [bupi] ~ [bup̥i] (buppi ~ bûppi): pequeno
- 114) /tu/ [tu] ~ [t̥u] (tu-cli-a ~ tû-cli): resolver, tomar uma decisão
- 115) /kuɲe/ [kuɲ̥e] ~ [kuɲ̥e] (kunhie-ba ~ i-cûnhie): frio
- 116) /enuɲe/ [enuɲ̥e] ~ [enuɲ̥e] (h-enunhie ~ d-enûnhe-a): entre
- 117) /ipura/ [ipura] ~ [ip̥ura] (inhura ~ inhûra): filho
- 118) /nelu/ [nelu] ~ [nel̥u] (nelu ~ nélû): porém, mas
- 119) /unu/ [unu] ~ [u:nu] (vnnu ~ úunu): sofrer, ódio
- 120) /hu/ [hu:] (hww): oh!
- 121) /nienuo/ [nienuo] ~ [nienu:o] (nienwo ~ nhiénvwo): diabo
- 122) /unu/ [unu] ~ [ũnu] (dad-unnu-a ~ dad-ũnu): dormir

123) /emumu/ [emumu] ~ [emũmu] (h-emummu-te ~ h-emũmu-te): superstição antiga

124) /ɲuɲu/ [ɲuɲʰu] ~ [nũɲʰu] (di-nunhiu ~ di-nũnhiu): filhos

A vogal posterior média arredondada [o] aparece, no catecismo de Nantes, representada pelo grafema **o** – para seu alofone médio arredondado [o] –; e pelas letras **ô** – para a sua variante laringal [o̞] –, **u**, **w** – para sua realização como alta [u] –, **õ**, **on** – para seu alofone nasalizado [õ] –, **a** – para a sua variante central [a] –, **oo** – para sua realização alongada não-laringal [o:] –, **ôo**, **oô** – para sua realização alongada laringal [o̞:] –, e **e** – para sua realização como anterior [e].

A vogal posterior média arredondada [o] ocorre formando sílaba sozinha ou seguindo as consoantes /p, b, t, d, k, m, n, ɲ, r, h, l, ts, dz, w/, aparecendo em posição inicial (127, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 141, 143, 144, 151, 152), medial (131, 134, 135, 137, 139, 141, 147) e final (125, 126, 128, 129, 130, 132, 137, 140, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 151, 152) de palavra. A variante posterior média arredondada laringal [o̞] flutua com sua correspondente não-laringal [o] quando sozinha constituindo sílaba ou seguindo as consoantes /b, d, k, m, n, r, h, l, ts/ e o alofone [tʰ] em início (127, 133, 136), meio (131, 134, 135, 137) e final (128, 129, 130) de palavra. A realização posterior alta arredondada [u] aparece sozinha formando sílaba ou seguindo as consoantes /b, t, r, dz/ e o encontro consonantal /kl/, ocorrendo no início (138, 139), meio (139, 141) e final (140, 142) das palavras. O alofone posterior médio arredondado nasalizado [õ] ocorre quando imediatamente precede as consoantes nasais /N, m, n/, aparecendo em posição inicial (143, 144, 145) e final (146) de palavra. A variante central baixa [a] ocorre seguindo a oclusiva bilabial /b/ e o encontro consonantal /kl/, encontrada no início (139) e meio (141, 147) dos itens lexicais levantados. No entanto, ocorre flutuação livre, em alguns casos, entre os alofones posteriores médios arredondados alongado [o:] e não-alongado [o] quando ocorrem sozinhos constituindo sílaba ou seguindo o *glide* labial /w/ em início (127) e final (148, 149) de palavra; e entre as variantes posteriores médias arredondadas alongadas laringal [o̞:] e não-laringal [o:] quando segue as consoantes /d, w/, aparecendo apenas em posição final (149, 150) de palavra. Já a

realização anterior média não-arredondada [e] varia com a vogal posterior arredondada [o] quando segue as consoantes /t, m/ em final (151, 152) de palavra:

125) /poh/ [poh] (i-poh): olho

126) /nipo/ [nipo] (d-u-ninho-li): deus, criar

127) /-one/ [-one] ~ [-one] ~ [-one] (dzeya-onhe ~ dzéya-ônhe ~ dzéya-oonhe): boa,

128) /bo/ [bo] ~ [bo] (k-u-bo-a ~ c-u-bô-a): de (prep.)

129) /to/ [tho] ~ [tho] (k-u-tho-a ~ k-u-tthô-a): primeiro pai

130) /do/ [do] ~ [do] (i-do-a ~ i-dô-a): de, para (prep.)

131) /heNkode/ [hēkod^he] ~ [hēkōd^he] (hencoddhe-ba ~ hencôdhe-ba): ser tentado, tentação

132) /moro/ [moro] ~ [moro] (d-u-mmoro-li ~ d-u-mmôro-li): assim

133) /noli/ [noli] ~ [noli] (noli ~ nôli): porque

134) /bororu/ [bororu] ~ [buroru] (bororu ~ burôru): bexiga (varíola)

135) /banahoja/ [banahoja] ~ [banahoja] (bannahoya ~ bannahôya): outro, outra verdadeiro, bem

136) /-lobœ/ [-lobœ] ~ [-lobœ] (ba-loboe-a ~ ninho-lôboe-a): todos juntos

137) /utsoho/ [utsoho] ~ [utsoho] (d-utsoho-li ~ d-utsôho-li): fazer

138) /odegi/ [odēgi] ~ [udēgi] (odde-ngui ~ wdde-ngui): quando (p/pergunta)

139) /boronunu/ [boronunu] ~ [buronunu] ~ [buronunu] ~ [barununu] (borununnu ~ buronúnnu ~ burununnu ~ barunnunu)¹⁴: escravo

140) /dato kudu/ [dato kudu] ~ [datu kudu] (dato-kuddu ~ datu-cudu-a): pôr-se de joelhos

141) /tokloklu/ [tokloklu] ~ [tokluklu] ~ [toklaklu] (tocloclu-te ~ tocluclu-te ~ toclaclu-te): marcar, ser marcado

142) /kradzo/ [kradzo] ~ [kradzu] (cradzo ~ cradzu): vaca, gado

143) /domo/ [domo] ~ [dōmo] (i-dommo ~ i-dōmo): em (prep.)

¹⁴ Adotou-se, para este item, a estrutura fonológica /boronunu/, devido à sua correspondência com a sua cognata “boronunú” no Kp – que apresenta em suas duas primeiras sílabas a vogal posterior média /o/ e não /u/.

- 144) /-rone/ [-rone] ~ [-rõne] (i-benhie-ronne-ba ~ muiddo-rõne-ba): fazer algo repetidas vezes
- 145) /toNrara/ [tõrãra] (d-u-tonrãra): livro
- 146) /bo-/ [bo-] ~ [bõ-] (bõ-nura ~ bo-nnura): para (prep.)
- 147) /jakloro/ [jakloro] ~ [jaklaro] (yácloro ~ yáclaro): anzol
- 148) /wrio/ [w:rio] ~ [wrio:] (wwrio ~ wrio): ajudar
- 149) /wo/ [wo] ~ [w:õ:] ~ [w:õ:] (j-wo ~ j-wwoo ~ j-wwõ): caminho
- 150) /do/ [do:] ~ [dõ:] (i-doo-de ~ i-dõ-de ~ i-dõ-de): de que, que, a que (p/ perguntas)
- 151) /koto/ [koto] ~ [kote] (i-cotto-te ~ i-cotte-te): furtar
- 152) /domo/ [domo] ~ [dome] (a-dommo ~ a-dómme-a): de, com (prep.)

Os dois últimos casos acima, itens 151 e 152, sinalizam, em uma das suas realizações paralelas, um processo de anteriorização da vogal posterior [o]. De acordo com a nomenclatura do gerativismo clássico, ambas as consoantes /t, m/, que antecedem a vogal na última sílaba das palavras acima, integram o quadro das consoantes com traço [+ anterior]. Desta forma, as ocorrências parecem apontar um caso de assimilação progressiva em que o traço [+ anterior] de ambas as consoantes é assimilado pela vogal posterior, resultando, com isso no alofone [e].

8.4 Síntese dos resultados das Vogais

As realizações vocálicas e seus respectivos alofones podem ser reunidos no quadro a seguir:

Vogais Anteriores			Vogais Centrais		
Fonema	Alofones	Grafemas	Fonema	Alofones	Grafemas
/i/	[i]	i, j, y	/i/	[i]	wi, wj, ui, uj
	[ĩ]	î		[a]	a
	[e]	e		[e]	e
	[ẽ]	ê		[u]	u

/e/	[ẽ]	em, en, ã	/a/	[ã]	an, ã
	[ẽ]	êm, ên		[ɐ]	â
	[i]	i		[ẽ̃]	ân, âm
	[o]	o		[o]	o
	[e:]	ee, eee	Vogais Posteriores		
	[a]	a	/u/	[u]	u, v, w
	[eʲ]	ei		[u]	û
/œ/	[œ]	oe		[u:]	uu, uw, ww, vw
	[e]	e		[ũ]	ũ
	[œ]	oê	/o/	[o]	o
	[oʲ]	oi		[o]	ô
	[æ]	ae		[u]	u, w
				[õ]	õ, on
				[a]	a
				[o:]	oo
				[o:]	ôo, oô
				[e]	e

Quadro 05 – As vogais do Dz e seus respectivos Alofones

9 A SÍLABA EM DZUBUKUÁ

Os dados submetidos às análises sinalizam a presença de 6 padrões silábicos para o sistema fonológico do Dz. A menor sílaba permitida é a do tipo **V** e a máxima, a do tipo **CCVC**, sendo o padrão **CV** considerado a sílaba ótima para o dialeto em questão. Desta maneira, os seis padrões encontrados podem ser reunidos no padrão geral: **(C)(C)V(C)**, o qual sinaliza a facultatividade das margens iniciais (ataques) e final (coda); como também revela a possibilidade da ocorrência de ataque complexo, constituído por até duas posições silábicas.

Foi verificado que o sistema fonológico do Dz impõe as seguintes restrições à constituição de sílabas:

- O núcleo silábico é ocupado apenas pelas vogais /a, e, i, o, u, œ, i/;
- A primeira posição de ataque silábico pode ser ocupada somente pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, h, ts, dz, l/ ou pelos *glides* /w, j/;
- A segunda posição de ataque é mais restrita, sendo ocupado apenas pela flepe /r/ ou pela lateral alveolar /l/;
- Esse mesmo grau de restrição foi observado na posição de coda, ocupada somente pela nasal não-especificada /N/ ou pela fricativa glotal /h/.

Esses princípios podem ser melhor visualizados no seguinte esquema arbóreo:

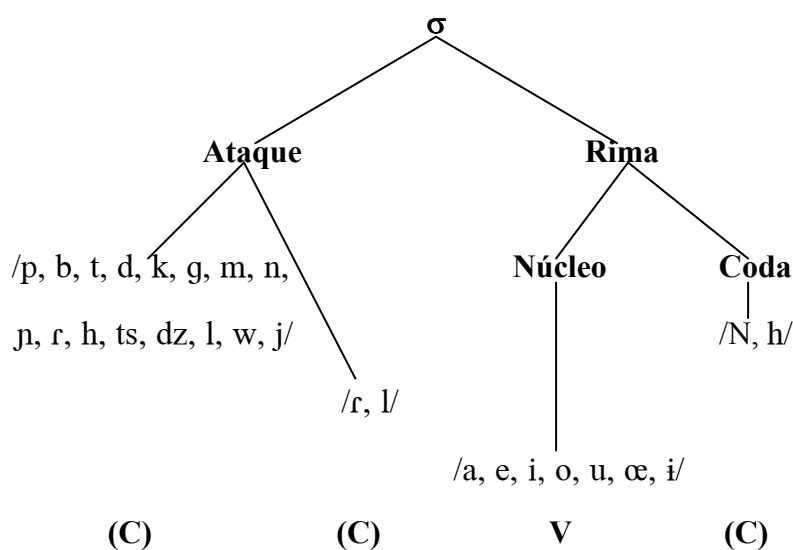


Figura 03 – Árvore silábico-hierárquica do Dz

Todavia, cada padrão silábico apresenta suas restrições particulares. O padrão **V**, por exemplo, é constituído por um núcleo ocupado apenas pelas vogais /a, e, i, o, u/:

- 1) /**a.ni**/ (**h-ani**): a (prep.)
- 2) /**e.i**/ (**hi-ëj**): para (prep.)
- 3) /**i.li**/ (**k-u-ili**): livrar-se
- 4) /**o.de**/ (**odde**): que (pergunta)
- 5) /**u.ka.i.ko**/ (**ucaico**): calar

O padrão CV, mais recorrente, é constituído por ataque ocupado pelas consoantes /b, p, k, g, t, d, m, n, ɲ, r, h, ts, dz, l, w, j/, e seu núcleo pode ser ocupado pelas vogais /a, e, i, o, u, œ, i/:

- 6) /**me.le.ba**/ (**melebba**): altar
- 7) /**po.li.taN**/ (**Politan**): uma das divindades principais dos Dz
- 8) /**te.di**/ (**teddi**): oferecer
- 9) /**tse.ho**/ (**tcého-clj**): procurar
- 10) /**dze.ku**/ (**dzecu**): saliva
- 11) /**bu.aN.ga**/ (**buanga**): pecado
- 12) /**ni.a.ɲi**/ (**nianhj**): sal
- 13) /**wo**/ (**wo**): caminho
- 14) /**u.ha**/ (**uha**): catarro
- 15) /**ja.ra**/ (**jara**): estar inchado
- 16) /**bi.di**/ (**buidi**): cinzas
- 17) /**lo.bœ**/ (**dziclo-loboè-a**): todos juntos

A sílaba do tipo CCV, por sua vez, aparece constituída por ataques formados pelos fonemas consonantais /p, b, k, g/, em primeira posição, e pelas líquidas alveolares /r, l/, em segunda; e seu núcleo silábico é ocupado apenas pelas vogais /a, e, i, o, u, i/:

- 18) /pli/ (**pli**-ba): perdoar
- 19) /bi.dze.bro/ (bidze**bro**): rosto
- 20) /kra.bu/ (di-**crabu**): peito
- 21) /kle.ja.he/ (**cle**yahè): cavador
- 22) /klu/ (**clu**-clj): beber
- 23) /da.he.kli/ (dahecl**wi**): fim, depois
- 24) /kaN.gri/ (cang**ri**)

O padrão VC, menos ocorrente, aparece constituído por um núcleo ocupado pelas vogais /a, i/ seguidas pela nasal não-especificada /N/, em coda:

- 25) /aN.raN/ (**an**ran): homem
- 26) /ni.aN.di/ (ni**an**ddi): óleo
- 27) /a.iN.de/ (ai**nd**he): carne, animal

A sílaba do tipo CVC, mais freqüente, é constituída por um ataque simples ocupado pelas consoantes /p, b, t, d, g, m, ɲ, r, h, l, w/, núcleo constituído pelas vogais /a, e, o, u, i/, e coda ocupada pelas consoantes /N, h/:

- 28) /pah/ (**pah**-cli): matar
- 29) /pih/ (i-**puih**-cli): alagar
- 30) /u.puh/ (upu-te, **puh**): assopro, assoprar
- 31) /baN.raN/ (**ban**ran): começar
- 32) /toN.ra.ra/ (d-u-**ton**râra): livro
- 33) /daN.laN/ (d-u-**dan**lan-li): desejar
- 34) /waN.gaN.le/ (**wan**ganlè): pobre
- 35) /mah/ (c-u-**mah**): queimar
- 36) /ma. jeN/ (ma**nh**em): mais, outra vez

37) /bo. ɲi.a.**heN**/ (bonhiah**em**): adivinhar

O padrão CCVC, por sua vez, ocorre apenas em dois casos isolados, encontrando-se constituído por um ataque complexo cuja primeira posição é ocupada pelas consoantes /p, k/ e a segunda pela lateral alveolar /l/; o núcleo silábico, apenas pelas vogais /e, o/ e a coda, pelas consoantes /N, h/:

38) /**ploh**/ (**ploh**): que

39) /u.**kleN**/ (**vclèm**): sabre

10 PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS

Na fonologia do Dz, foi verificada a ocorrência de processos de assimilação, alçamento e alongamento vocálico, elisão, o que inibe a realização da variante espreada da nasal palatal e apagamento. Processos esses cuja recorrência resulta de motivações fonológicas e/ou morfofonológicas.

10.1 Processos de Assimilação

Conforme Kindell (1981, p. 146), assimilação é um processo morfofonológico em que um fonema “se torna mais semelhante a um fonema influente ou condicionador”. É o processo mais comum que ocorre nas línguas do mundo, caracterizado pelo espreadamento de traços de um segmento para outro (CLEMENTS & HUME, 1995), tornando-os “mais parecidos, ou mesmo idênticos” (CRYSTAL, 2000, p. 33). Em Dz, foi observada, para este item, a presença de casos de palatalização e de nasalização.

10.1.1 Palatalização

Os fonemas observados que sofrem processo de palatalização são os fonemas /e, i, u, æ, n/.

As vogais /e, u, i, æ/ palatalizam-se quando precedidas de segmentos [+ anteriores] (1 a 5). Já a consoante /n/ sofre o mesmo processo quando precedida (6) ou seguida (7) da vogal /i/:

- 1) /-de/ → [-de^j] (pi-dei): sufixo p/perguntas e respostas a perguntas
- 2) /pehaN/ → [pe^jhã] (i-peihan-cli-te): estar fechado, preso
- 3) /-di/ → [-da^j] (vnnu-dai): sufixo verbo-temporal de futuro
- 4) /nelu/ → [nelu^j] (néluj): porém
- 5) /jabœ/ → [jabo^j] (yaboi-que): misturar
- 6) /na/ → [hi-**ja**] ~ [i-**ja**] (hi-**nha**, i-**nha**): de, a (respectivamente, para 1ª e 3ª pessoas)
- 7) /niapi/ → [**ji**api] (**nhianhj**): sal

10.1.2 Nasalização

As vogais /a, e, o, u/ nasalizam-se quando seguidas de consoantes nasais. O processo de nasalização ocorre tanto por motivações puramente fonológicas como por princípios morfológicos. Por motivos fonológicos, pode ocorrer dentro da própria estrutura do vocábulo (8, 9, 10, 11) – bem mais freqüente –, como também entre palavras (bem mais raro) – desde que, neste último caso, o processo ocorra quando a última sílaba do vocábulo preceder a uma outra palavra iniciada por consoante nasal (12). Morfofonologicamente, a nasalização ocorre nas vogais das últimas sílabas dos vocábulos que recebem a sufixação do advérbio temporal /-gi/¹⁵ - “quando”, “tempo” (13, 14):

8) bannaNre/ → [bannãre] (bannãré): temer, ter medo

9) /ani/ → [ãi] (h-ãy): para, à (prep.)

10) /hemi/ → [hẽmi] (hẽmwj): céu

11) /kune/ → [kũne] (cũne): por ventura (p/ perguntas)

12) /ware me-ba/ → [warẽ me-ba] (warẽ me-ba): “dirá o sacerdote” (Nantes, 1709, p. 124)

13) /ode-gi/ → [odẽ-gi] (oddẽ-gui): quando (p/perguntas)

14) /tsoho-gi/ → [tsohõ-gi] (di-tsohõ-gui): haver

10.2 Alçamento vocálico

Denomina-se aqui alçamento vocálico o processo de alteamento, presente em algumas ocorrências, na qualidade fonética da vogal central baixa /a/, resultando nas vogais médias anterior não-arredondada [e] e posterior arredondada [o].

A forma anteriorizada [e] decorre do contato direto entre os prefixos de 1ª pessoa – /hi-/ e /k-/ (15, 17) –, o da 2ª pessoa /api-/ (16) e as palavras às quais se afixam, e também

¹⁵ A princípio, cogitou-se, a partir da sequência consonantal **ng** que constitui graficamente o advérbio de tempo - **ngui/-ngwi**, a possível existência de uma consoante nasal velar /ŋ/, já que ocorre no Kp, conforme postulado por Azevedo (1965, p. 4). No entanto, como se trata de uma única ocorrência, hipotetiza-se para este caso a forma fonológica /-gi/, cuja afixação à palavra provoca a nasalização das vogais da última sílaba à qual diretamente se sufixa. Este processo provavelmente foi representado na escrita por Nantes através da grafia **-ngui/-ngwi** ou pela forma **-gui** antecedida por vogal marcada graficamente com til (~).

entre o sufixo pluralizador /-a/ e a sílaba do item “fazem o mal” (18) cujo núcleo é ocupado pela vogal /a/. Já a forma posteriorizada [o] resulta do contato entre o prefixo de 1ª pessoa /hi-/ (19) com a primeira sílaba do vocábulo, cujo núcleo é ocupado pela vogal central baixa /a/:

15) /**aboho**/ → [hi-**eboho**] (hi-**eboho**): comigo

16) /**aboho**/ → [aɲi-**eboho**] (anhi-**eboho**): convosco

17) /u**hamaple**/ → [k-**emɛple-a**] (qu-**emâplê-a**): para nós

18) /bua**Nga**/ → [i-buã**ge-a**] (i-buangue-a): fazem o mal

19) /hi-**aboho**/ → [hi-**oboho**] ~ [i-**oboho**] (hi-**oboho** ~ j-**oboho**): comigo

10.3 Alongamento vocálico

O alongamento ocorre com as vogais /a, o/ quando as sílabas em que ocorrem recebem determinados afixos, causando provavelmente, com isso, o prolongamento da realização sonora destes fonemas.

Em quase todos os casos – apenas com exceção da palavra /bua**Nga**/ “fazem o mal” (já comentada na seção anterior, 10.2) –, ocorre alongamento do /a/ da sílaba aberta do final da palavra quando recebe diretamente o sufixo pluralizador /-a/, resultando na forma morfofonológica [a:] (20.1 a 21.1). Como também, ocorre com a provável queda ou apagamento da coda fricativa da palavra /ma**h**/ – “queimar” – quando este vocábulo recebe os sufixos de conjunto /-lobœ/ (22.1) – “todos juntos” – e negação /-kie/ – “não” (22.2), possivelmente resultando num alongamento compensatório:

20) /u**ka**/ [u**ka**] (d-u**ca**): amar, amor

20.1) /a-u**ka-a**/ → [a-**ka:**] (a-**ca-a**): amai

21) /ba/ [ba] (pe-**ba-a**): viver, morar

21.1) /k-u-**ba-a**/ → [k-u-**ba:**] (k-u-**ba-a**): vivermos

22) /ma**h**/ [ma**h**] (c-u-ma**h**): queimar

22.1) /mah-lobœ-a/ → [maɪ-lobœ-a] (maa-loboe-a): fogo que vos há de consumir

22.2) /mah-kie-ba/ → [maɪ-kie-ba] (maa-quie-ba): não é melhor botarem no fogo

Ocorre o alongamento da vogal /o/ na preposição /do/ – “para”, “de”, “por” – quando esta recebe os prefixos de 1ª pessoa /hi-/ , o de 2ª /a-/ e o de 3ª /i-/:

23) /do/ [do] (do): para, de, por

23.1) /hi-do/ → [hi-do:] (hi-doo): a (para 1ª pessoa)

23.2) /a-do/ → [a-do:] (a-dôo): de (para 2ª pessoa)

23.3) /i-do/ → [i-do:] (i-doo): de (para 3ª pessoa)

10.4 Elisão

A elisão é desencadeada tanto fonologicamente (mais raro) como morfofonologicamente (mais ocorrente). No primeiro caso, o processo ocorre entre núcleos silábicos contíguos ocupados, respectivamente, pelas vogais /i/ e /e/. Provavelmente aqui a proximidade fonético-articulatória entre ambas as vogais tenha motivado a elisão de uma delas (24, 25). Já morfofonologicamente, a elisão se dá com as vogais /e/ e /o/ na última sílaba de algumas palavras quando estes vocábulos recebem o sufixo pluralizador /-a/, resultando na vogal central [a] (26, 27):

24) /nienuo/ → [nienuo] ~ [niɪnuo] (nhiénwo ~ nhínwo): diabo

25) /-kie/ → [-kie] ~ [-ke] (i-nhia-nu-**quie**-a ~ i-nhia-nu-**que**-a): sufixo de negação

26) /mupakie/ → [mupakie-a] ~ [mupakia] (munhaquie-a ~ munhaquia): soldados, moços

27) /buiehoho-a/ → [bujehoho-a] ~ [bujehoha] (k-u-buyehoho-a ~ k-u-bwjehoha): nossos corpos

10.5 Processo que inibe a realização da forma espaiada da nasal palatal

No Dz ocorre, em algumas palavras, um processo que inibe o espaiamento da consoante nasal palatal /ɲ/, devido à afixação do sufixo pluralizador /-a/ à sílaba cujo ataque é ocupado foneticamente pela variante espaiada [ɲʲ].

28) /nuɲe/ → [nuɲʲe] → [nuɲe-a] (nunhie ~ i-nunhe-a): guarar, tinham mandado guardar

29) /enuɲe/ → [enuɲʲe] → [k-enuɲe-a] (h-enúnhie ~ qu-enúnhe-a): entre

30) /ɲu/ → [ɲʲu] → [k-u-ɲu-a] (a-nhiu ~ k-u-nhu-a): comer, (nós) a comer

31) /tapɪɲu/ → [tapɪɲʲu] → [tapɪɲu-a] (tapuinhui ~ tapuinhu-a): preto, pretos

Com a inibição do surgimento da forma espaiada, na última sílaba aberta dos vocábulos, tem-se a conservação do padrão silábico CV – estrutura mais freqüente no Dz – cuja manutenção tende a ser a mais preservada pelo sistema fonológico do dialeto em estudo.

10.6 Apagamento

Foram verificados três processos de apagamento: um motivado por segmentos labiais; outro desencadeado por vogais e consoantes, que, de acordo com a nomenclatura gerativista, se integram no quadro dos segmentos [+ coronais]; e, por fim, os casos particulares de apagamento da fricativa glotal /h/. Estes últimos casos decorrem de princípios morfofonológicos e os dois processos anteriores são desencadeados fonologicamente.

As vogais /a, i, o/ tendem a sofrer processo de apagamento quando precedidas do *glide* labial /w/ (32, 33, 34); ocorrendo o mesmo processo com a fricativa glotal /h/ em coda quando precedida pela vogal labial /o/ (35, 36):

32) /wanrandzi/ → [unadzi] (wanadzi ~ wnadzi): remédio

33) /witanedike/ → [utanedike] (witanedique ~ wtanedique): três

34) /wohoje/ → [uhoje] (wohoye ~ whoye): tudo, todos

35) /ploh/ → [plo] (buquèquè-ploh ~ buquèquè-plo, p.313): que, prouvera Deus (oxalá)

36) /poh/ → [po] (poh-ba ~ pó): dar bofetada, bater

Há uma tendência a ocorrer apagamento das vogais /a, e, i/ e das consoantes /□h, d, N/ quando se encontram, na palavra, precedidas e/ou seguidas de segmentos que compartilham o traço [+coronal] – sejam estes segmentos vogais ou consoantes:

- 37) /**api**-/ → [ni-] (**an**hi-ēj ~ **n**hi-ēj): prefixo de 2ª pessoa
- 38) /witan**edike**/ → [witãdike] (witan**ed**ique ~ wjtand**ed**ique): três, terceiro
- /wan**ikutsu**/ → [w:ãkutsu] (c-wany**ik**utsu-a ~ k-wwan**ik**utsu-a): batizar
- 39) /-**idze**/ → [-dze] (cro**dce**-**idze** ~ i-cro**dce**-dze): puro, verdadeiramente
- 40) /dze**ja**/ → [dzei] (an-dze**y**a-ônhe-que-a ~ i-dze**y**-onhe-que-a): arrepender-se
- 41) /bujeh**oho**/ → [buihoho] (i-bwyeh**oho** ~ i-bwy**h**oho ~ i-bwi**h**oho): corpo
- 42) /**hi**-aboho/ → [i-oboho] (**hi**-oboho ~ j-oboho): comigo
- 43) /a**Nde**/ → [ãde] ~ [ane] (an**de**-li ~ ane-li): é (p/respostas afirmativas)
- 44) /**dehe**N/ → [ehẽ] ~ [**dehe**] (**deh**ẽm ~ ehẽm ~ **deh**ẽ): também
- 45) /wa**NgaNle**/ → [waNgale] (wangan**le**-te ~ wangale-te): vil criatura, pobre, pessoa mal-vestida
- 46) /bana**Nre**/ → [banare] (i-bannan**re**-buye-ba ~ i-bannare-ba-hj): ter medo, ser temido

Outro processo de apagamento verificado é o caso particular da consoante fricativa glotal /h/. Quando em ataque, a fricativa, em algumas palavras, tende a sofrer processo de apagamento quando o vocábulo do qual faz parte recebe os prefixos de 1ª pessoa /hi-/ , /k-/ (47.1e 47.2), de 2ª pessoa /api-, ani-/ (49.1) e os sufixos pluralizador e nominalizador /-te/ e verbal /-ba/ (48.1 e 48.2). Todavia, quando em coda, seu apagamento tende a ocorrer quando a sílaba da qual faz parte recebe os sufixos pluralizador e nominalizador /-te/ (50.1) e pluralizador /-a/ (51.1 e 52.1):

- 47) /**uhamaple**/¹⁶ [**uham**ẽple] (**vham**âplẽ-clĩ,): causa, para e por (p/ causa, motivo)

¹⁶ A ausência ou a presença do /u/ inicial na palavra /**uhamaple**/ pertence ao quadro da morfologia do Dz, e, por conta disso, não foi incluído nos casos de apagamento vocálico; já que esse âmbito gramatical não corresponde ao objeto de estudo deste trabalho.

- 47.1) /**uhamaple**/ → [hi-amɣple] (hi-amâple): para (em 1ª pessoa)
- 47.2) /k-**uhamaple**-a/ → [k-emɣple-a] (k-**uhamáple**-a ~ que-mâplè-a): para nós
- 48) /**hanakle**/ → [**hanakle**] (**hanac**lè-a): ter respeito, ter vergonha
- 48.1) /**hanakle**-te/ → [anakle-te] (anacle-te): respeito
- 48.2) /**hanakle**-buje-ba/ → [anakle-buje-ba] (anacle-buye-ba): terão grandíssima vergonha
- 49) /**habe**/ [**habe**] (**habbe**): castigar, pagar, castigo, pagamento, pena, justiça, prêmio (recompensa)
- 49.1) /**ani-habe**/ → [ani-abe] ~ [ani-abe] (anhy-abbe ~ any-abbe): prêmio (recompensa), Justiça
- 50) /**pah**/ (i-**pah**): matar
- 50.1) /**pah**-kie/ → [**pah**-kie] ~ [i-pa-kie-te] (**pah**-quie ~ i-pa-kie-te) tirar-lhes a vida
- 51) /**poh**/ (i-**poh**): olho
- 51.1) /**poh**/ → [k-u-po-a] (k-u-ppo-a): nossos olhos
- 52) /k-u-**mah**/ → [k-u-**mah**] (c-u-**mah**): nos queima
- 52.1) /k-u-**mah**-a/ → [k-u-**maɪ**] (k-u-**ma**-a): servem no fogo, calor

11 O ACENTO LEXICAL NO DZUBUKUÁ

Os indícios gráficos encontrados no catecismo Português-Dzubukuá, que parecem apontar para a presença de uma proeminência acentual, foram os diacríticos **agudo** (´), **grave** (˘) e **circunflexo** (^)¹⁷. Para isso, teve-se como parâmetro de observação a utilização deles por Bernardo de Nantes na tradução portuguesa do texto Dz, e por Mamiani no texto em Kp. Nas palavras em Pt do catecismo de Nantes, os diacríticos mencionados recaem, em quase todos os casos, sobre a sílaba tônica¹⁸. Mamiani afirma usar o diacrítico agudo, em Kp, para indicar a vogal carregada, a qual, segundo ele, “se acha na derradeira vogal de todos os vocabulos desta lingua” (1877 [1699], p. 4). No entanto, o autor da arte gramática Kp não só utiliza o agudo para isso. As sílabas finais de quase todas as palavras em sua gramática aparecem tanto com agudo, menos freqüente, quanto com grave, mais predominante. A utilização do agudo é encontrada com mais freqüência em seu catecismo Kp.

Para se chegar a uma descrição do comportamento acentual no Dz dois procedimentos foram aqui adotados: o quantitativo e o comparativo. Deste modo, foi primeiramente contabilizado o número de ocorrências em que um determinado e mesmo item lexical aparece acentuado no catecismo de Nantes – tanto na forma livre como unido a afixos. A tonicidade mais ocorrente foi adotada como padrão e a menos freqüente foi considerada variante ou um caso de oscilação acentual daquele determinado item. Porém, quando o critério quantitativo não se mostrou suficiente para postular o padrão acentual para uma determinada palavra ou deixou dúvidas a esse respeito, recorreu-se às cognatas do Kipeá (predominantemente oxítono) e a palavra de acento lexical duvidoso foi considerada como oxítona.

Vale salientar que o acento lexical, tratado nesta seção, se limitou ao que dele foi registrado por escrito, já que se trata de uma língua extinta. A ausência de dados orais, de certa forma, ofusca consideravelmente o comportamento acentual a observações mais precisas. Deste modo, devido às limitações impostas pela própria fonte analisada, este

¹⁷ O **trema** (¨) e **apóstrofo** (‘) também aparecem no texto de Nantes. São particularidades que ocorrem somente no catecismo estudado. A presença desses diacríticos utilizados pelo missionário para grafar itens do Dz e do Pt não sinaliza qualquer indício de tonicidade. Desta forma, não foram aqui considerados.

¹⁸ O circunflexo, como foi observado no capítulo da descrição das vogais, também parece ser um indicador de determinadas qualidades fonéticas dos segmentos vocálicos. Logo, em vista desta outra finalidade do circunflexo, o critério considerado aqui como o mais pertinente para se saber se este diacrítico, quando aparece em determinadas palavras, está ou não associado à tonicidade foi o da oscilação gráfica entre este mesmo diacrítico e os diacríticos agudo e grave. Isto é, quando o circunflexo aparecer em sílabas sobre as quais também recaí um dos dois diacríticos mencionados, ele será considerado também como indicador de tonicidade e não apenas como sinalizador de alofonia. Caso contrário, quando não houver coincidência, foi tomado somente como sinalizador de alofones.

capítulo se preocupou em fazer apenas um esboço descritivo do comportamento do acento, a nível lexical, de modo a delinear um panorama geral da tonicidade e suas oscilações presentes no texto doutrinário de Nantes. Para essa abordagem, preferiu-se seguir as linhas tradicionais da Ciência Lingüística, referentes ao estruturalismo, as quais se mostraram mais pertinentes ao devido tratamento do assunto; já que, ao restringir o acento às fronteiras lexicais, abstraem-se aspectos supra-segmentais verificáveis mais precisamente em dados da fala ou observáveis com auxílio destes.

11.1 Proeminência acentual

Foi observada, no Dz, a ocorrência de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas; sendo que as paroxítonas correspondem ao grupo de maior representatividade e o único formado por todas as vogais postuladas para o dialeto analisado.

O acento oxítono ocorre tanto em sílaba aberta quanto em sílaba fechada, recaindo geralmente sobre as vogais /a, e, i, o, u, œ/; e, além de dissílabos (1, 4, 6), também pode ser encontrado em palavras trissilábicas (3, 5) e tetrassilábicas (2):

- 1) [pe.'hã] (peihám-cli): fechar
- 2) [u.ha.ma.'ple] (uhamaplé-li): por (de causa)
- 3) [ha.mo.'di] (hammodi): amém
- 4) [u'.ro] (uró): isto, eis
- 5) [mi.dɛ.'ju] (muidânhú-cli-a): cobrir
- 6) [lo.'bœ] (dziclo-loboè-a): todos juntos

O acento paroxítono ocorre em sílaba aberta e em sílaba fechada. Recai sobre as vogais /a, e, i, o, u, œ, i/ e pode ser encontrado em palavras dissilábicas (7, 10, 11), trissilábicas (13), tetrassilábicas (9, 12) e num caso raro de pentassílabo (8):

- 7) ['ha.po] (i-hánho): reconciliar-se, reconciliação
- 8) [a.ni.ki.'ẽ.gi] (k-anhiquiéngui-ba): ter piedade, ter compaixão
- 9) [ti.bu.'di.na] (tibudínna): donzela

- 10) ['**no**.li] (**nó**li): porque
 11) ['**mu**.d^hu] (i-**mmú**ddhu): ventre
 12) [ho.i.[']**bœ**.ru] (i-hoi**boè**ru-a): primeiro, progenitor
 13) [ta.[']**mi**.di] (tha**muí**ddi-ba): oferecer

Foi verificado, também, que o acento paroxítono tende com mais frequência a recair em palavras terminadas por /i/:

Notação Gráfico-Silábica	Notação Silábico-Fonológica
14) u. he .bwj ~ u. hé .buy (k-uhébuy-a): lombo	[u. ['] he .bɨ]
15) lam .bwi ~ lám .bui ((i- lamb wi ~ lám bui-clj): acabar	[['] lã .bɨ]
16) ba .bwi ~ bá .bui (i- báb ui-a): enviar, mandar	[['] ba .bɨ]
17) u. tsú .hwj: isca	[u. ['] tsu .hɨ]

O acento proparoxítono, por sua vez, é bem menos freqüente que os demais e ocorre apenas em sílaba aberta, cujo núcleo é ocupado pelas vogais /a, e, i, o, u/, recaindo em palavras trissilábicas (18, 20, 21), tetrassilábicas (19) e pentassilábicas (22):

- 18) ['**ja**.ko.ro] (d-**yá**cloro): anzol
 19) [u.[']**le**.ki.di] (u**lé**quiddi): perguntar
 20) ['**bi**.dzo.ho] (a-**bíd**zoho-a): sós
 21) ['**wo**.li.dze] (d-**wól**idze): boca
 22) [ta.ru.[']**ru**.ki.e] (a-tarur**ú**quie): desprezar

A presença gráfica dos diacríticos também é verificada em estruturas monossilábicas, ocorrendo tanto em sílaba aberta como em sílaba fechada, recaindo sobre as vogais /a, e, i, o, u/ para indicar tonicidade (23, 24, 26, 27) e, em alguns casos, parece exercer também função demarcativa (25):

- 23) ['**ha**] (**há**-cli): parir

- 24) ['**de**] (di-**dè**): mãe
- 25) ['**hi**-] (**hí**-amâplè): prefixo de 1ª pessoa
- 26) ['**poh**] (i-**póh**): olho
- 27) ['**t^hu**] (**thú**-cli): decretar

Em geral, parece que, em Dz, as palavras podem apresentar, a partir da sílaba tônica, até três sílabas pretônicas ou até duas sílabas postônicas, sugerindo o padrão geral (S) (S) (S) 'S (S) (S) – cuja dinâmica pode ser verificado nos diferentes padrões a seguir nele contidos:

Vocábulo Fonológico	Padrão Acentual
28) [u.tso.' ho] (vtso hó -cli-te): afronta	S S 'S
29) [a.ni.ki.' ẽ .gi] (k-anhiqui é ngui-ba): ter piedade	S S S 'S S
30) [ta.ru.' ru .ki.e] (a-tarur ú quie): desprezar	S S 'S S S
31) [bu.ro.' nu .nu] (buron ú nnu): escravo	S S 'S S
32) [u.' le .ki.di] (ul é quiddi): perguntar	S 'S S S
33) [bi.' he] (bi hè): um	S 'S
34) [bu.' de .wo] (bud è wo): sepulcro, cova	S 'S S
35) [' pe .ne.ho] (a- pèn neho): presença	'S S S
36) [' ni .po] (n ín ho): deus	'S S
37) [' mo] (m ó -ihì): em	'S

11.2 Oscilações de Tonicidade

Foi observado que em Dz ocorrem casos de oscilações acentuais, cuja tendência maior verificada é a propensão em atrair o acento para a penúltima sílaba – sejam as palavras encontradas na forma livre ou adjuntas a afixos. Ocorrem também, em algumas ocorrências, variações para proeminências oxítonas – mais frequentes – e proparoxítonas – mais raras¹⁹.

¹⁹ Devido à pouca sistematicidade na marcação do acento gráfico presente no texto impresso do catecismo, não foi possível saber se os casos de oscilação acentual possam ter sido causados também por motivações morfológicas e/ou sintáticas. Assim sendo, as análises que aqui se seguem consideraram apenas o acento lexical do vocábulo isolado, seja ele encontrado na forma livre ou adjunto a afixos.

Todas essas oscilações são sinalizadas graficamente pelo descolamento dos diacríticos agudo ou grave para outras sílabas ou pelos casos de dupla acentuação.

O acento oxítono constitui a proeminência mais instável no Dz, o qual apresenta o maior número de oscilações, podendo se deslocar, em alguns casos, para a penúltima (38, 39, 41) e antepenúltima (38, 40) sílaba²⁰:

38) [ba.nã.'re] → [ba.'nã.re] ~ ['ba.nã.re] (a-bannanrè ~ i-bannánre ~ a-bánnanre-a) : temer

39) [a.rã.'ke] → [a.'rã.ke] (aranquè ~ aránquè)²¹: céu

40) [i.bo.'no] → ['i.bo.no] (ibonó ~ íbono): mas

41) [wi.pa.'bœ] → [wi.'pa.bœ] (wipaboè ~ wipâboè ~ wipàboè): confissão, confessionário

O acento paroxítono, por sua vez, tende a deslocar-se para a última (42, 43) e antepenúltima (44, 45) sílaba das palavras:

42) ['ba.bɛ̃] → [ba.'bɛ̃] (d-u-bábui-i ~ d-u-bábuí-lj): mandar

43) [-'he.he] → [-he.'he] (i-tsoho-héhe-clj ~ k-u-dzéya-hèhè): alguns

44) [u.'ro.bɛ̃] → ['u.ro.bɛ̃] (uróbwj ~ úróbwj): pregar, história

45) [bu.'de.wo] → ['be.de.wo] (budèwo ~ i-budèwo ~ k-u-bèdèwo-a): sepulcro, cova

O acento proparoxítono, no entanto, é a proeminência de maior estabilidade acentual, apresentando raras oscilações, e quando elas ocorrem, tendem a se deslocarem para a última sílaba:

46) [mu.'ja.ki.e] → [mu.ja.ki.'e] (munháquie ~ munhakiè): mancebo

47) ['u.ki.e] → [u.ki.'e] (úquie ~ uquiè): dia

²⁰ Foi encontrada nos dados a forma “útsódsoho” (d-útsódsoho-li), cuja estrutura parece sinalizar uma proeminência acentual na pré-antepenúltima sílaba. No entanto, verificou-se que corresponde apenas a um caso de duplicação de parte do radical da palavra oxítona “utsoho” (dad-utsoho) – afrontar, ofender, zombar. Por isso não foi considerada aqui como padrão particular ou caso isolado de acentuação.

²¹ Nos casos de dupla acentuação marcada graficamente, foi conservada aqui sua forma gráfica, mas, na transposição fonética desses casos, se preferiu marcá-los com duas transcrições, cada qual apresentando a variação acentual correspondente. Ou seja, cada uma das transcrições aparece paralelamente marcando apenas uma das sílabas proeminentes e não duas sílabas ao mesmo tempo. Evita-se, com isso, que as palavras com dupla acentuação sejam interpretadas ou confundidas pelo leitor como portadoras de duas sílabas tônicas simultâneas.

11.3 Acento como demarcador de fronteiras morfológicas

Foi verificado que, além de sinalizar as oscilações de proeminência acentual, o aparecimento simultâneo de dois diacríticos tem o papel também de demarcar as fronteiras entre palavras (48, 49), entre estas e formas presas (50) e sinalizar duplicações (51) e desdobramentos de bases lexicais (52). Isso poder ser melhor observado nas notações gráficas a seguir:

Composto	Constituintes Lexicais
48) anráyédde (dy-anráyédde-a): antepassados	anrá(n) (homem) + édde (enjeitar)
49) tsohóquíého (i-tsohóquíého-a): são antes	tsohó (ser) + quiého (antes)
50) ándzenúnhe (án-dzenúnhe-a): fugi dos laços	án- (prefixo de 2ª pessoa) + dzenúnhe (guardar-se)
51) clèclè (i-clèclè-li): ficamos manchados	clè + clè (estar/ficar manchado)
52) munháquiekiè: formosíssimos mancebos	munháquie (mancebo) + -kiè (desdobramento da parte final da palavra)

Vale ressaltar que as observações realizadas, neste capítulo, acerca do comportamento do acento em Dz se restringem apenas ao grupo de palavras que aparecem graficamente acentuadas. As demais que não apresentavam nenhum dos diacríticos mencionados não foram computadas. A ausência, nessas palavras, de algum indício gráfico que apontasse a sílaba mais proeminente impossibilitou ampliar os exemplos e se chegar a conclusões mais precisas ou a constatações mais acuradas.

12 ALOGRAFIAS²²

A presente seção reúne os casos residuais das análises, constituídos por ocorrências isoladas e por variações tipográficas sem implicações fonéticas. Essas ocorrências foram encontradas ao longo do processo investigativo e não puderam ser integradas ao capítulo dos fonemas, das alofonias, da sílaba nem ao quadro dos processos fonológicos e morfofonológicos por escaparem aos padrões regulares recorrentes no Dz.

12.1 Ocorrências isoladas²³

Neste item, encontram-se os casos isolados que podem ou não estarem sinalizando graficamente alguma implicação sonora particular; ou simplesmente podem ser decorrentes de um lapso tipográfico cometido na época em que o catecismo foi impresso. Neste intuito, primeiramente será apresentado o quadro dos alografes consonantais e depois os vocálicos.

12.1.1 Alografes consonantais

Para esta seção, foram selecionados os itens abaixo que melhor exemplificam as ocorrências residuais encontradas para as consoantes:

- 1) **boetoddi** ~ **hoetoddi** (i-**boetoddi** ~ i-**hoetoddi**): ressurreição
- 2) **urobwi** ~ **urovwj**: pregar
- 3) **tupam** ~ **kupam**: deus
- 4) **utthu** ~ **urthu**: fruta
- 5) **cotto** ~ **cotko** (i-**cotto**-a ~ i-**cotko**-a): furto, furtar
- 6) **thuitu** ~ **tbuitu** (i-**thuitu**-te ~ i-**tbuitu**-te): alegria
- 7) **podeddo** ~ **podetto** (**podeddo**-cli ~ i-**podetto**-te): cravar as mãos, chaga
- 8) **uca** ~ **uçã** (d-**uca** ~ a-**ca** ~ a-**ça**): amar, amor
- 9) **-ngwi** ~ **-hwi** (i-**hán-gwi** ~ i-**hã-hwi**): quando, tempo (sufixo adverbial de tempo)
- 10) **cangri** ~ **canhri** (i-**cangri** ~ i-**canhri**): coisa/ação boa, ser bom
- 11) **mánhem** ~ **hánhem** (mui-**mánhem** ~ mui-**hánhem**): mais

²² Devido à sua natureza duvidosa, preferiu-se, nesta seção, apresentar os exemplos apenas em sua forma gráfica.

²³ Considera-se aqui ocorrência ou caso isolado os casos constituídos por palavras que aparecem uma única vez no texto do catecismo impresso ou, mais propriamente, por variações gráficas que ocorrem somente uma vez para cada grafema ou alografe regular.

- 12) **netto** ~ **nhetto** (i-**netto**-quie ~ **nhetto**-quie-ba): lembrar
- 13) **ninho** ~ **nbinho** ~ **nhinbo** (d-u-**nhinbo**-li): deus, criador, criar
- 14) **ande** ~ **ane** (**ande**-li ~ **ane**-li): quem
- 15) **úro** ~ **úho**: isto, este
- 16) **wohôye** ~ **woyôye**: tudo, todos
- 17) **ha** ~ **dha** (i-**ha** ~ i-**dha**): parir
- 18) **aboho** ~ **aboro**: depois
- 19) **ploh** ~ **plob**: que
- 20) **ploh** ~ **proh**: que
- 21) **tetsi** ~ **tedzi**: mulher
- 22) **netso** ~ **nerso** (i-**netso** ~ i-**nerso**): saber
- 23) **adce** ~ **acce** (i-**adce**-dde ~ i-**acce**-dde): ser
- 24) **dzeya** ~ **zeya** (an-**dzeya** ~ an-**zeya**): pesar, dor
- 25) **wi** ~ **swi** (wi-**cli**-te ~ i-**swi**-**cli**-te): fazer-se
- 26) **cetobúye**: baleia
- 27) **soponhiu**: tipo de canto dos índios Dzubukuá cantado durante as refeições
- 28) **queddeze**: “um instante” (Nantes, 1709, p. 321)

As ocorrências alográficas reunidas acima além de poderem ser decorrentes de lapsos tipográficos podem estar também sinalizando as seguintes possibilidades de realização fonética:

- O alografe **h** (1, 15) pode está indicando uma variante [h] para /b/ e /r/, devido a um provável processo de enfraquecimento que muda a qualidade do ponto e modo de articulação de ambos os fonemas mencionados.
- **v** (2) pode estar representando a possível presença da variante lábio-dental [v], decorrente de um processo de fricativização do fonema oclusiva bilabial /b/, devido a uma desobstrução parcial da passagem de ar, decorrente da proximidade fonética do caráter lábio-dental e do bilabial que correspondem a pontos articulatoriamente vizinhos.
- As letras **k** (3), **rth** (4) e **tk** (5), respectivamente, podem apontar, para /t/, as realização velar [k] e possíveis processos de transição fonética, entre uma flepe e uma oclusiva surda aspirada [rt^h] e entre uma alveolar e uma velar [tk].

- **tb** (6) sinaliza talvez, na primeira sílaba da palavra, uma realização oclusiva alveolar com articulação bilabial [t^b] decorrente da labialização da articulação secundária aspirada da variante [t^h] do fonema /t/, devido à assimilação da labialidade da vogal /u/ que lhe segue.
- **t** (7) talvez aponte para a presença do alofone [t], decorrente de um processo de dessonorização ou desvozeamento sofrido pela consoante /d/ na palavra “chaga”.
- **ç** (8) pode está representando a sibilante surda [s] como variante de /k/, proveniente de um processo de fricativização da consoante velar em ambiente intervocálico.
- Os alografes **h** (9) e **nh** (10) podem está indicando a existência das variantes [h] e [ɲ], decorrentes da assimilação da consoante /g/, respectivamente, pela vogal alta /i/ que lhe segue (9) e pela nasal não-especificada /N/ que a antecede (10).
- **h**, em 11, talvez sinalize o enfraquecimento da consoante /m/, que sofre processo de fricativização, resultando na variante fricativa glotal [h].
- As alografias **nh** (12) e **nb** (13) podem está apontando para um processo de assimilação. O primeiro caso parece sinalizar a assimilação da qualidade anterior da vogal /e/ pela nasal /n/ resultando na palatal [ɲ] (12). E no segundo, pode ter ocorrido a assimilação pela nasal alveolar da anterioridade da vogal /i/, na primeira sílaba, e da labialidade do /o/ na segunda sílaba de “**nhinho**” (13) pela variante [ɲ] de /n/, gerando uma realização bilabial pré-nasal [n^b].
- **n**, em 14, talvez represente a realização nasal [ɲ], nesta ocorrência, resultante da assimilação pela consoante não-especificada de coda /N/ da propriedade alveolar de /d/ que lhe segue, gerando uma nasal alveolar.
- As alógrafas **y** (16), **dh** (17), **r** (18) e **b** (19) podem está sinalizando os alofones [j], [d^h], [r] e [b] para a consoante /h/. Os três primeiros decorrem possivelmente da sonorização de /h/ em ambiente intervocálico; e o quarto, [b], talvez resulte da assimilação da labialidade da vogal /o/ que precede a consoante fricativa.

- O **r**, em 20, pode estar sinalizando a presença do alofone [r], decorrente de um processo de roticização da consoante /l/, devido à proximidade articulatória de ambas as líquidas.
- As alógrafas **dz** (21) e **rs** (22) talvez sinalizem, respectivamente, um processo de sonorização total (21) e um outro parcial (22) da africada surda /ts/, resultando nos alofones africados sonoro [dz] e parcialmente sonoro [rs]. Enquanto as geminadas **cc**, na ocorrência 23, podem estar sinalizando um processo de fricativização da africada surda através de seu alofone [ds], gerando uma sibilante surda [s].
- **z**, em 24, parece indicar a presença da variante fricativa alveolar sonora [z], proveniente de um possível processo de fricativização sofrido pela africada alveolar sonora /dz/ em início de palavra.
- A presença da letra **s** na ocorrência 25 sinaliza o surgimento de uma sibilante surda [s] em início de palavra sem causa aparente.
- As letras **c** e **s**, respectivamente, nas ocorrências 26 e 27, podem estar indicando a presença de uma realização fricativa alveolar surda, não encontrada nas demais palavras do Dz.
- No item 28, sinaliza a provável presença da fricativa alveolar sonora /z/. Todavia, não foi encontrada outra ocorrência para a palavra “queddeze”, constituindo-se, deste modo, como o único caso encontrado em que a fricativa mencionada ocorre iniciando sílaba, sem ser alofone de algum segmento. Por conta disso e por não ter sido encontrado um par mínimo correspondente, não foi possível considerar esta realização como fonema do Dz.

12.1.2 Alografes vocálicos

Para este item, foram reunidas as ocorrências abaixo que trazem as variações alográficas residuais encontradas no texto impresso Dz de Nantes, referentes a vogais:

29) **di-** ~ **dè-** (**di**-dzeya-te ~ **dè**-dzeyate): prefixo de 3ª pessoa

30) **raiddi** ~ **raiddo** (d-u-raiddi-li ~ d-u-raiddo-li): o que leva à queda/falência

31) **-ddi** (bule-ddi) ~ **-dij** (bule-ddi ~ bule-ddij): sufixo de negação

- 32) -ngwi ~ - hwi (i-ha-ngwi ~ i-hã-hwi): quando, tempo (sufixo adverbial)
- 33) era ~ anra (d-era ~ anra)
- 34) quedamaoedhy: sangria
- 35) umuiquede ~ umiquede (dz-umuiquede ~ ds-umiquede-clj): ordenar, encomendar
- 36) tonranran ~ tonrâra (d-u-tonranran ~ d-u-tonrâra): livro
- 37) buanga ~ buenga: pecado
- 38) budewo ~ bèdèwo (di-budewo-a ~ k-u-bèdèwo-a): cova, sepulcro
- 39) dommo ~ dâmmo (ku-dommo-a ~ k-u-dâmmo-a): de
- 40) baêcla: tísica (tuberculose)
- 41) coibe ~ cobie (i-coibe-te ~ i-cobie-te): testa
- 42) ande ~ ainde (ande ~ h-ainde): quem (p/perguntas)

As ocorrências alográfico-vocálicas acima, além de poderem ter decorrido de falhas de impressão, podem está sinalizando as seguintes realizações fonéticas:

- As alógrafas **e** (29), **o** (30), **ij** (31) e a seqüência **wi** (32) parecem apontar, respectivamente, para os alofones [e], [o], [i:] e [i] para a vogal /i/. Os dois primeiros parecem ser resultantes de um possível processo de abaixamento sonoro da vogal anterior alta. O terceiro, possivelmente provém de um processo de alongamento da vogal /i/. O quarto, por sua vez, talvez decorra de um processo de centralização da vogal anterior, devido à assimilação do traço [+ recuado] da consoante /g/, tornando-se com isso uma vogal foneticamente [+ recuada].
- A seqüência **an** no item 33 talvez aponte para a ocorrência de uma variante central baixa nasalizada ou nasal [ã] que flutua, em início de palavra, com a realização anterior [e] da vogal /e/.
- A estrutura **aoe** (34) pode estar indicando uma transição fonética entre sons anteriores, um arredondado [œ] e outro não-arredondado [æ].
- O alografe **i**, em 35, parece sinalizar a presença da variante anterior [i] para o fonema central /i/, decorrente de um provável processo de anteriorização do fonema, através da assimilação do traço [+ anterior] da consoante /m/ que a precede.

- A ocorrência (36) pode estar indicando a flutuação livre entre realizações centrais baixas, uma nasalizada [ã] e outra laringal [ɐ] em meio de palavra.
- Já a presença do alografe **en** do item 37 talvez sinalize uma variação livre entre vogais nasalizadas, uma central baixa [ã] e outra anterior média [ẽ].
- A alógrafa **e**, em 38, pode estar representando, na escrita, um processo de anteriorização sofrido pela vogal posterior /u/, resultando no alofone [e], devido a uma provável assimilação da anterioridade das consoantes /b/ que lhe precede ou de /d/ que lhe segue. Essa ocorrência também pode denotar um caso de harmonização vocálica parcial cujo núcleo da primeira sílaba harmoniza-se com o da segunda, ocupado por uma vogal anterior.
- O tipo **â**, em 39, parece apontar para a presença da central média laringal [ɐ] para a vogal /o/, decorrente de um possível processo de centralização desta última vogal através da assimilação da anterioridade da consoante /d/ precedente ou da nasal seguinte /m/.
- O circunflexo que aparece no item 40 pode estar sinalizando apenas a sílaba mais proeminente da palavra e/ou pode estar apontando a possível ocorrência de uma realização anterior baixa laringal não-arredondada, o segmento [æ].
- O item 41, por sua vez, pode estar indicando um processo de metátese decorrente da alternância entre os fonemas /i/ e /b/.
- O item 42 revela, por sua vez, uma possível palatalização da vogal /a/ decorrente de sua contigüidade com a nasal não-especificada /N/. Processo esse que pode ou não ter sido desencadeado pela afixação do prefixo de 3ª pessoa /h-/ à palavra.

12.2 Variações tipográficas

Os alografes reunidos aqui correspondem a irregularidades gráficas que, provavelmente, possam ter decorrido de lapsos de impressão cometidos na época da publicação do catecismo.

- 43) **cradzo**²⁴ ~ **crazdo**: vaca
- 44) **manu-tedzi** ~ **manu-tetdзи** : filha
- 45) **kaya-dde** ~ **kahja-dè**²⁵: noite
- 46) **nhinho** ~ **nihinho**: deus
- 47) **kanatciquie** ~ **kanáteciquie**: todos os dias, ainda hoje
- 48) **i-hencoddhe-te** ~ **i-hencoddehe-te**: tentações
- 49) **búnne** ~ **búnene-te**: todos, toda
- 50) **padzw** ~ **dadzw** (**k-u-padzw-a** ~ **k-u-dadzw-a**): pai, senhor
- 51) **kuddhu** ~ **kudphu**: joelhos
- 52) **crudza** ~ **crupza**: cruz
- 53) **-te** ~ **-te** (**i-naple-te** ~ **i-naple-te**): sufixo pluralizador e nominalizador
- 54) **inhúra** ~ **ihúra**: filho
- 55) **thu** ~ **thn**: decidir, algo que depende da vontade
- 56) **radda** ~ **radda**: terra, mundo
- 57) **danadzu** ~ **dñadzu**: sede, estar com sede
- 58) **quedde** ~ **quædde**: por ventura
- 59) **ani** ~ **an!** (**h-ani -dza** ~ **h-an!-dza**: a, à (prep.))
- 60) **bruca** ~ **bruea**: vir
- 61) **hoho-de-hi** ~ **hoho-de-hj**: prefixo interrogativo e para resposta a perguntas
- 62) **kanatciquie** ~ **kanateiquie**: quase nunca, todos os dias
- 63) **quieho** ~ **quicho**: primeiro
- 64) **k-u-pádz-a** ~ **k-u-pádz-a**: nosso pai
- 65) **k-atse-a-di** ~ **k-atsd-á-di**: devemos nós fazer, nos havemos de
- 66) **bulè-idze** ~ **bulè-idue**: o grande pecado
- 67) **thú** ~ **tu** ~ **Ihú** (**thú-cli** ~ **tú-cli** ~ **Ihú-lóboe-a**): resolver-se, tomar uma decisão
- 68) **di-cangri-quie-li** ~ **di-cangri-el**: doente, doentes
- 69) **tmme-ba**: rasgou-se

²⁴ A alternância entre **z** e **d** da sequência **dz** para **zd** forma um padrão silábico inexistente em Dz cuja coda é ocupada por **z**. Isso leva a adotá-la apenas como um caso de lapso tipográfico.

²⁵ O **h** em “**cahja-dde**” (item 45) pode também estar indicando uma ocorrência de demarcação gráfica entre duas sílabas diferentes, cujo objetivo é, provavelmente, evitar com que o leitor forme ditongo decrescente com a primeira sílaba [ka] e o *glide* da segunda [ja]. Esse mesmo procedimento foi verificado em estruturas semelhantes em português do próprio texto do catecismo:

a) **cahir** ~ cair b) **sahir** ~ sair c) **dahi** d) **prohibio** e) **instituhio** f) **ahi** g) **prohibio**

Os itens acima sinalizam os seguintes casos de alografias:

- A intrusão de uma consoante entre sílabas (43 a 45) e das vogais anteriores **e** e **i** entre a articulação de grafemas que representam uma nasal palatal (46), um segmento africado (47), um aspirado (48), e entre grafemas geminados (49).
- O aparecimento dos alografes **d** (50), **p** (51), **pz** (52), **ɸ** (53), **u** (54), **ʒ** (56, 57), **ə** (58), **!** (59) e **n** (55) decorrentes da inversão dos grafemas **p**, **d**, **dz**, **t**, **n**, **a**, **e**, **i** e **u**, respectivamente. Este fato também ocorre no texto em Pt para as letras **n** e **u**, gerando, por exemplo, as oscilações gráficas “**em**” ~ “**eu**”, “**communhaõ**” ~ “**commuuhaõ**” e “**communicação**” ~ “**commnnicação**”.
- A ocorrência da alternância gráfica entre consoantes e vogais (60 a 67), até com o **c** e **z** das seqüências consonantais **tc** e **dz** gerando as alógrafas **te** (62) e **du** (66).
- O surgimento gráfico de tipologias silábicas que não atendem ao padrão regular permitido pelo sistema fonológico do Dz (68, 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos indícios gráficos encontrados diretamente no texto em Dz e do confronto entre o catecismo do Frei Bernardo de Nantes e a arte gramática, o catecismo do padre Luís Vicêncio Mamiani e os estudos de Azevedo (1965), chegou-se à constatação da presença de 23 fonemas, constituídos pelas 14 consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, h, l, ts, dz/, os 2 *glides* /w, j/ e as 7 vogais /a, e, i, o, u, œ, i/. E com base nas variações gráficas regulares desses grafemas em ambientes específicos foram delineadas as respectivas realizações alofônicas dos fonemas postulados.

Foi verificado também que a fonologia do Dz permite a ocorrência dos 6 padrões silábicos V, CV, CCV, VC, CVC e CCVC integrados ao padrão geral (C)(C)V(C) – de núcleo obrigatório e ataque e coda facultativos. O ataque pode ser ocupado por todos os fonemas consonantais e *glides* postulados e ser constituído por até duas posições, cuja segunda é ocupada apenas pelas líquidas /r, l/. A coda, por sua vez, é ocupada somente pelas consoantes /h, N/.

Dentre os 25 itens analisados que sofreram processo de apagamento de um dos seus núcleos silábicos, 20 deles preservaram o mesmo número de sílabas – constituindo 80% do total; enquanto 05 destes, devido ao apagamento, sofreram redução silábica – constituindo 20% do total. Essas ocorrências, portanto, sinalizam que há uma maior tendência da fonologia do Dzubukuá para a preservação do número de sílabas, sendo pouco frequentes os casos de redução silábica. Como também os resultados revelam que há uma tendência à preservação e manutenção de sílabas abertas, em especial do padrão CV – considerado ótimo para o dialeto estudado.

Em Dz foi observada a ocorrência de processos fonológicos de assimilação (palatalização e nasalização), alçamento vocálico, alongamento vocálico, elisão, o que inibe a realização da forma espaiada da nasal palatal e casos de apagamento desencadeados fonologicamente e/ou morfofonologicamente.

Quanto ao acento, os dados analisados indicam a ocorrência de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, com predominância das segundas (paroxítonas) tanto nas palavras com ou sem oscilação acentual.

Durante o processo de análise, foram encontradas ocorrências que escaparam aos padrões fonético-fonológicos regulares observados no Dz. Estas ocorrências são constituídas

por casos isolados de natureza duvidosa – que podem ou não sinalizar realizações fonéticas específicas –, e por alografias provenientes de possíveis lapsos de impressão.

Espera-se, então, que o presente trabalho de investigação lingüística não só venha a representar uma contribuição aos estudos lingüísticos do Tronco Indígena Macro-Jê e às teorias lingüísticas em geral, mas também represente uma forma simbólica, em respeito à memória dos índios Dzubukuá, de apoio à luta dos grupos indígenas, que resistem ainda hoje contra uma suplantação sociocultural.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, M. B. & WETZELS, L. (Orgs.). Fonologia do português. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 23. 1992.
- ADAM, L. **Matériaux pour servir a l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille kariri**. Paris: J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur, 1897, t. XX.
- ANCHIETA, J. de. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990 [1595]. (Monumenta Anchietana – Obras Completas, v. 11).
- AZEVEDO, G. M. C. de. **Língua kariri**: descrição do dialeto kipeá. 1965. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto Central de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- BANDEIRA, M. de L. **Os kariris de Mirandela**: um grupo indígena integrado. Salvador: UFBA, 1972. (Col. Estudos Baianos, n. 6).
- BARROS, M. C. D. M.** Notas sobre os catecismos em línguas vernáculas das colônias portuguesas (séculos XVI-XVII). **Iberoromania**, Tubingen, v. 57, p. 27-63, 2003.
- _____. A relação entre manuscritos e impressos em tupi como forma de estudo da política lingüística jesuítica no século XVIII na Amazônia. **Letras**, Curitiba, n. 61, p. 125-152, 2003.
- _____. Um caso de política lingüística: a questão do intérprete e do discurso religioso no Brasil colonial. **AMERÍNDIA**, n. 11, 1986. Disponível em: <http://celia.cnrs.fr/FichExt/Am/A_11_04.pdf>. Acesso em 10/09/2007.
- BATISTA, R. de O. Das letras que se usam e das que faltam nessa língua: o tratamento da parte sonora da língua em artes de gramática do Brasil colonial. In: FRANÇA, A. & PETTER, M. (Orgs.). **Afinal, já sabemos para que serve a lingüística?**. São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002, p. 87-99.
- _____. Línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **Boletim VII**, São Paulo, p. 13-39, 2004.
- _____. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 121-147, 2005.
- BISOL, L. Aspectos da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, v. 8.2, 1992, p. 263-283.
- _____. (ed.). Atas do seminário de fonologia. **Letras de Hoje**, v. 29, n. 4, Porto Alegre: PUC-RS, 1996.
- _____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**: novos estudos. 2.ed., São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, v. VII, p. 701-742, 1999.
- _____. **Introdução a estudos de fonologia do português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2005.

- BORGES, L. C. O curso de Nheengatu de Couto de Magalhães. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas: Unicamp/Pontes, n. 13/14, p.75-88, 2004. (Histórias das Idéias Lingüísticas – hil).
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Campinas: 1981. Tese (Livre Docência) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CALLOU, D. & LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 10.ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Coleção Letras).
- CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARR, P. **Phonology**. London: The Macmillan Press, 1993. (Modern Linguistics Series).
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. Nova York: Harper & Row, 1968.
- _____. Algumas questões de controvérsia na teoria fonológica. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística: fonologia e sintaxe**. Campinas: Unicamp, v. II, part. II, p. 85-130, 1981.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 1995, p. 245-306.
- CLEMENTS, G. N. & KEYSER, S. **CV phonology: a generative theory of syllable**. Cambridge: CUP, 1983.
- COSTA, J. F. da. **Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-fonológicos**. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERRARI, A. T. **Os kariri, o crepúsculo de um povo sem história**. São Paulo: USP, 1957
- FERREIRA NETTO, W. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FIGUEIRA, L. **Grammatica da lingua do Brasil**. Leipzzig B.G. Teubner, 1878 [1687].

- GALINDO, M. **O governo das almas**: a expansão colonial no país dos tapuias – séculos XVII e XVIII. 2004. Tese (Doutorado em História), Leiden Universiteit, Amsterdam.
- GLEASON JR., H. A. **Introdução à lingüística descritiva**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- GOEJE, C. H. de. O cariri (nordeste brasileiro). **Revista do Instituto do Ceará**, n. XXIV, p. 147-178, 1932.
- GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.
- GUEDES, M. **Suyá**: a língua da gente, um estudo fonológico e gramatical. 1993. Tese (Doutorado em Lingüística) – Departamento de Letras, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas.
- HALLE, M. Conceitos básicos de fonologia. In: LEITE, Y. F. & LEMLE, M. (Orgs.). **Novas perspectivas lingüísticas**. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 115-128.
- HYMAN, L. **Phonology**: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart & Winton, 1975.
- JAKOBSON, R. **Seis Lições sobre o Som e o Sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977. (Série Literatura/Ciências da Linguagem).
- JOHNSON, W. & ROCA, I. A. **Course in phonology**. Oxford: Blackwell, 1999.
- KATAMBA, F. **An Introduction to Phonology**. Longman, 1989.
- KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative grammar**. Cambridge/Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.
- KINDELL, G. E. **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: SIL (Summer Institute of Linguistics), 1981.
- LASS, R. **Phonology**: an introduction to basic concepts. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- LAPENDA, G. **Estrutura da língua Iatê**. Recife: UFPE, 1968.
- LARSEN, T. Case marking and subjecthood in Kipeá Kirirí. **BLS**, n. 10, p. 189-205, 1984.
- LEITE, S. **História da Companhia de Jesus**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1945], v. 5. (Col. Reconquista do Brasil, 2ª série).
- LEITE, Y. F. A gramática de Anchieta: 500 anos de língua tupi. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 28, p. 42-47, 2000.
- MAMIANI, L. V. **Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri**. 2.ed., Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1877 [1699].

_____. **Catecismo da doutrina christã da lingua brasilica da nação Kiriri**. Nota introdutória de Robolfo Garcia. Edição Fac-Similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942 [1698].

MARIANO, A. Ritual do toré kiriri: o prazer de estar junto. In: **Índios kiriri**. Salvador: FAGED/UFBA, 2001. Disponível em:

<http://www.faced.ufba.br/~dept02/kiriri/agnes/materia_agnes.htm>. Acesso em: 27 de novembro de 2005.

MATA, V. L. C. Kariri-Xocó. In: **Índio**. 1999. Disponível em: <<http://www.pegue.com/indio/kariri.htm>>. Acesso em: 27 de novembro de 2005.

MARTINET, A. **A lingüística sincrônica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971. (Biblioteca Tempo Universitário – 23).

MEADER, R. E. **Índios do nordeste**: levantamento sobre os remanescentes tribais do nordeste brasileiro. Brasília: SIL, 1978.

MENEZES SOBRINHO, T. P. de S. Contribuição para o Estudo das Afinidades do Kariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 42, p. 3-21, 1928.

_____. Sistema de parentesco dos índios cariris. **Revista do Instituto Ceará**, Fortaleza, n. 61, p. 163-180, 1947.

_____. As origens dos índios cariris. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, n. 64, p. 314-347, 1950.

MÉTRAUX, A. Une nouvelle langue tapuya de la région de Bahia (Brésil). **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, n. 40, p. 51-58, 1958.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. **Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras**. 2.ed., São Paulo: Cortez, v.1, c.4, p.147-179, 2001.

MOUNIN, G. **Introdução à lingüística**. Lisboa: Martins Fontes, 1968.

NANTES, Frei B. de. **Relato da missão dos índios kariris do Brasil, situados no grande rio são francisco do lado sul a 7º (graus) da linha do equinócio**. Tradução de Gustavo Vergetti a partir da leitura diplomática de Pedro Puntoni. 12 de setembro de 1702. (Versão portuguesa da parte introdutória do manuscrito em Francês-Dzubukúá microfilmado).

_____. **Relation de la mission des indiens Kariris du Brezil situés sur le grand fleuve de s. françois du costé du sud a 7 degrés de la ligne equinotiale**. 12 de setembro de 1702. (Manuscrito microfilmado da versão em Francês-Dzubukúá).

- _____. **Katecismo indico da lingua kariris**. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 1709. (Material impresso microfilmado).
- NANTES, Pe. M. de. **Relação de uma missão no rio são francisco. relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostolico no Brasil entre os índios chamados cariris**. Tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Nacional; Brasília INL, 1979 [1706]. (Brasiliana, v. 368).
- NASCIMENTO, M. T. S. O povo indígena kiriri. In: **Nação kiriri**. Salvador: FAGED/UFBA, 2001. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~kiriri/kiriri/datas_jean.htm>. Acesso em: 27 de novembro de 2005.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NUNES, J. H. **A gramática de Anchieta e as partes do discurso**. In: GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Língua e cidadania: o português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996, p. 139-150. (História das idéias lingüísticas).
- OLIVEIRA, J. P. de. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 4. n. 1, p. 47-77, 1998.
- PIKE, K. L. **Phonemics a technique for reducing languages to writting**: Ann Arbor. Michigan: University of Michigan Press, 1943.
- POMPA, C. Cartas do sertão: a catequese entre os kariri no século XVII. **Anthropológicas**, ano 7, v. 14, n. 1 e 2, p. 7-33, 2003.
- RIBEIRO, R. da S. O catecismo kiriri: a lei de Deus e o interesse dos homens. **Sícculum**, João Pessoa, n. 13, p. 39-51, jul./dez. 2005.
- RODRIGUES, A.D. **O artigo definido e os numerais na língua kiriri, vocabulário português – kiriri e kiriri – português, separata dos arquivos do museu paranaense**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1942, v. II, art. X, p. 179 - 212.
- _____. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. Prefácio de Ruth Monserrat. São Paulo: Edições Loyola, 1986. (Col. Missão Aberta – 11).
- _____. O conceito de língua indígena no Brasil: os primeiros cem anos (1550-1650) na costa leste. **Línguas e instrumentos lingüísticos**, Campinas: Pontes Editores, p. 59-78, 1998. (Col. Histórias das Idéias Lingüísticas).
- _____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. In: **Línguas do Brasil. Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 35-38, jun. 2005.
- _____. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. *et all* (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Fundo de Cultura da Bahia, 2006, p. 143-161.

SAPIR, E. A realidade psicológica dos fonemas. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**: fonologia e sintaxe. Campinas: Unicamp, 1981, v. II, part. II, p. 37-55.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20.ed., São Paulo: Cultrix, 1997 [1916].

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H. & SMITH, Van Der. **The Structure of Phonological Representations**. Foris: Dordrecht, 1982, part. II, p. 337-383.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K. *et all* (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

SILVA, J. C. **Arqueologia no médio são francisco**: indígenas, vaqueiros e missionários. 2003. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 4.ed., São Paulo: Contexto, 2001.

SOUSA FILHO, S. M. de. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwe-Xerente (Jê)**. Goiânia: UFG, 2007. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SOUZA, S. L. Fonologia segmental da Língua Xerente. In: SIMPÓSIOS INTEGRADOS DE LETRAS – Linguagem: Múltiplos Olhares. **Anais**. 05 a 07 de outubro de 2005. Goiânia: UFG, 2005.

SPENCER, A. **Phonology**. Oxford: Blackwell Publishers, 1986.

TRUBETZKOY, N. A Fonologia atual. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**: Fonologia e sintaxe. Campinas: Unicamp, 1981, v. II, part. II, p. 15-35.

VAN DER HULST, H. & SMITH, N. Advances in non-linear Phonology. Dordrecht: Foris Publications, 1985.

VAN DER HULST, H. & SMITH, N. (Eds). The Structure of Phonological Representations. Dordrecht: Foris Publications, 1982, part I e II.

VASCONCELOS, Pe. S. de. Crônica da Companhia de Jesus no estado do Brasil. 3.ed., Petrópolis: Vozes, v. I, 1977 [1663].

VON MARTIUS, C. F. Beiträge zur sprachenkunde amerika's zumal brasiliens. Leipzig: Friedrich Fleisher, 1867, v. II.

APÊNDICE

PEQUENO VOCUBLÁRIO DZUBUKUÁ-PORTUGUÊS

O presente vocabulário se encontra constituído apenas dos itens lexicais utilizados ao longo do desenvolvimento desta dissertação para exemplificar os comentários. Para melhor facilitar sua localização por parte do leitor, os vocábulos aparecerão em ordem alfabética, transcritos graficamente na forma livre; e, quando necessário, aparecerá entre parênteses o contexto morfológico do qual eles foram retirados. As formas lexicais aqui escolhidas foram as que, quantitativamente, ocorrem com maior frequência no texto impresso do catecismo.

< A >

-a (k-u-padzu-a): sufixo pluralizador

aboho: depois, com (de companhia)

ádhè: cozido

aëco (aëco-cli): negar, enjeitar

aindhe, **aindhè**: carne, animal

amara (k-amara): cântico

ambule (h-ambule-a): pressa

ammj (h-ammj): manjar, comer

amoeda (d-amoeda): mão

amwi (h-amwi): com, para

ana, **anna**: querer

ande: quem, a quem (p/perguntas)

anhi-, **any-**, **a-**, **an-**, **anhy-**: alomorfes do prefixo de 2ª pessoa

anhiaquiengwi (k-anhiaquiengwi-a):

ter/causar compaixão, ter piedade

anhiquie (anhiquie-ngui): saudoso, ter saudade

anhirocla: excomungar, ser excomungado

anhy: alma

ankui: chorar

anran: homem

anranyedde (anranyedde-a): antepassados

any, **ani** (h-any, h-ani): a, à, ao (prep.)

aránquè: céu

atse (k-atse-a), **adce** (i-adce-de), **andce**: ser

nhanhique (a-nhanhique): suspirar

nienwo, **nhienwo**: diabo

< B >

ba (ba-a): morar, viver

bababoète: lanceta, espeto

babui (i-babui-ba): enviar, mandar

baddoye (hy-baddoye): descendente

badze: fumo, uma das divindades

principais dos Dz, deus do fumo dos Karirí

baêcla, boecla, becla: tísica (tuberculose)
bannahoya: outro, outra, alheio
bannanré (i-bannanré): temer, ter medo, estar com medo
banran: começar, origem
banunnuru: estar/ser misturado
bapi (a-bapi-tè): estar deitado
bé (bé-ba): colher
behedzi: melancia
benhie (i-benhie): sinal, orelha, ouvido
bennebuye: igual
bepli (bepli-ba): logo, num instante
bette (i-bette): para
bewi (i-bewi-clj): chegar
bidzebro: rosto
bidzegradda: aborrecer
bidzoho (di-bidzoho): ninguém, alguém, todos (referente a pessoas)
bihè: um (numeral)
bo: de, para
bodzo: machado
boè (i-boè): subir
boèboe (i-boèboe): escada
boeddo: monte
boetoddi: ressuscitar, ressurreição
boette (a-boette): roça
boho: ou

boitto: matrimônio
bonhiahem: adivinhar
bonnura (bo-nnura): filho
bororu: bexiga (varíola)
borununnu: escravo
bowitane: sacerdote, vigário
brucâ: vir depressa
bu- (bu-cu): branco
buanga: pecado
bucco: lama, barro
budewo: sepultura, sepulcro, cova
budiro (budiro-de): sem tardança, logo
buidapri (buidapri-ba): dar pancada
buidha (buidha-ba): quebrar-se, estar quebrado
buidi: cinzas
buipui (buipui-ba): restituir
buiran: irmão mais novo
bulè (i-bulè-a, bulèè): mal, gula
bunne: todos, toda
buô (buô-te): sustento
buppi: pequeno
buque: ser formoso
buyehoho: corpo
bwj (i-bwj): pé
bydzamu: feiticeiro, bruxa

< C >

cabara: cabra, cabrito
cangri: ser bom, bom, virtuoso, ações boas,
caya (i-caya): noite

caye (i-caye): manhã
cetobúye: baleia
claraido (claraido-cli): descer

clèclè (i-clèclè-a): imundície, mácula, ficar manchado
clayahè: cavador
climi: lontra
clo: entrar
cloddi (i-cloddi-a): ser forte
clu (clu-clj): beber
clubwj: muito, muitos
cluclu (cluclu-te): cálice
coibe, **coibè** (i-coibè): testa
cotto (i-cotto-te): furtar, furto
crabu (di-crabu): peito

cradzo: besta, gado, vaca
cro: pedra
crudza: cruz
cucu (i-cucu-te): tio
cudsu (i-cudsu-te): ter vergonha
cúnhie (i-cúnhie): frio
cunne: dúvida (empregado também para pergunta)
cunne: por ventura, dúvida (empregado também para pergunta)
kayacu: lua, mês
kunhie (kunhie-ba): frio

< D >

dahandcj: lá, acolá, ali
dahecluj: o fim, depois
damwj: levar consigo
danadzu: sede, estar com sede
danlan (d-u-danlan-quie-li): querer
dannj: matéria
dapuca: galinha
dato: pôr-se/estar (de joelhos)
dcebu (i-dcebu-tte): cabeça, princípio, primeiro
-de (pi-de): sufixo interrogativo e p/respostas a perguntas
di-, **d-** (di-dzey-a-te,): alomorfes do prefixo de 3ª pessoa
dehém, **dehèm**: e, nem, também
dhè: dente
dhè: mãe
-di (i-bo-di): sufixo verbo-temporal indicador de futuro e de negação

do (do-cli): comer
do ihi: agora, hoje
do: de, para, por
dommo (i-dommo): com, de, em (prep.)
dsátte (dsátte-ba): aparelhar
dsecca (i-dsecca-te): cume
dseho: pessoa, homem, gente
dz- (dz-umuiquedde): prefixo de 1ª pessoa
dzacca (a-dzacca-te): sogro, sogra
dzecu: saliva
dzenne (i-dzenne): medo, para
dzenunhie (an-dzenunhie): guardar-se
dzeya (hi-dzey-a): dor, pesar, ficar/estar triste, ficar sentido, arrepender-se, arrependimento
dzicu: bugio (espécie de macaco)
dzo: chuva
dzu: água
dzwi (i-dzwi-ba): voltar

< E >

ebbi (h-ebbi): beijo

ecoddo (h-ecoddo): viático

ej (hi-ej): para (prep.)

elui (hi-elui-te): arraial

enunhie (h-enunhie): entre

era (d-era): casa

emũmu, emmumu (h-emũmu-te ~ h-

emmumu-te): dito supersticioso,

superstição antiga

e-: sufixo de 2ª pessoa

< G >

guenhie: feijão

< H >

ha (i-ha): parir, nascer

habbe: castigo, castigar, justiça, pagar,
paga, pagamento, pena, prêmio
(recompensa)

hammodi: amém, assim

hanaclè (hanaclè-a): ter vergonha, ter
respeito

hanho: reconciliar-se, reconciliação

hebbe (di-hebbe): limite, fronteira

-hèhè, -hèhe (i-tsoho-hèhe-clj ~ k-u-
dzéya-hèhè): alguns

heitte (heitte-te): nora

hémwi: céu

hencoddhe (hencoddhe-ba): ser tentado,
tentação

-hi (v-plè-nu-quie-ba-hi): sufixo usado
para respostas afirmativas

hiquia: moça

hiquie: coisa alheia, bens

ho: contra

hoho: ser diferente, distinto

hoiboèru (i-hoiboèru-a): progenitor,
princípio

hww: oh! (interjeição)

hi-, h-: alomorfes do prefixo de 1ª pessoa

< I >

idho: tomar partido, estar ao lado de alguém

i- (i-tte): prefixo pessoal de 3ª pessoa

ibonò: contudo, mas, porém

idce: eu, me

idhi (k-u-idhi): coração

idhu: fogo

-idze (crodce-idze): puro, verdadeiramente

ihemdzi: árvore

ili (k-u-ili): livrar-se

inharó: portanto

inhunhu: filhos

inhura: filho

< J >

jará: estar inchado (inflamado)

< K >

kabâra: cabra, cabrito

kabbi: arrependimento

kanatciquie: todos os dias, ainda hoje, quase nunca

kanatcj: amanhã

karai: homem branco

katci: cá perto

katti: mel

kludimu: covo (armadilha) para peixe

kó: e

kotso: negro

kuddu, kuddhu: joelho

kunne: dúvida (empregado também para pergunta)

k-: prefixo de 1ª pessoa

< L >

lambui (i-lambui-quie-ba): acabar, terminar, ter fim

lanlan (d-u-lanlan-li): desejar

lè (i-lè): agastar-se

-li (d-u-pa-li): sufixo de agente

-loboè (dziclo-loboè-a): todos juntos

leidce: mato

< M >

maddhia: pesado

mah (c-u-mah): queimar, queimar-se, arder

maiboh: tomar
malidza: guerra
manhem: mais, outra vez
manne: trincheira
manutedzi : filha
mara: cântico
me (me-cli, i-me): dizer, orar, oração, rogar, rezar
me: jenipapo
meidhuy (immeidhuy): costa, costela
melebba: altar
menne (i-menne-tte): ira
mo: em

moenaham: hoje
mó-ihí: em
molè: daqui a algum tempo, depois de algum tempo
mono: como
moro (i-mmoro-ho): ser assim
morottha: caber
motto: encher
muddhu (i-mmúddhu): ventre
muidânhú (muidânhú-cli-a): cobrir
muiddo: ser levado
munhaquie: moço, soldado, mancebo
mwí, muj, mwj, mui: receber

< N >

nabâlu: costas
nabetce (nabetce-ba): esquecer-se, esquecer
nabidze: nariz
nanhe: o primeiro, o principal, o mais importante dentre os membros de um grupo
ne (di-nne-li): obedecer
ne: olhar
nelu: mas, porém
netso: conhecer, saber
netto: lembrar-se, lembrar
-ngui (k-u-ha-ngui): quando, tempo (sufixo adverbial de tempo)
nhatte: trabalhar, fazer, trabalho

nhe (i-nnhe): garganta
nhenetti: recomendar
nhia (i-nhia): morrer
nhicoro: preguiça
nhiu (a-nhiu): comer
nhiu (a-nu-nhiu), **nhu** (i-nhu): filho
nianddi: óleo
nianhi, nianhy, nianhj: sal
ninho, nhinho: criar, criador, deus
nnu (i-nnu): entrada
no: de, por, se, quando
noli: porque
nudi, nuddhi (nudi-cli-a, nuddhi-cli-a): resolução, resolver-se
nunhie: guardar

< O >

odde: que (p/perguntas)

oddengui: quando (p/perguntas)

-onhe: boa, verdadeiro, bem

< P >

padzu (k-u-padzu-a): pai, senhor

pah (pah-clj): matar

péhan, peihan (i-péhan-cli-te, i-peihan-cli-te): estar fechado, estar preso, fechar

pele (pele-tto), **pèlè:** dizer, sair

pelibo: apagar

pemwi (pemwi-ba): abrir

penneho (i-penneho-de): diante de, em presença

pette: partir em pedaços

pi (pi-de): estar em algum lugar

pitta: rede

pli (pli-ba): perdoar, absolver

pli (pli-cli-a): deixar

ploh: que, pouvera deus (oxalá!)

podeddo (podeddo-cli): cravar as mãos, chaga

podso (pe-podso-búye): acordar

poh (i-poh): olho

poh (poh-ba): dar bofetadas, bater

Politan: uma das divindades principais dos Dz

ponhie (di-ponhie-li): desonesto

ponhiubutçu (i-ponhiubutçu-te): rude

poppo (i-poppo): irmão mais velho

pote (i-pote-te): tocar, soar

propwj: melão

puih (i-puih): alagar

< Q >

quedamaoedhy: sangria

quedde (i-quedde): dizer

quedde: por ventura (p/ perguntas)

queddeze: um instante

quenhie: antes, antigamente

-quie (di-cangri-quie-li): sufixo de negação

quieho: antes, primeiro

< R >

raca: peixe que morde a isca

radda: terra, mundo

raiddi, raiddo (d-u-raiddi-li, d-u-raiddo-li): o que leva à falência, à queda

rihu (dz-û-rihu): lagoa

-ronne (netto-ronne): frequência, fazer algo repetidas vezes

runhiu: caldeira
ro: roupa, vestido

< S >

soponhiu: canto Dz cantado durante as refeições

< T >

batti: ano, estrela
potthu (i-potthu-te): terrível, medonho
tapuinhiu: preto, negro
taruruquie (i-taruruquie): negligência, desprezar
tattho: ser devedor
tcého (tcého-clj): procurar
-te (i-peddi-te, i-buanga-te): prefixo nominalizador e pluralizador
te (te-ba, the-ba): vir
te (te-cli): descer
teddi: oferecer, ser oferecido, sacrifício, sacrificar-se
tepélè, tepèlê: parecer, ser parecido
tetsi: mulher
thae (thae-clj): fazer força
thamuidi (thamuiddi-ba): oferecer
theque (di-theque): neta
thuitu (i-thuitu-a): estar alegre, alegria
ti (ti-ba): aplicar
tibudinna: donzela, moça virgem

tidzèboè: relâmpago
tili: sentenciar, sentença
titti (titti-ba): tremer
tmme (tmme-ba): rasgar-se
to: poder, fazer
tocloclu (tocloclu-te): marcar, ser marcado
toidoè (i-toidoè): opor-se, ir contra a uma lei, não obedecer a um mandamento
tonranra, tonrâra (d-u-tonranra, d-u-tonrâra): livro
tso (di-tso-li): derramar
tsoho (i-tsoho): haver, ser, ter
ttho (k-u-ttho-a): primeiro pai
tu, tû, thú (tu-cli-a, tû-cli, thú-cli): resolver-se, decidir-se, tomar uma resolução/decisão, algo que depende da vontade
tudénhie: antigamente, ao princípio
tupam: deus
wanye: tapuyas bravos

< U >

ubabanhi (dz-ubabanhi): esperar
ubbi (k-ubbi-a): ver
ubuiro (k-ubuiro-a): ventre, barriga
uca (d-uca, d-uca-li): amar, amor
ucaico: calar, omitir, encobrir
udhu (dz-udhu): fogo, inferno
uha: catarro
uhamaple (uhamaple-ddi): para, por (de causa, motivo), causa, motivo,
uhebwj, uhébuy (k-uhébuy-a): lombo
ulequiddi (dz-ulequiddi): perguntar

umuiquede (umuiquede-te): mandamento, obedecer, encomendar, ordenar, mandar, preceito
unnu (dad-unnu-a): dormir
unnu: sofrer, ódio
uplè: mentira
upuh (puh, upu-te): assopro, assoprar
uquie: dia
uro: eis, este, esse, isto, isso
utsoho (dad-utsoho): afrontar, afronta
utsoho (d-utsoho-li): fazer
utthu: fruta

< V >

vquewo: peçonha
vbwiro, vbuiro: ventre, barriga
vclèm: sabre
vplè: mentira

vro: eis, este, esse, isto, isso
vtsodsoho: zombaria, afronta, ofender
vtsúhwj, vtsúhwi, utsúhwj,: isca

< W >

padzwarè: padre, sacerdote
wan (wan-quie): haver
wanadzi: remédio
wanaguidze: uma das divindades principais dos Dz
wanganle (wanganle-te): ser pobre, pessoa mal-vestida, vil criatura
wanhi, wwanhi (wanhi-cli-hi, wwanhi-cli-hi): procurar
wanhu (j-wanhu): inveja
wanwanddè: jejum, jejuar
wanycutsu: batizar

warè: sacerdote
wecolè: avareza
wecote: vedado, proibido, vedar, proibir
wi (di-wi-lj): fazer-se, formar-se
wi (wi-cli): ir
winhu: menino
wipaboè: confessar, confessar-se, confessor, confissão
witane: dois
witanedique: três
wo: caminho, modo, como

wohoye: tudo, todos

wolidze (d-u-wolidze): boca

wrobwi: ensino, história, pregar, pregação,
novas (dar notícias, dar as novas), doutrina,
tradição

wwrio, wríoo: ajudar

< Y >

yabálu: raivoso

yaboè (pe-yaboè-clj): juntar, misturar

yácloro: anzol

-ye (bu-ye): muitos